Bliss
Uma
Pitada
de
Magia
KATHRYN LITTLEWOOD
SALAMANDRA

Bliss
Uma
Pitada
de
Magia
KATHRYN LITTLEWOOD
SALAMANDRA

KATHRYN LITTLEWOOD

Tradução de Marina Garcia

SALAMANDRA

Agradecimentos

Foi em 2011, na cidade de Nova York, que Kathryn Little-wood escreveu este volume.

Ela se apoiou muito no esplêndido gênio criativo de Ted Malawer e Michael Stearns, da Inkhouse Literary, para coletar os ingredientes da história. Depois, amparou-se na orientação editorial inspirada de Katherine Tegen e da família Katherine Tegen Books para aparar as bordas queimadas da história e cobrir sua totalidade com um glacê luxuoso.

Kathryn Littlewood confiou diariamente na tenra sabedoria e criatividade de seu próprio clã de mulheres mágicas: Jocelyn, Laura Jean, Emily e Alexandra.

Quando terminou, dedicou parte da seção de agradecimentos deste livro a essas pessoas maravilhosas porque, sem elas, estaria com fome, solitária e bastante desolada.

Além disso, ela assistiu com muita atenção, várias vezes, ao Food Network.

PRÓLOGO
Magia pré-embalada

Nove meses após a tia Lily roubar o Tomo de Culinária Bliss bem debaixo de seu nariz, Rosemary Bliss descobriu algo horrível nas prateleiras do Supermercado Ralph, no centro de Calamity Falls.

Os tênis de Rose guincharam no chão quando ela estacou.

Bem na sua frente, em cada uma das dezenas de caixas de papelão, via-se o rosto sorridente da tia mentirosa e trapaceira. Cada caixa exibia uma faixa: INGREDIENTE MÁGICO DE LILY! COMO VISTO NA TV.

O vidro de tamanho econômico de maionese que Rose segurava escorregou de suas mãos e se espatifou no chão.

– Mãe! – berrou ela.

Purdy, mãe de Rose, chegou correndo.

– Ai, meu Deus!

– Não, mãe, não é a maionese. Veja! – Rose apontou para as caixas de Ingrediente Mágico de Lily.

Desde que desaparecera com o Tomo mágico de Culinária da família Bliss, tia Lily cumpriu a promessa de usá-lo para se tornar famosa. Escrevera um *best-seller, A Magia de Lily em 30 minutos*, e tinha um programa de culinária na TV. Agora lá estava ela, sorrindo, feliz, nas prateleiras do

supermercado, enquanto o resto de Calamity Falls caía em um triste desânimo.

Sem o Tomo, Purdy e Albert Bliss não tiveram escolha senão fazer tortas, *muffins* e *croissants* comuns das páginas de um simples livro de receitas Betty Crocker. É claro que os pães e doces ainda eram deliciosos e os moradores de Calamity Falls ainda vinham todas as manhãs, como sempre; mas a magia da cidade se extinguira, deixando tudo e todos se sentindo moles, cinzentos e murchos, como repolho cozido.

Na foto da caixa, Lily parecia mais bonita do que nunca. Deixara crescer o cabelo, antes curtíssimo, que agora lhe caía nos ombros em ondas perfeitas da cor de chocolate escuro. Ela sorria, sedutora, as mãos nos quadris cobertas com luvas térmicas de cor laranja. “Junte uma colher de sopa a qualquer uma das receitas de *A magia de Lily em 30 minutos*”, dizia a caixa, “para uma pitada de magia!”

– Veja só! – exclamou Purdy, lendo a caixa: “Não supre o mínimo necessário de ferro ou vitamina C. Ingredientes: Secretos. Aprovação da FDA[1]: pendente”.

– Por que alguém comeria qualquer coisa que não foi aprovada pela FDA? – estranhou Rose.

– Lily é famosa – disse Purdy, tirando a franja desgrenhada dos olhos. – As pessoas veem seu rosto e já passam o cartão de crédito. Além disso, veja o tamanho das letrinhas.

APROVAÇÃO DA FDA PENDENTE.

– O que faremos, mamãe? – sussurrou Rose, sentindo o cabelo da nuca em pé, ereto, como um soldado. Rose já se sentia muito culpada por saber que o maior erro de sua jovem vida, confiar na traiçoeira tia Lily, trouxe calamidade a Calamity Falls. O pensamento de que a desgraça se espalhara pelo resto do mundo era culpa demais para suportar.

– O que faremos será descobrir exatamente o que é este “ingrediente mágico” – disse Purdy, arregaçando as mangas do casaco azul esfarrapado. Ela jogou caixas e caixas no carrinho de compras de plástico vermelho até a prateleira ficar vazia.

Rose e a mãe passaram o resto do fim de semana assando todas as receitas de *A Magia de Lily em 30 minutos*, adicionando sempre uma pitada do Ingrediente Mágico de Lily.

Este era um pó cinza-azulado que cheirava a torrada queimada. Quando Rose juntou uma colher de sopa do Ingrediente Mágico à massa para o Bolo Cremoso Delícia de Chocolate da Lily, a massa chiou como óleo quente e sussurrou o nome da tia a cada bolha: – *Liiiilllllyyyyy*!

Quando Rose enfiou uma colher de sopa na massa da Torta de Maçã Caramelada de Lily, esta se sacudiu em cima da mesa, rindo: – *Lily!*

O mesmo aconteceu com o Crème Brûlée de Fava de Baunilha de Lily, o Clafouti de Cerejas à moda de Lily e a Torta Fofa de Pêssegos.

Os irmãos de Rose, Ty e Sage, passaram pela cozinha a caminho do jogo de basquete na entrada da garagem.

– Alguém disse “Lily”? – perguntou Ty.

Desde que o Tomo de Culinária Bliss fora roubado, Ty havia crescido ainda mais. Ele passava gel no cabelo ruivo, esticando-o na frente para cima, dando impressão de que usava uma tiara de cinco centímetros de altura ou uma pequena cerca vermelha de estacas. Ele se deu de aniversário de dezesseis anos um vidro de água-de-colônia da farmácia, e era possível sentir seu cheiro de longe.

– Eu pensei que não podíamos dizer o nome dela! – gritou Sage em seu gravador portátil. O irmão mais novo de Rose tinha lido que alguns comediantes *stand-up* gravam sua conversa normal, para o caso de surgir algo, e então começou a gravar os próprios comentários na hipótese de, mais tarde, precisar de material para piadas. Sage tinha crescido também, e seu rosto estava proporcionalmente mais cheio, assim como os cachos ruivos na cabeça.

– Ninguém disse o nome dela – respondeu Purdy.

– Eu acabei de contar para a mamãe do meu novo amigo, o Tilly – disse Rose. – E dos meus outros amigos, o Billy e o Gilly... que vivem em Philly[2].

Ty e Sage olharam desconfiados para a irmã e a mãe, saindo logo para o quintal.

Rose e Purdy continuaram a terrível experiência. O Bolo Magro Inglês saiu do forno com cheiro de borracha queimada, assim como os Biscoitinhos Fritos, as Trouxinhas Delícia de Limão e os Brioches Cremosos Deliciosos de Lily.

– Deixamos passar do ponto? – indagou Rose.

– Não! – exclamou a mãe, confusa. – Acho que estamos deixando menos tempo!

Quando Rose e Purdy terminaram, cada canto da cozinha da Confeitaria Siga seu Deleite estava abarrotado de assadeiras de bolos, biscoitos, tortas, pudins, e cada um continha uma colher de sopa do Ingrediente Mágico de Lily. A própria cozinha exalava um cheiro sinistro, acre e sutil.

– Como vamos descobrir se eles são perigosos? – perguntou Rose.

Purdy sacudiu os cachos revoltos do cabelo para tirar a farinha.

– Eu não sei – admitiu ela. – Vamos experimentá-los?

Enquanto Rose ponderava o que fazer com os doces e tortas possivelmente tóxicos, Purdy ligou a TV portátil que a família mantinha para emergências em cima do balcão.

Para o desgosto de Rose, tia Lily apareceu na tela, de vestido de festa preto justinho. Haviam sintonizado seu programa de culinária.

– Aqui está, pessoal, o melhor bolo manjar do diabo! – afirmou Lily. – E vocês sabem o que isso significa: chegou a hora do C!

Ela ergueu os braços como um maestro, enquanto a plateia gritava, frenética: “Chocolate! Chocolate! Chocolate!”.

Rose trocou o canal, desgostosa, depois limpou o controle remoto cheio de farinha em seu jeans. Começou uma propaganda.

– Agora, só por tempo limitado, as Espátulas Especiais de Lily, por apenas dezenove dólares e noventa e cinco centavos! Peça hoje e receba totalmente grátis uma espetacular assadeira para rosca!

Rose mudou de canal novamente.

– Oh, meu Pai!

A Lily novamente. Dessa vez, ela estava no estúdio de um programa de entrevistas, usando outro vestido de noite, justinho.

– O segredo do meu sucesso? – perguntou, timidamente, batendo os cílios. – Ora, minha paixão pela cozinha, é claro!

– Coloque nas notícias! – gritou Purdy, e Rose mudou o canal mais uma vez.

– Hoje, em lazer – disse o apresentador –, um novo recorde foi quebrado: *A Magia de Lily em 30 minutos* tornou-se o programa diurno de culinária de maior audiência da história da televisão. Os números excederam até a quantidade de televisões nos Estados Unidos, uma estatística que continua a confundir as autoridades.

Rose e Purdy estavam ocupadas assistindo ansiosamente à TV quando Leigh entrou na cozinha com um andar gingado.

– Mamãe, eu quero almoçar.

– O almoço é daqui a meia hora, Leigh. – Sem olhar para baixo, Purdy estendeu e passou a mão no cabelo de Leigh. – Cortou o cabelo de novo? – Desde que completara quatro anos, Leigh insistia em cortar o próprio cabelo. O resultado eram tufos de cabelo negro de todos os comprimentos possíveis. – Por que você não traz a tiara para eu prender seu cabelo?

– Está bem – respondeu Leigh e virou-se para ir embora.

Mas ela não foi longe. Hipnotizadas pela imagem de Lily na TV, Rose e sua mãe não perceberam quando Leigh esticou a mão por cima do balcão e devorou o enorme Bolo Inglês de Lily. Ela sentou no chão por um minuto, lambeu os dedos, depois se levantou e pigarreou.

– Uau, é extraordinário! – avaliou ela de modo muito sério e sofisticado para lábios tão pequenos. – Este bolo inglês estava simplesmente extraordinário. Tão doce, sem ser enjoativo; fofinho, nutritivo, úmido... Quem é o responsável por este quitute confeitado?

Rose e Purdy viraram-se e olharam para a menininha, que há um momento mal sabia o que seria um bolo inglês, quanto mais o significado da palavra *enjoativo*. *“Ah, não”*, pensou Rose.

Leigh olhou para a TV e viu Lily sentada no cenário do programa de notícias, com as longas pernas bronzeadas cruzadas.

– É claro! É a Lily, da *Magia de Lily em 30 minutos*, a apresentadora do programa de televisão mais bem cotado da história americana! Lily, a decana dos pães doces, a sacerdotisa de *parfait*, a grande dama dos biscoitos! É uma pena que seu carisma deva se limitar ao âmbito da culinária; ela deveria concorrer

a um cargo público! – Leigh parou um momento, saboreando a nova ideia. – Sim! Lily deveria ser a primeira mulher presidente dos Estados Unidos! Ela é o centauro dos bolinhos de canela! A sultana da...

Purdy colocou a mão sobre a boca de Leigh e olhou, horrorizada, para Rose. As íris de Leigh se dilataram tanto que as pupilas eram um turbilhão cintilante preto sem fim.

Rose afundou, atordoada, no nicho de couro vermelho da mesa de jantar.

– Se Lily levar as pessoas a comer essa mistura – disse Rose, séria –, ela terá o país na palma da mão. – Rose puxou o capuz de lã desgastado do blusão verde sobre os olhos. Lily não queria fama apenas, agora parecia que ela também queria poder.

Leigh se livrou do aperto de Purdy e marchou em direção à porta dos fundos.

– Não serei acorrentada como escrava! Vou encontrar Lily e lhe dizer pessoalmente como ela é magnífica! – Ela fechou a porta atrás de si, deixando Rose e Purdy suadas, cobertas de farinha e respingos de massa amarela na bagunça de panelas e doces contaminados.

– Nossa prioridade agora – disse Purdy – é fazer Leigh voltar ao normal. Depois, limpamos esta cozinha. E, em seguida...

Mas Rose não precisou ouvir a terceira prioridade. O país corria sério risco, e tudo por culpa de Rose. Ela não sabia como, mas sabia que teria que roubar de volta o Tomo de Culinária Bliss.

Capítulo I
O desafio será televisionado

Lily equilibrou-se precariamente nos sapatos de salto alto ao puxar uma bandeja de *muffins* de abóbora fumegantes do forno de convecção na parede de seu estúdio-cozinha. Ela virou-se para o público e exibiu os *muffins*, que pareciam um pouco estranhos nas mãos de uma mulher com vestido curto preto de festa e de salto agulha altíssimo.

– Vocês já viram algo mais lindo?

Lily colocou a bandeja sobre o balcão e ergueu os braços.

– Vocês conseguem sentir o aroma, pessoal?

Todos na plateia saltaram em pé e gritaram, em coro:

– Canela! Canela! Canela!

Isto é, todos, com exceção de Rose e Ty.

– Trapaceira! Trapaceira! Trapaceira! – sussurrou Rose ao irmão mais velho, enquanto se afundavam nos assentos da fila de trás.

O estúdio-cozinha da Lily tinha paredes amarelas vistosas, armários laranja ensolarados e um balcão no centro, coberto com azulejos turquesa. Uma janela na parte de trás da cozinha dava para o horizonte de Nova York.

"Falso", pensou Rose, com os punhos cerrados. *"Assim como ela. Esse estúdio fica em Connecticut!"*

Rose olhou as fileiras repletas de plateia frívola, para as centenas de luzes brilhantes suspensas de uma grade no teto e para as câmeras, cinco no total. Ela tentou imaginar o quanto Lily se sentia importante, em

pé na frente de todos aqueles olhos amorosos e dos outros milhões assistindo em casa. Então *esse* era o *glamour* que Rose rejeitou ao dizer a tia Lily que não iria com ela para Nova York.

Rose sabia que havia tomado a decisão correta. Se tivesse ido com Lily, sua família agora estaria sentada à mesa da cozinha, sentindo que lhe faltava algo, mas sem lembranças de que Rose ou o Tomo jamais tivessem existido. Rose não poderia vê-los novamente, nem mesmo em uma fotografia. Não havia fama nem elogios que valessem a perda do amor de sua família.

E assim mesmo, para onde o amor levou os Bliss? Agora as ruas de Calamity Falls pareciam frias e cinzentas, embora fosse primavera. As mentirinhas da Sra. Havegood perderam a criatividade, a Liga das Senhoras Bibliotecárias retirara o ônibus de circulação, e o Sr. Bastable e a Sra. Thistle-Bastable haviam perdido a paixão avassaladora um pelo outro. Não havia mais risadas, nenhuma magia. A alma de Calamity Falls encolhera-se como folha morta, e tudo por culpa dela.

Até Devin Stetson perdera o brilho. Desde que Lily roubou o livro, Rose criou coragem para falar com Devin em cinco ocasiões distintas, sobre duas coisas: duas vezes no corredor sobre as dificuldades da álgebra, duas vezes no balcão da Donuts e Automecânica Stetson, de novo sobre a dificuldade da álgebra, e uma vez no balcão da Confeitaria Bliss.

– Como vai? – perguntou ela, com o olho direito tremendo de nervoso, como sempre em sua presença.

– Acho que bem. – Devin suspirou. Sua franja desleixada, antes cor de ouro, agora era de um loiro comum. – O Coro da Comunidade de Calamity Falls se dissolveu. Ninguém mais sente vontade de cantar.

– Sinto muito – respondeu Rose. Ela queria se esticar e tocar o rosto sério, mas sentia muito medo e muita culpa.

Rose suspirou com a lembrança e fixou o olhar em Lily. Por mais que odiasse a tia, a pessoa de quem sentia mais raiva era dela mesma. Se ao menos tivesse sido um pouco mais esperta, se não tivesse confiado em tia Lily e gostado de seus elogios, todos que ela amava na cidade seriam felizes e saudáveis. Do jeito que estava, porém, cada caminhada pelas ruas cinzentas de Calamity Falls a lembrava da desagradável confusão que causou.

– Esta barba coça – lamentou Ty, puxando a longa barba cinza que seu pai, Albert, colara em seu rosto horas antes. – E esta cola cheira como uma fábrica de produtos químicos. Eu poderia ficar sem isso. – Ty se moveu em sua túnica de linho branco. – Por que *eu* tenho que usar a saia?

– Vai ser rápido – Rose bateu de leve no ombro para acalmá-lo. – Tenho quase certeza de que a parte de Perguntas e Respostas é a próxima.

Rose falou com toda a calma que podia, mas suas mãos tremiam. Aparecer na televisão pela primeira vez já era muito enervante, mas Rose estava prestes a aparecer na televisão pela primeira vez e ainda fazer uma loucura.

– Está bem, sentem, sentem! – gritou Lily. – Vamos passar para as Perguntas e Respostas. Enquanto isso, se não se importarem, vou dar conta de um desses *Muffins* Bombinha de Abóbora. Todo esse papo sobre canela me deu muita fome – ela piscou timidamente, retirou a forminha plissada de alumínio de um

dos *muffins* quentes e cravou-lhe os dentes brilhantes, limpando o canto da boca. Migalha alguma sobrava nos lábios de Lily, nem um fio de cabelo fora do lugar; ela era perfeita.

Rose sabia que essa era a sua chance de atacar. Ela levantou a mão e acenou, até que Lily a notasse na fileira de trás.

– Ei, você, fofinha, de cachos loiros aí atrás!

Ty não era o único usando um disfarce. Rose tinha puxado para trás o longo cabelo preto e colocado uma peruca de cachos loiros que Purdy havia comprado no Halloween Haven, em Calamity Falls. Seu vestido era de cetim azul-claro, com mangas bufantes e uma saia mais bufante ainda, por cima de várias camadas de crinolina azul, que dava coceira.

– Os disfarces são realmente necessários? – perguntou Rose à mãe antes de sair para o estúdio. – Se eu tivesse um cajado de pastor, ficaria igualzinha à pastora do *Toy Story*, Betty.

– Você vai precisar do disfarce para fazer sua pergunta – advertiu Purdy. – Se a Lily a reconhecer, jamais vai chamá-la.

Um barbudo com fones de ouvido entregou um microfone a Rose, que ficou em pé. Ela precisou de toda a sua força para não cair. Era o momento da verdade.

Rose levantou o microfone para os lábios trêmulos e falou em um sussurro.

– Testando? Testando? – o microfone gritou de volta.

– O microfone está funcionando! – afirmou Lily. Ela ria, mas seus olhos se estreitaram. Era o mesmo olhar de impaciência que Rose viu no rosto da tia naqueles momentos na cozinha da Confeitaria Bliss, o mesmo olhar que Rose resolveu ignorar.

“Veja onde fui parar ao ignorar meus instintos”, pensou Rose. *“De peruca, na TV.”*

Mas Rose sabia – e sua família concordou – que essa seria a única maneira de corrigir o erro cometido. Rose limpou a garganta.

– Eu acho que seus *Muffins* Bombinha de Abóbora são secos e sem graça – criticou, forçando as palavras pelo nó de medo na garganta. Ela respirou fundo. – *Eu* consigo fazer um *muffin* de abóbora muito melhor.

Todos na plateia, incrédulos, se viraram para olhar para ela.

Lily encarou Rose. Então, por um instante, os olhos de Lily se arregalaram, e Rose percebeu que Lily a reconheceu.

– Ah! Temos uma comediante na plateia! – avaliou Lily, rindo e batendo palmas. – Isso é tão meigo! Próxima pergunta!

Antes que a próxima pessoa pudesse se erguer, Ty saltou da cadeira e ergueu o dedo. Com a barba grisalha e a capa vermelha, ele parecia o Papai Noel.

– Esta jovem senhora, que eu nunca vi antes e que eu não conheço, merece uma chance de cozinhar!

O estúdio ficou em silêncio. Aplausos dispersos agitaram a plateia. Rose ergueu o microfone mais uma vez.

– Eu desafio você, Lily Le Fay, a competir contra mim na Gala des Gâteaux Grands[3] em Paris, na França.

Rose devolveu o microfone para o jovem com o fone de ouvido e se jogou no seu lugar, com os braços cruzados sobre o peito.

O público, embasbacado mais uma vez, como se assistisse a uma partida de tênis, olhou várias vezes para trás e para a frente, para seu ídolo e para a menina de cabelos encaracolados que há pouco a desafiara para um duelo na competição televisiva de produtos de confeitaria mais prestigiada do mundo.

Lily ficou congelada no centro de seu estúdio, balançando sobre a ponta dos sapatos de salto alto. Ela não tinha escolha, a não ser aceitar o desafio. Se não o fizesse, seria como se tivesse medo de ser superada por uma adolescente. De repente, seu rosto se transformou, um doce sorriso substituindo o olhar penetrante.

– Eu aceito o desafio! Vou competir contra essa jovenzinha corajosa na Gala des Gâteaux Grands!

A plateia foi à loucura, aplaudindo, vaiando e gritando.

– Qual é o seu nome, querida? – perguntou Lily.

Rose se ergueu e tirou a peruca loira, soltando a cascata longa de cabelos negros nos ombros.

– Meu nome é Rosemary – respondeu. – Rosemary Bliss.

Ao lado dela, Ty discretamente ergueu o punho.

– *Aí!* – exclamou.

– Está bem, *Rosemary Bliss* – Lily cuspiu o nome como se fosse sinônimo de uma doença de pele. – Só porque você é pequena não significa que eu vou pegar leve com você. Você sabe disso, não é?

– Claro – afirmou Rose em desafio. E fez uma reverência a tia Lily, que se firmou ao encostar no balcão da cozinha.

“Não acredito que eu fiz isso”, pensou Rose.

No final do programa, enquanto o resto do público saía, o barbudo com os fones de ouvido tirou Rose e Ty da fila.

– A Lily quer ver vocês dois – avisou. – Isso é fantástico! Ela nunca quer ver ninguém!

– Sou o Bruno – acrescentou, levando Rose e Ty por um corredor de trás do estúdio. – Mas a Lily ainda não sabe o meu nome. Ela me chama de Bill. Mas é que ela é a Lily! Ela poderia me chamar até de Axila, que eu não me importaria.

Rose fez uma careta. Parecia que Lily tinha todos do país em seu bolso.

No final do corredor, uma porta de metal pintada de azul exibia um sinal em forma de estrela, com a inscrição SRTA. LE FAY.

Bruno bateu discretamente à porta.

– Lily, a menininha e o senhor idoso estão aqui!

– Oh, obrigada, Bill! – respondeu alto. – Mande-os entrar!

Bruno abriu a porta, e Rose e Ty entraram naquilo que só poderia ser descrito como um palácio. No centro da sala jorrava uma fonte de pedra rodeada por bancos ornamentados de ferro fundido. Uma exuberante floresta de orquídeas pendia do teto, e faixas de seda azul cobriam as paredes.

E ali, sentada em uma rede, balançando suavemente para lá e para cá, estava Lily, de roupão felpudo branco, como se tivesse acabado de sair do chuveiro; apenas o perfeito cabelo negro estava seco. Mesmo de roupão, parecia pronta para um show de premiação.

– Sente-se junto à fonte, Rosemary. Você também, Thyme.

Rose sentou-se com o irmão em um dos bancos de ferro e olhou para a fonte imponente, uma estátua de mármore de quatro metros e meio de Lily mexendo uma tigela transbordante com uma colher, seu pescoço longo e elegante.

– É muito bom ver vocês de novo! Que tal o meu pequeno camarim? – perguntou, levantando da rede.

– Eu tenho que dizer que é muito legal, *tia* Lily – comentou Ty, olhando ao redor.

Lily se ajeitou na beira da fonte, cruzando uma perna bronzeada e sedosa sobre a outra.

– Vamos ao que interessa. Seu pequeno truque de hoje foi, no mínimo, imprudente. O que exatamente está tentando fazer?

Rose se endireitou e limpou a garganta.

– Perder a Gala des Gâteaux Grands a arruinaria. Mas, ao contrário de você, eu não tenho uma reputação a zelar. Tenho só *doze* anos. Então, nós lhe oferecemos um acordo. Vou perder a competição de propósito se você nos der de volta o Tomo de Culinária e deixar de vender o Ingrediente Mágico de Lily.

Lily fingiu surpresa.

– Certo, o Tomo! Você quer o *Tomo* de volta, é claro! Eu havia me esquecido totalmente dele.

– Você já tem um programa de TV, *tia* Lily – disse Ty. – Para que mais você precisa do Tomo? A nossa cidade está com problemas!

Lily tirou uma felpa de seu roupão branco e jogou-a na fonte.

– Viu só? Este é o problema com a família Bliss: ninguém tem ambição. Estão mais preocupados com seu vilarejo que com o sucesso. Acham que, só porque apresento o programa de TV mais bem-sucedido da história e tenho uma estátua de quatro metros e meio de altura em meu camarim decorado como floresta encantada, já consegui “o suficiente”. Nada é “suficiente”!

Lily ergueu-se e caminhou até o espelho bem iluminado da mesa de maquiagem.

– Eu poderia ser *realmente* poderosa. Poderia governar o país! Mas não consigo fazê-lo sem o Tomo ou sem o Ingrediente Mágico de Lily.

Ty estava com coceira sob a barba.

– Puxa, tia Lily, você é de arrepiar! É como uma tia-diaba. Você é... uma *tia*... mas também é o Diabo, *El Diablo*. É... *El Tiablo!*

– Então, vocês sabem, não posso devolvê-lo em troca da sua desistência do concurso – explicou Lily, examinando sua bochecha perfeita no espelho, procurando poros entupidos, que não estavam lá. – Nem

posso deixar de vender o Ingrediente Mágico de Lily.

– Mas... – Rose começou a protestar, quando dois homens de terno irromperam pela porta.

– Aí estão vocês, gênios! – disse o mais baixo dos dois. O mais alto olhava atentamente para a tela do celular.

– Meu nome é Joel – explicou o mais baixo. – Sou um dos produtores de *A Magia de Lily em 30 minutos*. Este é o outro produtor, Kyle.

O homem mais alto desviou os olhos da tela do celular por um momento, acenou com a cabeça e voltou a olhar para a tela.

Joel apertou a mão de Rose.

– Você foi fabulosa hoje – disse, entusiasmado. – Pensei que o Kyle havia combinado a encenação com a Lily como presente de aniversário para mim, mas ele ficou tão surpreso quanto eu!

Rose sorriu, confusa.

– De qualquer forma, mal podemos esperar pela Gala des Gâteaus Grands deste ano – concluiu Joel. – Será que uma garota de doze anos poderia ganhar de Lily Le Fay, a confeiteira mais famosa do mundo? Isso é genial! O mundo todo vai nos assistir! Até os alienígenas!

– Bom, assinaremos os contratos mais tarde – continuou Joel. – Por ora, saiba apenas que você nos tornou produtores muito felizes! Beijos – disse, beijando o ar ao lado das bochechas de Rose.

– Tchau – murmurou Kyle.

Depois de Joel e Kyle fecharem a porta do camarim, Lily tornou a examinar sua pele no espelho.

– Como eu dizia, eu não posso simplesmente devolver o Tomo ou parar de vender o Ingrediente Mágico de Lily. Tampouco posso desistir do desafio, pois, já que o aceitei pela TV, isso me faria parecer estúpida. Será que sou estúpida? Acho que não! Gente estúpida anda de robe de algodão de plush e cheira a lilás? A única forma de acertar isso é participando direitinho da Gala.

– Você quer dizer competir de verdade?

– Sim, de verdade. Você achou que eu ia me entregar sem lutar? – Lily girou na cadeira e encarou Rose e Ty. – Se você vencer, o que não acontecerá, vou parar de vender o Ingrediente Mágico de Lily, devolverei o Tomo, e vocês podem continuar a trancá-lo num armário dentro do refrigerador e desperdiçar seu poder. Mas, se eu vencer – e eu *vou* vencer –, vocês vão jurar que nenhum membro desgrenhado, estranho e sem classe de sua família jamais chegará perto de mim ou do Tomo novamente.

Rose engoliu em seco. Agora, se ela perdesse a Gala des Gâteaux Grands para a Lily, perderia o Tomo para sempre.

– Não se preocupe, *Tiablo*. Rosita o trará de volta. Dureza – Ty deu uns tapinhas nas costas de Rose. – Mas como saberemos que não está mentindo? O que a impedirá de conservar o Tomo ou produzir mais Ingrediente Mágico depois de perder?

Agora foi a vez de Rose dar uns tapinhas nas costas do irmão. Ela nem sequer havia pensado nisso.

– Venham comigo – disse Lily.

Rose e Ty seguiram Lily para fora do camarim e para o *set* de *A Magia de Lily em 30 minutos*.

Rose olhou as filas e filas de assentos vazios, a grade de lâmpadas escurecidas penduradas no teto. O estúdio estava frio sem todos os fãs enlouquecidos.

Lily pôs-se a trabalhar, lançando ingredientes da despensa em uma tigela de metal: farinha, açúcar mascavo, ovos, manteiga e leite.

– O que você está preparando? – perguntou Rose.

– Um Rugelach Não-Renegue-Nada – respondeu Lily, girando a colher na massa. – Depois de um destes, nenhum de nós será capaz de voltar atrás com a palavra.

Lily destrancou uma pequena gaveta por baixo da pia de sua cozinha de TV e tirou um minúsculo pote de conserva azul, cheio de um líquido claro e viscoso.

– E que meleca é essa que você está pondo aí? – indagou Ty.

– Durante séculos, as majestosas fadas do anel foram famosas por jamais quebrarem sua palavra. Isto – disse Lily, derramando poucas gotas do líquido viscoso sobre o resto dos ingredientes – é saliva delas.

– *Maravilha!* – exclamou Ty, revirando os olhos.

Trinta minutos mais tarde, Lily tirou a assadeira de Rugelach Não-Renegue-Nada do forno e entregou a Rose e Ty dois pedaços fumegantes.

– No três, nós comemos – combinou Lily, pegando um pedaço para si mesma. – Um... dois... três.

Rose passava o rolinho amanteigado folhado muito quente de uma mão para outra, sem parar. Ela nunca imaginou que teria que vencer Lily de verdade na Gala des Gâteaux Grands e não tinha ideia como – ou mesmo se – poderia vencer.

– E então? – perguntou Lily, enfiando o rugelach na boca. – Vai comer ou não?

Naquele momento, Rose odiou tanto sua tia que sentiu o sangue ferver. *Eu posso vencê-la* – raciocinou. – *Eu preciso*.

Ela enfiou o rugelach na boca e o engoliu.

Exaustos, Rose e Ty passaram, tropeçando, pela porta dos fundos do estúdio, onde Purdy e Albert os saudaram. Sage e Leigh estavam afivelados no assento de trás da van da família Bliss.

– Como foi? – perguntou Purdy, ajoelhando na calçada. Ela vestia o mesmo avental listrado e imundo de todos os dias, sempre muito apropriado em casa, na cozinha dos Bliss, mas que parecia deslocado em um estúdio de TV.

– Ela aceitou – contou Rose.

– Ela vai participar da competição? – inquiriu Purdy.

Rose assentiu com a cabeça.

– E você perderá de propósito, e ela devolverá o livro de receitas? – continuou Purdy.

– Não – respondeu Rose.

Albert interrompeu, nervoso:

– Como não? Não era esse o plano?

Desde que perdera o Tomo de Culinária, ele parara de se barbear e se exercitar. As bochechas estufaram muito, e uma barba cerrada como palha de aço cobrira a porção inferior do rosto.

Rose engoliu em seco.

– Ela disse que devolverá o Tomo se a vencermos honestamente. Se perdermos, prometemos que jamais o procuraremos novamente. Estará perdido para sempre.

– Mas – lamentou Purdy baixinho – isso é totalmente diferente, não é?

– É! – gritou Albert, começando a hiperventilar. – Puxa vida!

Rose abaixou a cabeça.

– Eu sinto muito. Não sei como deu errado. Tinha certeza de que ela devolveria o Tomo se eu prometesse desistir do concurso. Agora, tenho que vencê-la de verdade! E nós comemos um Rugelach Não-Renegue-Nada, então não posso desistir.

Purdy pegou o rosto de Rose nas mãos.

– Bom, você sabe o que isso significa.

– O quê?

– Você terá que vencer a Gala des Gâteaux Grands.

Rose abaixou a cabeça.

– Puxa vida! – repetiu Albert, andando para cima e para baixo na calçada de concreto, coçando a cabeça redonda suada.

– Albert, querido, você não está ajudando – criticou Purdy. – Não se preocupe, Rose. Você não tem que fazer isso sozinha. Nós todos venceremos Lily juntos. Estaremos com você a cada momento.

Leigh chamou Rose do assento traseiro da van.

– Rose, você é louca e insensata! – riu ela. – Você desafiou a rainha dos *muffins* para um duelo!

– Você *tem* que ganhar – continuou Purdy –, pois só assim conseguiremos a receita do Pavê Reviravê e curar o nosso monstrinho aqui, que ama Lily. Presumo que os efeitos do Ingrediente Mágico se dissipem rápido se você só come um pouco, mas Leigh comeu um Bolo Magro Inglês inteiro. Ela pode ficar assim para sempre se não pegarmos o Tomo de volta.

Leigh cruzou os braços diante da camiseta suja dos *101 Dálmatas*.

– Purdy – chamou ela –, estou com a bexiga... cheia. Se não formos a um banheiro em breve, teremos um problema nas mãos.

Purdy revirou os olhos.

– Vamos! – respondeu, enfiando Rose e Ty na van. – Temos apenas cinco dias antes de voarmos para Paris para a competição.

– Bom – disse Sage. – Eu esqueci a calça de meu pijama azul em casa. Preciso pegá-la.

– Desculpe, Sage, mas não voltaremos a Calamity Falls – argumentou Purdy. – Vamos para o México. Precisamos pegar o seu *tata-tata-tataravô* Balthazar Bliss.

Albert ajeitou-se no banco do motorista e virou a chave, arranhando a marcha.

– Nós temos um *tata-tata-tataravô*? – indagou Sage, agitando o gravador. – Ele é uma múmia?

– Não, ainda não – respondeu Purdy. – Ele é muito ativo. Precisamos vê-lo, pois ele tem uma segunda cópia do Tomo. Infelizmente, a cópia do Balthazar está escrita em outro idioma, e ele é o único no mundo a falá-lo. Ele vem trabalhando em sua tradução, mas é muito lento. Da última vez que soubemos, tinha conseguido traduzir só seis das setecentas e trinta e duas receitas.

– Precisamos apressá-lo – sugeriu Ty.

– Não temos tempo para isso. Vamos precisar da ajuda dele – Purdy fez uma careta. – Infelizmente.

– Infelizmente por quê? – argumentou Rose.

Purdy suspirou.

– Você verá.

Capítulo 2

Um gato tagarela

A poeirenta estrada principal do vilarejo de Llano Grande atravessava uma montanha verde exuberante. Enquanto a van dos Bliss roncava na estrada de terra, Ty e Sage cochilavam no banco de trás, e Leigh murmurava longas frases que apenas ela entendia.

Viajaram dois dias sem parar; tudo para obter uma cópia do Tomo. De repente, uma solução óbvia ocorreu a Rose.

– Mamãe – perguntou ela –, por que vocês nunca fizeram uma cópia do Tomo? Só para ter mais um?

– O Tomo não pode ser copiado – explicou Albert, virando a direção com uma mão e abanando o rosto com a outra. – Você o coloca numa máquina e as páginas saem em branco. É um truque estranho dele, pois tampouco pode ser fotografado. Lembra aquela foto da sua mãe no jornal assando *Muffins* do Amor?

Quando a foto foi tirada, o Tomo estava aberto sobre a tábua de corte, onde ficava com frequência. Mas, na foto, ele não apareceu, só um balcão vazio.

– O Tomo sabe como se proteger. A única forma de duplicá-lo é copiá-lo à mão – esclareceu ele. – E sua mãe e eu estávamos sempre muito ocupados. Além disso, significaria existir mais uma cópia do Tomo por aí que precisaríamos proteger. Já é difícil de acreditar que uma cópia tenha caído nas mãos de Lily. – Albert baixou a voz e se virou para Purdy: – Imagine se outra cópia fosse para… você sabe quem...

– Quem? – gritou Rose.

– Vamos dizer apenas – disse Purdy – que há confeiteiros bem piores no mundo que Lily Le Fay.

– De qualquer maneira – continuou Albert –, não se pode nem dividir o Tomo. Se você arranca uma página, a receita fica louca. A encadernação do Tomo de Culinária é mágica e conserva tudo em uma ordem funcional. E é por isso que existem apenas duas cópias no mundo.

Um minuto mais tarde, Albert saiu da estrada principal e parou perto de uma cabana de tijolos com um telhado pendente de latão. Selas de couro e cantis vazios pendiam das laterais do telhado, e a varanda da frente estava cheia de sacas de milho e pilhas de lenha. Uma placa estava pendurada no telhado de zinco: LA PANADERÍA BLISS.

– Chegamos – constatou Purdy, engolindo em seco. – Sejam todos educados com ele e conseguiremos sair vivos.

Rose tocou com o dedo a porta de tela da La Panadería Bliss, e esta se abriu com um rangido. Albert e Purdy postaram-se atrás dela, com Sage, Ty e Leigh fechando a fila.

Dentro estava escuro e poeirento. O balcão da recepcionista, ao lado da porta, estava vazio.

Ty olhou para trás, na direção da placa.

– O que é uma *panadería*? – sussurrou.

– Uma padaria – sussurrou Albert em resposta.

– Isto não parece uma padaria – comentou Ty.

“Ele está certo”, pensou Rose. Não havia mesas nem cadeiras, nada de bancadas de vidro nem pãezinhos assados. Era um aposento minúsculo, abafado e sem janelas, com o piso úmido e um amontoado de cadeiras em um canto.

– Minha nossa! – murmurou Purdy. – Ele deve ter ido para uma casa de repouso. Não posso culpá-lo, isto é, ele está com cento e vinte e sete anos, sabem?

Rose notou um pequeno sino de prata sobre o balcão da recepção. Ela se esticou e apertou-o com a palma.

Leigh fechou os punhos minúsculos e cruzou os braços.

– Suponho que ligar antes os teria matado, não é? Lily, a imperatriz das empanadas, teria telefonado antes.

– Bom, Lily não é sua mãe agora, é? – criticou Purdy.

Foi só então que um homem alto, com um tórax avantajado e braços e pernas magros e murchos, entrou apressado por uma porta dos fundos da sala imunda. Era quase careca, a não ser por duas faixas cinzentas acima das orelhas. Usava óculos e era carrancudo.

– *Hola* – rosnou ele, agarrando seis cardápios do balcão da recepcionista. – Sigam-me.

– *Tata-tata-tataravô* Balthazar? –arriscou-se Purdy. – Sou eu, a Purdy.

– Quem?

– Purdita Bliss, sua *tata-tata-tataraneta*. Nós lhe telefonamos a respeito da tradução de sua cópia do

Tomo de Culinária Bliss. Lembra?

– Eu gostaria que vocês esquecessem todos os “tatas” e me chamassem apenas de *Vovô*. Isso faz com que a gente se sinta velho. – Balthazar observou Purdy por um momento e então tomou a mão dela com má vontade e a apertou. – Ah, agora eu me lembro – disse de repente. – O pessoal cujos filhos têm nome de tempero. – Balthazar olhou a coroa dura de gel de cabelo vermelho de Ty, com cinco centímetros de altura. – Será que ele pensa que é um porco-espinho?

– Este é o Ty. – Albert deu um passo à frente e apertou a mão de Balthazar. – E estes são os nossos outros filhos: Parsley, Sage e Rosemary[4].

Balthazar acenou com a cabeça, ainda carrancudo.

– Sei, mais ervas.

– É esta a padaria? – arriscou Rose.

– É claro que não – grunhiu Balthazar. – Esta é a grande entrada. A padaria fica por aqui.

Balthazar conduziu os Bliss pela porta dos fundos para um pátio barulhento e ensolarado, entulhado de mesas de piquenique. Dúzias de fazendeiros mexicanos bronzeados estavam sentados às mesas com seus filhos, rindo ao devorar fatias de um bolo úmido e de uma torta vermelha confeitada em pratos de papelão.

– *Esta* é a padaria.

Rose notou um casal de jovens sentados um à frente do outro numa mesa, comendo uma mistureba cremosa amarela em tigelas brancas. Rose a encarou, franzindo as sobrancelhas, confusa. – *O que isto está fazendo em uma padaria?* – se perguntou.

– O quê? – indagou Balthazar debilmente. – Você não gosta da aparência da minha polenta, Marjoram[5]?

– É Rosemary – murmurou Rose.

– Que seja, Marjoram. Venham ao meu escritório, todos vocês.

Balthazar conduziu os Bliss para um barracão de zinco nos fundos do pátio. Dentro havia uma sala sombreada com uma estrutura estranha de concreto no centro. Esta tinha a forma de um pódio olímpico, com duas plataformas ladeando uma coluna alta. No topo da coluna havia uma grelha, e abaixo crepitava um fogo de lenha.

– Meu fogão – rosnou o velho. – Eu sei que não é um de seus fornos americanos ultramodernos, de parede, mas para os meus propósitos serve muito bem. Não gosto de confeitar meus *cupcakes* nem fazer aquela ornamentação toda que só gasta tempo. Eu cozinho para alimentar o povo.

Rose olhou ao redor da sala. Flanqueando uma parede havia sacas gigantes de fubá e, em outra, prateleiras sem fim com potes de vidro azul, todos com rótulos em espanhol. Rose morreu de vontade de saber o que havia em cada um e como usá-lo. Balthazar entrou na sala.

– Há dez anos venho inventando receitas usando fubá. O mingau dourado para o qual você torceu o

nariz lá fora, Marj – disse ele, apontando para Rose –, é a Polenta da Plenitude. E é bem útil. Diferente dos seus *cupcakes* americanos. Muito estilo e nenhuma substância, penso eu.

Enquanto Balthazar discorria sobre as várias formas de fubá, Sage e Leigh olhavam uma grelha cheia de tortas de morango que esfriavam, e Ty voltava ao pátio para procurar *amigas*. Purdy e Albert fizeram perguntas inteligentes e se acomodaram em cadeiras para escutar.

Rose fez o mesmo. Logo ela notou que algumas das linhas de expressão do *tata-tata-tataravô* se suavizaram no que pareceu um sorriso, ou ao menos uma não carranca.

– Vejam como a Polenta da Plenitude é preparada – explicou Balthazar – misturando o fubá em água e leite, sobre o fogo.

Ele derramou uma xícara cheia de fubá dourado em uma panela com duas xícaras de leite e colocou a panela na grelha da chapa do fogão.

– Então acrescentamos mel, um ramo de alecrim e isto – Balthazar deu um passo e pegou um dos vidros azuis com o rótulo EL SAPO INFLADO.

Rose espiou dentro e viu um enorme sapo-boi apoiado na lateral do vidro, as pernas afastadas e as duas patas dianteiras afagando a monstruosa barriga inchada.

– Um arroto de um sapo-boi inchado – explicou, aproximando o vidro aberto da panela fervente. O sapo bateu no estômago com um minúsculo punho anfíbio e soltou um arroto estrondoso e trovejante que, como era de se esperar, cheirava a alho.

Uma bolha surgiu no fubá, enchendo a panela inteira, inflando até alcançar o teto do barracão de zinco antes de estourar em um suspiro e cair de volta na panela.

– *Volta* – ralhou Balthazar, enfiando o pobre sapo-boi inchado de volta na estante.

Balthazar mergulhou uma colher na panela e a deu a Rose. A *Masa* de Moderação era a melhor coisa que ela jamais havia provado: cremosa, fresca, úmida – o equilíbrio perfeito entre o doce e o salgado.

– Mamãe, papai – exclamou Rose –, vocês têm que provar isto!

Cada um provou uma colher da mistura magistral de milho.

– Uau! – apreciou Purdy. – Você preparou algo realmente especial aqui, Balthazar!

Balthazar afastou o elogio como se fosse mosca, resmungando baixinho.

– Eu não como mais doces – disse ele. – Exagere nos doces e ficará gordo demais para fugir quando as pessoas vierem atrás de você. Quando esta *masa* fizer sua magia, você não comerá como a maioria das pessoas, empanturrando-se a ponto de inchar como um balofo. Coma um pouco desta *masa* de entrada e comerá apenas o suficiente do prato principal para ficar saudável. Diferente do meu *gato*, logo ali, se é que podemos chamá-lo assim.

– E do que você pode me chamar? – Veio uma voz baixa de um canto escuro da sala.

Rose não podia acreditar em seus olhos: um gato cinza rechonchudo, gordo como bola de boliche, rolou de trás de uma caixa e subiu uma rampa para uma tábua de madeira. Sentou ereto sobre o bumbum e lambeu a pata dianteira, muito magra comparada com a cara gorda e o corpo rotundo. O mais

impressionante eram as orelhas, que não ficavam em pé como as dos gatos comuns, mas pendentes e amarrotadas em dois caroços caídos sobre a cara larga.

– Balthazar, deveria ter me avisado que teríamos visitas. Eu teria tomado um banho; estou um lixo!

– Nossa! – exclamou Sage. – Você tem um gato falante?

– *Infelizmente* – retrucou Balthazar. – Ele apareceu na cozinha de meus pais quando eu tinha quinze anos e enfiou suas patas sujas na massa dos Biscoitos Tramela Tagarela que eu fiz. Desde então nunca mais se calou.

– Permitam que eu me apresente adequadamente, já que o velho não consegue fazê-lo por mim – disse o gato, parecendo um mordomo de mansão dos arredores de Londres. – Meu nome é Asparagus, o Verde, mas vocês devem me chamar de Gus.

– Mas você *não* é verde – argumentou Sage. – Está mais para um cinza-escuro.

– Detalhe sem importância – piscou o gato. – Sou um Scottish Fold e...

– É uma espécie de soldado, ou algo assim? – perguntou Sage.

– É o nome da minha raça. Sou um puro Scottish Fold, daí minhas orelhas estranhas dobradas. Porém, não venho da Escócia. Meus queridos pai e mãe, falecidos, vieram de Londres. E quem são vocês?

– Esta é a minha *tata-tata-tataraneta*, Purdy Bliss; seu marido, Albert, e seus filhos herbáceos, Parsley, Sage, Marjoram e Thyme.

– Rosemary – sussurrou Rose.

– Certamente – continuou Balthazar. – E eles estão aqui porque... – Balthazar parou e se virou para Purdy: – Por que vocês estão *aqui*?

– Estamos aqui por causa da tradução do Tomo – respondeu, nervosa. – Precisamos dela agora.

– Por quê? – tornou ele a perguntar. – Não podem simplesmente usar o seu?

– A nossa cópia está indisponível no momento.

– O que você quer dizer com “indisponível”?

Rose e o resto da família se juntaram ao redor de uma das mesas de piquenique de Balthazar, e Purdy tornou a contar a história de tia Lily.

– Então, como vê – concluiu Purdy –, precisamos de uma cópia do Tomo para vencer.

Balthazar ouviu a história com os braços cruzados sobre o cardigã, o rosto cada vez mais vermelho. Quando Purdy terminou, as sobrancelhas peludas e pretas juntaram-se furiosas no centro da testa vincada. Ficou em pé, carrancudo, e desapareceu na cabana-cozinha.

Ele retornou um momento depois com um tomo empoeirado e grosso, de uns trinta centímetros, encadernado em couro antigo, que se desintegrava. Colocou com cuidado o livro sobre a mesa e soprou a capa; uma lufada de poeira preta voou no rosto de Leigh.

– É costume nas terras mexicanas soprar porções de poeira no rosto de crianças pequenas? – tossiu Leigh.

Gus se aprumou, largando a carcaça de uma bomba de creme que lambia em sua tigela de metal.

– Desculpem, mas este bebê acabou de falar como uma senhora crescida?

– É claro que sim! – rebateu Leigh, indignada. – Vindo de um gato que fala!

Rose espiou o livro, mais grosso que sua cabeça. Havia símbolos impressos na capa, nenhum deles reconhecível.

– O que significa? – indagou.

– Significa “Tomo de Culinária Bliss” em sassaniano – contou o ancião. Sassaniano é uma língua morta que era falada por uma tribo de antigos xamãs no Crescente Fértil[6]. Eles faziam seus remédios de trigo e mel e outros ingredientes doces – e foram os primeiros confeiteiros mágicos.

Balthazar puxou uma curta tira de pergaminho de trás do Tomo e bateu com ela na mesa. *Receitas*. Estavam escritas em inglês, em caligrafia perfeita, sem nenhum traço fora do lugar.

– Estas são as traduções que fiz até agora – contou. Nove no total.

– Você só traduziu nove receitas? – surpreendeu-se Albert, coçando a barba e abanando as axilas.

– Você sabe como é difícil decifrar sassaniano? Não vou me apressar com uma tarefa tão importante!

– Ele é um tanto... sensível – explicou Gus.

– Crítica, vinda de um *gato* – rebateu Balthazar.

– Precisamos ter acesso ao maior número de receitas humanamente possível até o começo da Gala – lamentou Purdy.

– E quando será isso? – questionou Albert.

– Depois de amanhã – respondeu Purdy, afastando as mechas suadas da testa. – Voaremos para Paris daqui a algumas horas. Parece que estamos fritos.

O coração de Rose se apertou. Acabou antes de começar. Não havia como vencer Lily – não quando ela tinha o Tomo de Culinária, não quando Rose não tinha nada além de suas aptidões de confeiteira. Poderia ter sido diferente se ela pudesse ler sassaniano, mas agora...

Balthazar olhou para o céu por um momento, mastigando o canto de um lábio.

– Vocês só terão que me levar junto – anunciou, tossindo. – Vou fazer as malas.

Capítulo 3
Entra o mestre de cerimônias

Rose contorceu-se em seu assento a bordo do 747 que a levava com a família para Paris. A luz da cabine diminuiu e o barulho abafado dos motores do avião era relaxante, mas Rose não conseguia adormecer.

Seu *tata-tata-tataravô* Balthazar roncava do outro lado do corredor. Durante a última hora, ela observou uma única gotícula de saliva dançar no canto de sua boca, para dentro e para fora, para cima e para baixo, como um ioiô, balançando a cada ronco profundo, enquanto o gato Gus, furioso, via-se afivelado no suporte do tipo canguru para bebês contra o peito palpitante e roncador de Balthazar.

Do outro lado de Balthazar, Ty dedilhava o *video game*. Sage cruzou os pés sobre o assento e adormeceu em postura indiana, com as mãos nos joelhos.

– Com licença, senhor – disse uma voz atrás dela. Rose girou o pescoço ao redor do assento para olhar a irmãzinha, que agarrou a manga de um comissário de bordo que passava. – Desculpe por lhe importunar, mas este suco de caixinha é pura sacarina e, francamente, não está nada saboroso.

O comissário perdeu a fala, encarando a criança, de queixo caído.

Do assento ao lado, Albert pôs a mão na boca de Leigh.

– O suco está bom, muito obrigado.

Rose voltou-se para seu lugar, sentindo uma bola de fogo no estômago, como um furacão. Ela nunca havia se sentido tão mal.

Purdy estava sentada ao lado dela. Ela se esticou e tomou a mão de Rose entre as suas.

– É como se eu ouvisse os seus pensamentos conturbados, Rosie!

Rose escondeu o rosto na dobra do braço da mãe.

– Não sei se vou conseguir, mamãe – disse ela. – E se eu usar as medidas erradas? Se eu não conseguir bater as claras em neve rápido o bastante? Se meu suor escorrer nos *cupcakes* ou simplesmente eu desabar e cair no choro, ali mesmo, na TV?

Purdy riu.

– Ouça, você já é uma mestra. Você queria mais responsabilidades na cozinha, agora as tem; nos últimos nove meses tem sido uma *sous-chef* incrível, embora nossos produtos de confeitaria não sejam mais tão mágicos quanto gostaríamos que fossem. Agora, está na hora de *eu* ser *a sua sous-chef*; estarei a seu lado a todo momento. E lembre-se: eu competi na Gala aos quinze anos e acabei em terceiro lugar, sem nenhum *sous-chef!* Então imagine como nos sairemos *juntas*!

E foi então que o tremor nas mãos de Rose e o gorgolejar no estômago finalmente pararam, e os pensamentos que voavam céleres foram se aquietando, passando a correr, caminhar e finalmente se assentaram na mente, deixando-a adormecer.

Rose acordou com um solavanco quando o jato tocou o solo e se sacudiu pela pista. Esfregando o sono dos olhos, ela se debruçou sobre a mãe para olhar pela janela. Antes disso, o mundo inteiro de Rose não ultrapassava Calamity Falls, com viagens ocasionais para a casa da tia Gert Hogswaddle, na província vizinha de Humbleton. Agora, ele explodia e se expandia para incluir o oceano Atlântico inteiro.

A família Bliss desceu do avião e apanhou sua bagagem. Rose admirou todos os letreiros escritos em francês e ouviu avidamente os avisos em francês apitados pelo alto-falante, não entendendo nenhum deles. Era um sentimento novo esse, o de ser estrangeira.

Carregado no suporte canguru no peito de Balthazar, Gus, o Scottish Fold, parecia vagamente entediado. Ty, por outro lado, pavoneava-se pelo imenso saguão do aeroporto, divertindo-se como nunca.

– *Hola* – repetiu ele inúmeras vezes, quase sussurrando, para uma senhora de pernas longas pela qual passaram.

– Estamos na França, Ty – relembrou-o Rose –, não na Espanha.

– Talvez algumas dessas senhoras sejam espanholas de férias por aqui – rebateu ele.

Sage tentava imitar o modo confiante de se pavonear de Ty.

– *¡Hola!* – Ty chamou uma moça de vestido rosa e foi brindado com um olhar de desprezo em resposta.

Ao final do longo corredor havia um homem de terno preto e luvas brancas; segurava uma lousa com a palavra BLISS escrita em letras de forma.

Albert lhe apertou a mão.

– Olá, olá – disse, nervoso, coçando atrás da cabeça. – Nós somos os Bliss, desde a última vez que verificamos.

– *Oui* – respondeu o motorista, que Rose sabia ser *sim* em francês.

O motorista observou Balthazar e Al com cautela.

– Sejam bem-vindos a Paris – cumprimentou ele. – Sou Stefan. Seu carro está por aqui.

– Ao Hôtel de Notre Dame, então? – perguntou Albert, folheando alguns papéis grampeados onde imprimiu seu itinerário.

– Não, não! – berrou Stefan. – O hotel terá que esperar. Vocês estão atrasados para a reunião de orientação da Gala, com Jean-Pierre Jeanpierre, o que quer dizer que vocês já estão se arriscando.

Mal haviam chegado, e Rose já estava encrencada.

O queixo de Rose caiu quando Stefan estacionou o carro diante do centro de exposições. Era um prédio maciço de vidro, com faixas enormes de cada lado da entrada. As faixas estavam cobertas com desenhos de bombas de creme gigantes, tortinhas e fatias de um sofisticado bolo fofinho vermelho, com a inscrição GALA DES GÂTEAUX GRANDS: 18-23 AVRIL, impressa em letras brancas.

Rose engoliu em seco. Ela sabia que a Gala des Gâteaux Grands era importante, mas não esperava faixas do tamanho de dirigíveis.

Stefan segurou a porta traseira, enquanto Rose, Purdy e o resto da família se amontoavam fora do carro. Quando passaram pela enorme porta giratória de vidro diante do centro, uma loira nervosa de cabelo curto e lábios extremamente finos, pintados com batom vermelho-bombeiro, correu em sua direção.

– Rosemary Bliss? – perguntou, segurando o braço de Purdy e puxando-a em direção a duas portas gigantes. – Você está atrasada para a orientação! Precisa se apressar!

– Não, não, eu sou *Purdy* Bliss – rebateu a mãe de Rose.

A mulher estacou e observou o resto do grupo com suspeita.

– Então quem é Rosemary Bliss? Quem é o seu *chef?*

Rose apontou o indicador em direção ao seu blusão de capuz.

– Eu?

O rosto da mulher de lábios finos demonstrou confusão.

– Ah, entendi. Meu nome é Flaurabelle. Sou a primeira-assistente do Chef Jean-Pierre Jeanpierre. E você está atrasada! – Ela conduziu Rose pelas portas duplas, com o resto dos Bliss seguindo-as logo atrás.

O espaço do outro lado das portas era imenso. Teto alto em arcos, com intrincados lustres pendentes. O piso estava coalhado de pessoas sentadas ao redor de mesas redondas. No centro de cada mesa havia uma enorme tigela de batedeira de cristal com massa multicolorida. Todas as mesas estavam cheias, menos uma.

Todos se voltaram para ver quando a mulher de lábios vermelhos levou os Bliss para a mesa vazia. Rose sentou-se com Purdy e Ty, cada um de um lado.

– A massa é apenas para decoração – alertou sussurrando a mulher de lábios vermelhos. – Já tivemos um incidente nesta manhã. Por favor, não comam a massa.

– Tudo bem – respondeu Rose baixinho. Ela se voltou para as pessoas que os encaravam de uma mesa próxima. – Desculpem o atraso – observou.

– *Americanos* – ela ouviu alguém falar com desprezo.

Só então os lustres escureceram, e um foco de luz brilhou sobre um balcão na parede do fundo da sala. Ouviu-se mais alto a música orquestrada pré-gravada, e um homem vestindo um casaco de *chef* feito inteiramente de veludo vermelho apareceu no balcão. Era óbvio que o homem era velho, não tanto quanto Balthazar, mas muito mais velho que Purdy e Albert, e completamente sem pelos. Cabeça, bochechas e queixo eram lisos, e ele tampouco tinha sobrancelhas. Sua cabeça era pequena comparada ao ventre rotundo, dando-lhe a aparência de uma tartaruga.

– *Como eu me meto nessas coisas?* – se perguntou Rose.

– Senhoras e senhores – disparou o locutor. – Por favor, recebam o inventor dos *éclairs* de chocolate, o destacado *chef pâtissier* da França e, o mais importante, o fundador da Gala des Gâteaux Grands, o Chef Jean-Pierre Jeanpierre!

Enquanto o público aplaudia, Jean-Pierre Jeanpierre estendeu a mão, agarrou o conjunto de alças pendurado acima do balcão e passou por cima do corrimão. O holofote o seguiu conforme ele deslizou pela tirolesa, do balcão para um palco no outro lado do salão.

O Chef Jeanpierre aterrissou no palco como um monte amarrotado de veludo vermelho. Ele soprou e bufou até se pôr em pé e se aproximar de um pódio, os braços levantados como se ele fosse o papa.

O estômago de Rose se agitou. Ela tinha lido sobre Jean-Pierre Jeanpierre, é claro. De certa forma, era o papa dos confeiteiros. Da leitura, ela sabia que ele punha sete torrões de açúcar em seu café matutino, que sua cidade natal, St. Aubergine, foi renomeada St. Jeanpierre graças a ele e que dormia em travesseiros feitos exclusivamente de bolos fofos que assava toda noite.

Sempre que Rose pensava que poderia se tornar uma pessoa obcecada em confeitar, lembrava-se de Jean-Pierre Jeanpierre.

Os olhos de Jean-Pierre brilhavam arregalados detrás dos óculos. Deu umas batidinhas no microfone e disse: “*Bienvenue à la Gala des Gâteaux Grands.*”

A sala irrompeu em aplausos violentos enquanto todos se levantavam e o aclamavam.

– Por favor! – gritou Jean-Pierre. – Sentem-se! Vinte dos mais apaixonados concorrentes culinários do mundo e seus assistentes estão nesta sala – prosseguiu Jean-Pierre. – Nenhum deles tão apaixonado quanto eu mesmo, é claro, daí eu me excluir da competição.

Enquanto Jean-Pierre se vangloriava, Rose olhou ao redor da sala. Em uma mesa viu um homem esguio, de óculos e braços cruzados, empunhando batedores de claras como se fossem facas. Diante de seu prato, uma placa trazia seu nome e origem: WEI WEN, CHINA.

Em outra mesa, um jovem sorria detrás de uma placa em que se lia: ROHIT MANSUKHANI, ÍNDIA. Mais adiante, um loiro ágil que parecia ter de dois metros de altura: Dag Ferskjold, Noruega. Ele observava o teto com olhar desanimado. Nenhum dos outros concorrentes parecia especialmente feliz ou

animado.

– Toda manhã, às nove horas – continuou Jean-Pierre –, vou anunciar o tema surpresa do dia. Temas anteriores incluíram coisas do tipo EM FLOCOS, SEM FARINHA, ENROLADO, VERDE. Qualquer coisa que surja na mente quando eu acordar. Qual é a fonte dos temas? Só Deus sabe!

Rose virou-se na cadeira e olhou para o outro lado da sala. Havia uma loira bronzeada, com cabelo curto, cheio de pontas moldadas com gel – Irina Klechevsky, Rússia –, e um homem alto, careca, com dentes muito brancos – Malik Hall, Senegal. Adiante, um homem baixo, pálido, com lábios carnudos, Victor Cabeza, do México, e um bonito rapaz com cabelo castanho pelos ombros, Peter Gianopolous, da Grécia. Havia Fritz Knapschildt, da Alemanha; King Phokong, da Tailândia; Niccolo Puzzio da Itália; e muitos mais, todos eles adultos com um ar austero e competitivo. Eles queriam sangue.

"O que estou fazendo aqui?", pensou Rose.

Ela ficou aliviada ao identificar uma mesa com duas meninas francesas que podiam ser do ensino médio. Os crachás diziam MIRIAM DESJARDINS, FRANÇA, e MURIEL DESJARDINS, FRANÇA, e, após exame mais detalhado, pareciam ser gêmeas idênticas, embora os cabelos castanhos de uma fossem longos, e os da outra, curtos.

Ty também as tinha visto e inclinou-se ao máximo na cadeira, levantando e abaixando as sobrancelhas para elas. As meninas estavam atentas a Jean-Pierre e, portanto, muito ocupadas para notar.

– Depois que eu anunciar o tema – prosseguiu Jean-Pierre –, terão uma hora para buscar um ingrediente especial de sua própria escolha. O resto de seus ingredientes deve vir da cozinha da Gala.

De repente, ocorreu a Rose que naquele momento tia Lily deveria estar em algum lugar da sala. Rose olhou em volta e finalmente avistou os produtores de *A Magia de Lily em 30 minutos*, Ryan e Kyle, à mesa do outro lado da sala. Ambos digitavam em seus celulares; já Lily não estava à vista.

Jean-Pierre parou por um minuto para dar um gole no chá.

– Às dez horas da manhã, depois de obterem seu ingrediente especial, a competição será realizada. Haverá câmeras filmando vocês de todos os ângulos, captando cada mexida de colher, cada gota de suor, cada lágrima. Vocês devem amar as câmeras, e também ignorá-las.

Rose rezou para que ela não produzisse lágrima alguma a ser captada.

– Depois de tudo pronto, enfrentarão a mesa julgadora, onde suas sobremesas serão testadas pelo juiz, ou seja, eu mesmo. Em seguida, vou anunciar quem vai passar para o próximo dia de competição e quem será enviado de volta para casa para chorar e reviver as duras memórias do que fez de errado, repetidamente, para o resto da vida.

O público sorriu maldosamente.

– Serão cinco dias de competição, com o último dia sendo um cara a cara entre os dois melhores concorrentes. – Jean-Pierre fez uma pausa para enxugar a testa. – Como sempre, os concorrentes devem trabalhar usando a memória. Qualquer um pego com um livro de receitas durante o preparo será atirado na rua.

A parte *usando a memória* era o que mais preocupava Rose. As receitas do Tomo de Culinária Bliss exigiam precisão: qualquer desvio poderia alterar não só o gosto e textura de tudo o que tentava assar, mas também suas propriedades mágicas. Ela e sua mãe teriam que memorizar as receitas mágicas perfeitamente na hora antes do início do preparo, isto é, se Balthazar conseguisse traduzi-las.

– E, como sempre, ninguém que tenha participado na Gala des Gâteaux Grands pode concorrer novamente. Se seu assistente já tiver participado desta competição, você deve encontrar um novo assistente!

Rose arregalou os olhos para a mãe. Esta retribuiu o olhar, entendendo o problema. *"Não entre em pânico"*, pensou ela, tentando recuperar o fôlego. *"Vovô Balthazar é um profissional. Ele pode ser meu assistente."*

Balthazar estava coçando as orelhas cortadas e amarrotadas de Gus. Rose se inclinou e sussurrou:

– Você pode ser meu assistente, certo, vovô Balthazar?

Balthazar balançou a cabeça.

– Não. Eu competi na primeira Gala des Gâteaux Grands, na década de 1950. Eu tinha 66 anos. Perdi logo de cara. Foi penoso.

Rose olhou para o pai.

– Eu sei que você nunca competiu, papai – implorou Rose.

Albert enfiou a mão no bolso da calça e tirou um saco de papel marrom, depois o ergueu até a boca e começou a hiperventilar.

– Rose – conseguiu responder, entre baforadas –, eu não consigo ficar na frente das câmeras ou de plateias. Sou tímido demais. Vou ficar enjoado. Você vai se dar melhor com Ty. Vocês formaram uma boa equipe quando sua mãe e eu fomos para Humbleton, não é?

– Thyme, querido – pediu Purdy –, você vai ajudar Rosie, certo?

Ty se animou, olhando alegremente para a mesa de Miriam e Muriel Desjardins.

– É claro! Eu vou aparecer na TV, não é? – Purdy assentiu. – Qualquer coisa para minha amada *hermana*.

Ty praticamente gritou quando disse *hermana*, esperando que as francesas o ouvissem.

Elas não o ouviram, mas Jean-Pierre o escutou.

– Calem a boca! – berrou ele. – Terão o resto do dia para escolher seus pares. Verei todos vocês amanhã de manhã, às nove horas, para o primeiro dia de competição.

Dito isso, Jean-Pierre agarrou as barras, que o içaram cada vez mais alto, até desaparecer por um buraco no teto.

Rose olhou novamente para o irmão Ty, que lhe fez um sinal com os dois polegares para cima.

"Nós vamos perder", pensou ela.

Capítulo 4
Juras doces de amor

No dia seguinte, Rose examinou sua pequena cozinha Gala no centro de exposições. Era uma das vinte ligadas por um corredor de azulejos em xadrez preto e branco que levava a uma plataforma na parte da frente da sala, com um microfone e uma longa mesa de jantar de carvalho.

Havia balcões cobertos de veludo vermelho drapeado pendendo acima da fileira de cozinhas, como camarotes especiais em uma ópera. No balcão acima dela, Rose viu Balthazar e Gus sentados com seus pais, Sage e Leigh.

Do outro lado do corredor azulejado estava a cozinha de Lily. Ela estava parada calmamente atrás de um cepo de madeira, como sempre, de vestido de noite preto. Ela virou-se e piscou para Rose ao testar os botões em seu forno.

Rose suspirou fundo, e Ty cutucou-a no ombro.

– O que te incomoda, *mi hermana*?

– Tudo isso; é muita pressão – esclareceu ela.

Ty despenteou os cabelos negros embaraçados dela.

– Não se preocupe, Rose. Você é a melhor de todos. E tem a mim, o tempo inteiro.

Ty tinha sido tão bom para Rose nos últimos nove meses que ela mal podia acreditar. Mas ser bom não a ajudaria a obter o Tomo de volta. Ela precisava de ajuda especializada. Ainda assim, foi reconfortante ter o apoio do irmão mais velho.

– Obrigada, Ty – disse ela.

Rose espiou em torno da cozinha mais uma vez. De um lado do forno havia um refrigerador vermelho e, do outro, uma estante de madeira que servia de despensa. Havia vidros claros com farinha, açúcar branco, açúcar mascavo, fermento e cacau em pó, além de uma caixa de papelão colorido escondida na parte de trás.

– O que é isso? – indagou Ty a Rose, pegando a caixa.

Rose tomou a caixa de Ty e a reconheceu imediatamente como uma caixa de Ingrediente Mágico de Lily.

– Ah, não! – reclamou Rose. – O que isto está fazendo aqui?

Rose marchou, cruzando o corredor de azulejos preto e branco, e parou na frente da tábua de corte de Lily.

– Por que isso está na minha cozinha? – ela exigiu saber.

– Está em todas as cozinhas! – respondeu Lily, afastando uma mecha de cabelo preto do rosto. – Eu o doei, por isso faz parte dos itens permitidos em todas as despensas. Todos podem adicionar uma pitada do Ingrediente Mágico de Lily, e eu acredito realmente que ele vai melhorar seus resultados.

– Você quer dizer que vai melhorar *os seus* resultados! – gritou Rose. – Qualquer um que come isso se derrete por você! O juiz só vai discorrer sobre quanto você é incrível!

– O que fazer se existe esse efeito colateral específico? – piscou Lily.

O centro de exposições de repente escureceu, e Rose se apressou de volta para sua cozinha. Um conjunto de holofotes roxos girantes focou o centro do teto, onde um *cupcake* gigante com um centro oco pendia como um balão de ar quente.

– Senhoras e senhores – disparou o locutor –, por favor, recebam o inventor das *crêpes suzette*, o *chef pâtissier* campeão da França e fundador da Gala des Gâteaux Grands: o Chef Jean-Pierre Jeanpierre!

O som de música de orquestra explodiu, enquanto o *cupcake* gigante descia lentamente ao chão. Jean-Pierre Jeanpierre saiu dele, vestido com seu casaco de veludo vermelho, com as mãos cruzadas sobre o ventre avantajado. Seus olhos redondos espiavam por trás dos óculos, observando a multidão.

Ele ergueu um microfone até os lábios e disse:

– Lembrem-se: depois que eu anunciar o tema, vocês terão exatamente uma hora para planejar e conseguir seu ingrediente especial, um que não esteja na despensa.

– Então, agora Lily pode combinar seu Ingrediente Mágico com uma das receitas mágicas do Tomo, o que a tornará infinitamente mais poderosa! – cochichou Rose. – Dá pra acreditar, Ty?

Mas Ty estava muito ocupado, olhando do outro lado do corredor azulejado em preto e branco.

Miriam e Muriel Desjardins olhavam Ty despretensiosamente. Ty fingiu não perceber, com olhar distante, os olhos bem abertos e fazendo bico, como se imaginasse mentalmente a letra de uma canção de amor sofrido.

As gêmeas tinham rosto perfeito, olhos brilhantes e lábios carnudos, corte de cabelo elegante e roupas de aparência cara. Pareciam ter um ou dois anos a mais que Ty, e eram três a cinco centímetros mais

altas. Com certeza, não pertenciam à mesma tribo, coisa que ele jamais admitiria.

– E agora... – retumbou Jean-Pierre acima do rufar de um tambor – ...o tema do dia é... DOCE! Vocês podem interpretar o tema como desejarem. O preparo terá início em uma hora. Vão. Agora!

As luzes voltaram a clarear ao máximo o salão, e os espectadores nos camarotes aplaudiram todos os confeiteiros e seus assistentes, que começaram a sussurrar animados.

DOCE! Rose poderia preparar uma centena de versões do *cupcake* comum, mas hoje ela competia não só contra os melhores confeiteiros do mundo, mas também contra tia Lily, que poderia fazer qualquer receita mágica do Tomo de Culinária, juntando uma pitada do Ingrediente Mágico de Lily. Para passar pela primeira rodada, Rose precisaria de algo do Tomo de Culinária Bliss, e isso requeria a ajuda de Purdy e Balthazar.

Enquanto esperava a mãe e o *tata-tata-tataravô* no térreo do centro de exposições, Rose espreitou Lily, que confabulava com um homem incrivelmente pequeno que vestia um macacão de chita roxo, branco e de cetim dourado, do tipo que um bufão medieval usaria. Ele era pequeno, mas não tinha proporções de anão – era como se um homem comum tivesse sido encolhido. O topo de sua cabeça mal alcançava o quadril de Lily. Bronzeado, calvo, tinha sobrancelhas negras e espessas e um bigode longo e preto. “*O assistente de Lily?*”, imaginou Rose.

Balthazar e Purdy se apressaram, com Albert, Sage e Leigh nos calcanhares.

– Vejam isto – disse Rose, segurando a caixa do Ingrediente Mágico de Lily. – Ela doou para a Gala; há uma destas em cada despensa.

– Que trapaceira maldita! – vociferou Purdy.

–Tenho exatamente o necessário para vencê-la – retrucou Balthazar, entregando-lhe uma de suas folhas com caligrafia perfeita. – Eu traduzi esta há alguns meses. É dez!

Com Ty espiando por cima do ombro, Rose leu a receita:

O mais Doce dos* Cookies*,
para Alívio da Amargura Humana

Foi em 1456, na cidade francesa de Paris, que o jovem Philippe Canard confessou a Sir Falstaffe Bliss que seu único desejo, por ocasião de seu quinto aniversário, era que sua avó, notoriamente azeda, rabugenta, mal-humorada e geralmente desagradável, o brindasse com um sorriso. Sir Bliss alimentou com estes cookies *doces a Condessa Fifi Canard, que, por ocasião da festa de aniversário de Philippe, ergueu-o em seus braços, beijou-o no rosto e sorriu tão docemente que o jovem Philippe continuou sorrindo pelo resto de sua vida.*

Sir Bliss colocou quatro punhados de ***farinha branca*** *no centro da tigela de madeira. Na farinha ele quebrou um dos* ***ovos de galinha****, então juntou uma fava de* ***baunilha*** *e um cubo de* ***manteiga*** *derretida. Depois, adicionou* ***sussurros doces apaixonados****, congelados em manteiga de*

amêndoas.

– Então esse é o nosso único ingrediente especial – constatou Ty. – Sussurros doces apaixonados em manteiga de amêndoa. Isso deve ser fácil de obter. Vou sussurrar em um frasco.

Balthazar revirou os olhos.

– Não, menino! Você precisará dos sussurros doces de *duas* pessoas que *se amem*, e não de *uma* pessoa que *deseja* estar apaixonada.

– Droga, *Abuelo* – respondeu Ty. – Droga!

Havia mais algumas instruções, e então a receita terminava assim:

Ele deixou o bolo no forno QUENTE como ***sete chamas*** *durante o TEMPO de* ***seis canções*** *e depois ofereceu os* cookies *para a condessa azeda, que se tornou doce para sempre.*

Foi então que Lily se aproximou, de braço dado com Jean-Pierre Jeanpierre. O homem baixo com quem ela havia conversado antes não estava à vista.

– Olhe! – disse Lily, apontando para o pedaço de papel com a receita. – Eles estão trapaceando!

Purdy colocou-se entre Lily e a receita.

– Lily, se você der um golpe mais baixo, terão que procurá-la no fundo do rio Sena.

Lily sorriu para Jean-Pierre.

– Eu realmente odeio ter que tagarelar sobre crianças – explicou ela. – Estou apenas tentando proteger a integridade da Gala.

Albert entrou em cena com um sorriso cheio de dentes:

– Não há regra alguma sendo violada aqui, senhor! As regras proíbem o uso de um livro de receitas *enquanto* se cozinha. As crianças apenas planejaram sua receita. O papel não estará aqui na hora da competição.

Gus, ainda no canguru no peito de Balthazar, mexeu no ouvido de Rose até que ela se inclinou, e bigodes fizeram cócegas na bochecha dela.

– Se eu fosse você, pegaria agora aqueles doces sussurros. Uma hora passa mais rápido do que você pensa.

– Mas onde é que vamos conseguir sussurros doces apaixonados? – perguntou Rose.

Gus semicerrou os olhos um minuto para pensar.

– Em meu primeiro casamento, minha querida Hilarie e eu muitas vezes trocamos palavras doces quando caçávamos ratos ao longo do rio Tâmisa, em Londres.

Gus estava certo; pessoas apaixonadas tendem a se reunir perto da água. O centro de exposições ficava a apenas algumas quadras do Sena, o rio sinuoso que serpenteava por Paris.

Rose estendeu a mão e coçou o pelo cinza macio sob o queixo de Gus.

Se for possível um gato parecer tímido, foi o que ocorreu naquele momento a Gus.

– Muito grato – disse ele. – Agora vá!

Embora a margem do rio estivesse a apenas alguns minutos a pé do centro de exposições do Hôtel de Ville, Sage reclamou o tempo todo:

– O que eu estou fazendo aqui? Você e Ty vão fazer tudo, e eu só vou ficar assistindo? – lamentou ele. – Com todas essas câmeras ao redor? *Eu* deveria estar na frente das câmeras! Eu poderia lançar minha carreira de comediante stand-up. Mas não, vocês dois é que têm que fazer tudo o que é importante, como sempre!

Rose olhou para Ty e depois com culpa para o pote azul que carregava, que ela havia enchido generosamente com pálida manteiga amarela de amêndoa. Era verdade. Sage havia tido raras oportunidades de fazer algo importante. É claro que, quando as teve, acabou bagunçando tudo.

– Por que você não se encarrega de recolher os sussurros doces? – indagou Rose. – Na verdade, você pode juntar *todos* os ingredientes especiais! Nós cuidamos do preparo, você junta os ingredientes, e então, quando vencermos, vamos apresentá-lo para as câmeras, e poderá lançar sua carreira de comediante stand-up.

Ty olhou para ela como se fosse louca, mas Sage sorriu e parou de reclamar na hora. Ele pegou o pote azul de Rose e embalou-o nos braços como se fosse um bebê.

A luz da manhã reluzia pelo Sena, como uma ânfora derramando *glitter* prata. Rose pensou que este devia ser o lugar mais romântico que já tinha visto, ainda mais romântico do que a vista sobre o Sparrow Hill, em Calamity Falls. Ela imaginou construir uma cabana na margem pedregosa do rio e viver lá com Devin Stetson, preparando *croissants* para os transeuntes, enquanto ele tocava guitarra e recolhia trocados em um chapéu.

Enquanto planejava onde, na margem do rio, construiria a cabana, Rose viu um homem e uma mulher andando de mãos dadas. O homem e a mulher se olhavam com tal intensidade e carinho que o homem tropeçou em um tijolo saltado na calçada e caiu de joelhos. A mulher riu, erguendo-o, e beijou sua bochecha.

– Sorte grande! – avisou Rose.

Sage assentiu e se apressou para acompanhar o casal, poucos metros atrás. Ele abriu o pote azul e o ergueu até a parte de trás da cabeça deles, seguindo-os tão perto quanto possível, sem se chocar com eles. Deu certo por alguns segundos, até que Sage espirrou, e o homem se virou.

– O que você está fazendo, garoto? – perguntou ele.

Sage tampou o vidro, para não apanhar nenhum sussurro menos doce na manteiga de amêndoas.

– Hummm...

Ty correu até Sage.

– Peço que desculpem meu irmão – explicou Ty. – Ele está pegando vaga-lumes.

– Mas ainda *é dia* – estranhou a mulher.

Ty cobriu os ouvidos de Sage com as mãos. – Ele *acha* que está pegando vaga-lumes – sussurrou. – Pobre menino, tem alucinações com vaga-lumes por onde passa. Carrega este vidro por toda parte e só sabe passá-lo pelo ar. Nós não temos coragem de lhe dizer a verdade.

O homem e a mulher acenaram, em apoio, e Ty tirou as mãos dos ouvidos de Sage.

– Continue a pegar vaga-lumes, filho! – aconselhou o homem, tocando os cachos ruivos de Sage. O casal acenou e partiu em direção à Torre Eiffel.

– Eu ouvi isso – gemeu Sage. – Muito obrigado por me fazer passar por louco.

Rose e os irmãos sentaram-se em um café ao ar livre com vista para o rio. Um garçom de camisa branca engomada, calça preta e avental branco entregou os cardápios.

– *Merci* – agradeceu Rose, corando. Ela sabia algumas palavras em francês, mas era difícil para ela falar sem sotaque.

– *De rien* – respondeu o garçom.

Duas mesas à frente, Rose avistou um cavalheiro bonito com uma onda vistosa de cabelos grisalhos sentado com uma mulher elegante de vestido de seda vermelho. Algo na mão da mulher brilhava ao sol. Era tão brilhante que primeiro Rose pensou ser o vidro de um relógio, mas não estava no pulso da mulher, estava em seu dedo. Rose percebeu que só podia ser um anel de brilhantes, o maior que ela já tinha visto.

– Vejam aqueles dois! – exclamou.

A mulher se inclinou sobre a mesa e pôs um dedo debaixo do queixo do homem.

– *Je te quitte* – disse a mulher.

– *Ne me quitte pas*! – respondeu o homem.

Sage assentiu e esgueirou-se perto do chão, em direção à mesa onde o casal sussurrava suas doces palavras.

– Uau! – disse Ty, admirando o casal. – Olhe para isso. Talvez eu deva desistir do espanhol e tentar o francês.

Sage se escondeu atrás da base da mesa e ergueu o vidro.

– *Je te quitte* – repetiu a mulher.

– *Ne me quitte pas*! – tornou o homem.

Diante dos olhos de Rose, a manteiga de amêndoas dentro do vidro lentamente ficou cinza. Era estranho. Rose sempre achou que o amor seria vermelho.

Sage tampou o vidro e saltou do chão, batendo a cabeça no fundo da mesa do casal. A minúscula xícara de expresso que o homem bebera voou para cima, banhando seu elegante cabelo grisalho com café marrom fumegante.

– *Ahhh!* – gritou ele. – *Qu'est-ce qui ce passe*?

Sage se arrastou para longe da mesa quando o garçom se voltou diretamente para ele, com uma cesta de pão nas mãos. Ele espetou o rosto de Sage com um pãozinho e gritou: – Não voltem aqui, crianças

esquisitas!

Rose e Ty pularam da cadeira e partiram para o centro de exposições do Hôtel de Ville. Sage, com suor na testa, um galo na cabeça e migalhas no rosto, ultrapassou-os correndo, aí se virou, vitorioso, segurando o pote azul acima da cabeça.

– Consegui!

Quando Rose e seus irmãos retornaram à cozinha no centro de exposições, Jean-Pierre acabava sua investigação sobre a suposta infração.

– Como o preparo oficialmente não começou – avisou a Lily e aos Bliss –, não houve infração alguma das regras.

– Ah, bom! – exclamou Lily. – Odiaria ver esses garotos tirados da competição. Ela olhou para Rose e lançou-lhe um sorriso gelado, voltando para sua cozinha.

Rose fechou os olhos e se concentrou em recordar a receita. A caligrafia de Balthazar era tão invulgar, ornamentada e perfeita, que Rose percebeu que era fácil lembrar a receita como ele a havia escrito, incluindo ingredientes, medidas, temperaturas e o tempo.

Ela "leu" os ingredientes para si, em voz alta. – Farinha branca, ovos, baunilha, manteiga, sussurros apaixonados.

Purdy colocou os braços ao redor de Rose e a apertou.

– Manda ver, amoreco!

Rose olhou para a irmã mais nova.

– Me deseje sorte, Leigh.

Leigh ignorou Rose.

– A decoração aqui é horrorosa – criticou ela, olhando para o teto e suspirando. – Se desejavam um espaço grandioso, deveriam ao menos *tentar* usar as convenções do rococó. Onde estão os estilos extravagantes de estuque da Escola Wessobrunner? Lily Le Fay prefere a Escola Wessobrunner.

– Do que ela está falando? – perguntou Rose. Purdy suspirou fundo.

– Antes de sairmos de casa, tentei aprontar uma porção dos Bolinhos Simplificadores. Embora soubesse que não estavam perfeitos, eu lhe dei um hoje de manhã, mas o tiro saiu pela culatra. E agora ela não só tem obsessão por Lily, como também pela história da arte.

Rose balançou a cabeça, imaginando se seria possível ter a irmãzinha doce de volta.

Jean-Pierre saiu bamboleando da carruagem-*cupcake* flutuante para a frente do palco e tomou o microfone:

– Está na hora. Vocês terão uma hora para preparar a primeira sobremesa. Poderão acompanhar o tempo por lá! – Jean-Pierre apontou para a parede acima das portas, onde pendia um relógio grande preto com a forma de um temporizador de cozinha. – Prontos. Acertem o tempo. Já!

Purdy correu com Sage e Leigh para se juntar a Balthazar e Albert no camarote, deixando Rose e Ty

para o tudo ou nada com a massa do *cookie*.

Rose se apressou até os ingredientes e encontrou um saco de farinha e um pequeno vidro marrom de baunilha. Ela abriu a geladeira vermelha e tirou uma caixa de ovos e uma barra de manteiga. Arrumou os ingredientes na tábua de madeira diante de uma tigela e expirou ruidosamente.

– Ok, vamos lá. Ty, pode me passar as colheres de medida? – pediu.

Mas Ty já estava muito ocupado falando para a câmera. Ele se debruçou casualmente sobre a tábua, os braços cruzados no peito, flexionando os bíceps. Rose reconheceu a pose, outra arma-padrão no arsenal de Ty de formosura, que ele chamava de “o homem viril”.

– Não há nada mais difícil do que assar – sussurrou ele para a câmera, passando os dedos entre os picos duros ruivos na testa –, ou mais gratificante. Eu sacrifiquei tudo para estar aqui. As férias de primavera, tudinho. Isso dificulta o namoro, é claro, pois praticamente do momento em que acordo até a noite, quando tiro a camisa e vou dormir, eu passo assando. Mas estaria disposto a sacrificar minha espátula pela mulher certa. – Ele piscou para a câmera e se virou para Rose.

Era uma sensação curiosa, ser filmada. Havia algo em saber que está sendo vigiada, saber que alguém pensa que você é interessante o suficiente para gravar seu rosto, suas ações e palavras para a eternidade; era meio atordoante. Isso impulsionou Rose à frente; ela pegou as xícaras de medida e colocou duas de farinha na tigela.

– Uau! – disse Ty, apontando para a cozinha de tia Lily, onde nada menos que sete câmeras seguiam cada movimento elegante. – Por que não temos tantas câmeras?

– Isto não tem a ver com as câmeras, Ty – alertou Rose. – Agora, passe-me o pote azul.

Ty pegou o vidro, abriu-o e usou uma colher de metal para recolher cada pedaço de manteiga cinza de amêndoas. Ele jogou tudo dentro da tigela com o resto dos ingredientes.

Rose mexeu, e a massa se tornou vermelho-sangue.

– Ah, vermelho! A cor da paixão! – piscou Ty novamente para a câmera.

Conforme Rose continuou a mexer, o vermelho se dissolveu em um preto arenoso. Ela mexeu e mexeu, e a mistura ficou espessa, pastosa e pesada, até que finalmente formou uma bola preta no fundo da bacia.

– Isso não está certo! – se alarmou Rose. Olhou rápido para o temporizador grande na parede: havia apenas trinta minutos, tempo suficiente apenas para assar os *cookies*.

Rose olhou para a família no camarote. Purdy sorriu e fez sinal de positivo com o polegar, mas Rose sabia que Purdy parecia preocupada.

Então Rose jogou colheradas da espessa maçaroca preta em uma assadeira e a enfiou no forno. – Talvez eles saiam muito bem – sussurrou ela. – Oxalá, fiquem bons.

Quando o temporizador marcou zero, um barulho ensurdecedor ecoou no centro de exposições.

– Abaixem as colheres! – berrou o Chef Jean-Pierre Jeanpierre! – Marco agora trará suas DOCES sobremesas até a mesa julgadora, onde provarei cada uma.

Um homem vistoso e bronzeado de uniforme e luvas brancas colocou o prato pronto dos *cookies* enegrecidos de Rose sobre um carrinho prata com rodinhas, parecido com uma pá de rotor de helicóptero, com os pratos dos outros dezenove concorrentes. Ele praticamente voou pelo corredor de azulejos preto e branco até o palco à frente e dispôs as sobremesas diante de Jean-Pierre.

Todos os vinte participantes deixaram as cozinhas, enfileirando-se ao fundo do palco.

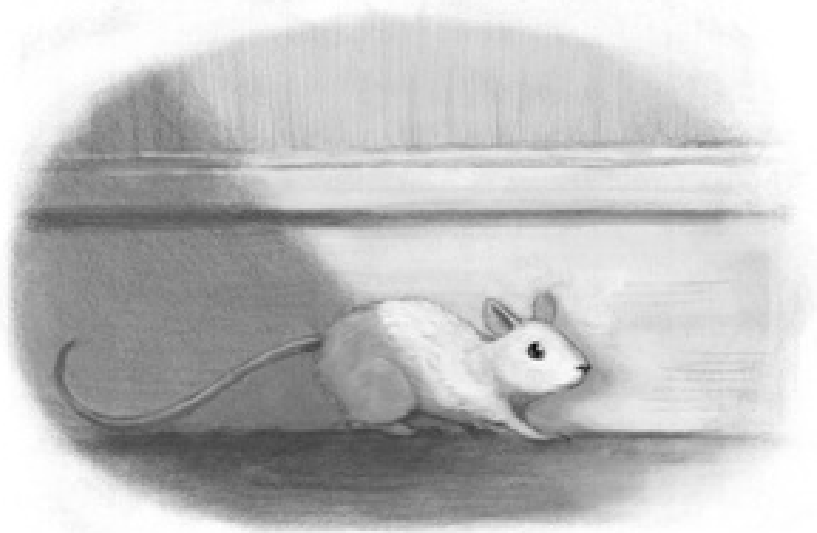
– Há vinte de vocês agora – cantarolou Jean-Pierre –, mas, em cinco minutos, restarão dez apenas. *Bonne chance*.

Os biscoitos de Rose eram os primeiros da fila na bandeja de prata, mas estavam mais para cabeças encolhidas de macacos que para *cookies* açucarados, nada parecidos com os que Sir Falstaffe Bliss deve ter apresentado à ranzinza Condessa Fifi Canard.

Jean-Pierre pegou um dos biscoitos grudentos e cravou-lhe os molares. Rose jurou ter ouvido um dente rachando.

Jean-Pierre estalou os dedos, e Marco ergueu uma delicada tigela de prata aos lábios. Jean-Pierre cuspiu o bocado mordido na bacia de prata, olhou para Rose com olhos mortiços e limpou a garganta. Então, ele passou para o próximo prato, sem dizer nada.

À frente na fila, Lily levou as mãos às bochechas e fez com os lábios “Ah, não!” para Rose, em sinal de apoio tão falso quanto seus longos cachos negros.

“É isso aí. Eu pus tudo a perder”, pensou Rose. *“Agora nunca teremos o Tomo de Culinária de volta.”*

Capítulo 5
Furtivo feito rato

Jean-Pierre se postou no palco com Marco, o belo garçom, e Flaurabelle, sua assistente de lábios rubros, sussurrando sempre.

Rose não conseguia entender o que tinha feito de errado. Farinha demais? Baunilha de menos? Será que os sussurros apaixonados foram contaminados?

– Vou encontrar a mamãe – disse, emburrada, dirigindo-se para o camarote na lateral do salão.

– Espere por mim, *mi hermana*! – pediu Ty.

Quando encontraram o camarote, Rose caiu nos braços de Purdy.

– Jean-Pierre cuspiu meu *cookie* em uma tigela! – soluçou.

– Cuspiu, sim – resmungou Balthazar. – Tem certeza de que você coletou sussurros apaixonados?

– Certeza absoluta – afirmou Sage. – A mulher tinha um anel do tamanho de um kiwi.

– Mas o que eles diziam?

Sage encolheu os ombros.

– Era algo do tipo “*Fifi fafa. Eihni, hã hã*”. Exatamente assim.

– Ah, não, cara! – lamentou Ty. – Era como “*Jeti quiti. Nême ki-te-pá. Jeti quiti. Nême ki-te-pá*”. Que eu pensei que era: “*Você é demais*” e “*Eu sei que sou mesmo*”. Certo, *Abuelo*?

Balthazar sacudiu a cabeça.

– Não! Errado. – “*Je te quitte*” significa “Eu vou te deixar”, e “*Ne me quitte pas*” significa “Não me deixe”. Você coletou sussurros de separação, em vez de sussurros apaixonados. Isso é o que fez os

biscoitos ficarem amargos e parecer... bem, o que pareciam. Além disso, não me chame de *Abuelo*. Eu nasci em Nova Jersey.

Foi então que Jean-Pierre tomou o microfone e limpou a garganta.

– Eu já tomei minha decisão. Metade de vocês continuará na competição, e metade será varrida por uma onda de lágrimas vergonhosas. Os confeiteiros que se juntarão a nós amanhã são, sem qualquer ordem especial...

Conforme Jean-Pierre chamou nome após nome, gritos de alegria surgiam de outras cozinhas. Rohit Mansukhani, o confeiteiro da Índia, fez uma dança da vitória. Wei Wen, o padeiro esguio da China, fez uma reverência cortês. Dag Ferskjold, o norueguês alto, bateu os punhos em sua tábua de corte e caiu no choro, aliviado. Miriam e Muriel, as gêmeas francesas Desjardins, ficaram saltando feito crianças.

Ty pulou com elas.

– Ty, era para você torcer para a nossa equipe – reclamou Rose.

– Mas eu estou torcendo! – exclamou ele. – Só que estou torcendo também por Miriam e Muriel.

Finalmente, Jean-Pierre fez uma pausa e olhou para a multidão.

– Eu chamei os oito competidores que continuarão na competição. Além do vencedor, resta só um nome – anunciou ele.

Rose balançou a cabeça. Ela sabia que estava fora.

– Bliss.

Os olhos de Rose percorreram a sala. Havia outro concorrente chamado Bliss? Ou será que ela, por algum milagre, havia sido autorizada a continuar?

– Oh, graças a Deus! – Purdy gritou, jogando Rose no ar.

– O resto de vocês – prosseguiu Jean-Pierre – pode juntar suas espátulas e deixar o recinto.

Irina Klechevsky, da Rússia, jogou os braços para o alto; já Malik Hall, do Senegal, caiu de joelhos e amaldiçoou os céus. Victor Cabeza, do México, deixou a cabeça pender, enquanto Peter Gianopolous saiu revoltado do centro de exposições. Fritz Knapschildt e os outros simplesmente juntaram seus utensílios e caminharam para a porta, suspirando.

“Poderia ter sido eu”, pensou Rose.

Jean-Pierre limpou a garganta.

– Parabéns aos nove confeiteiros, embora eu use o termo livremente. Algumas das assim chamadas sobremesas doces eram uma gororoba abominável. Fui forçado a permitir que essas pessoas passassem para o segundo dia só porque metade de nossos participantes não terminou o preparo a tempo. Para aqueles de vocês que passaram raspando – e vocês sabem quem são –, não haverá misericórdia amanhã.

Rose imaginou Jean-Pierre cortando fora sua cabeça com uma guilhotina feita de uma camada de bolo.

– O vencedor de hoje – prosseguiu Jean-Pierre – é uma mulher cuja insuperável criação de chocolate conseguiu me levar ao êxtase, a mim, o maior especialista em chocolate do mundo. A magnífica mulher que conseguiu tirar a manhã da mediocridade é… Lily Le Fay!

Rose olhou nos olhos de Jean-Pierre quando anunciou o ganhador. Seus olhos azuis escureceram tanto que Rose não sabia dizer onde acabava a pupila e começava a íris, exatamente como os olhos de Leigh escureceram quando ela comeu o Bolo Magro Inglês, batizado com o Ingrediente Mágico de Lily. Jean-Pierre não comeu tanto, e o corpo dele era consideravelmente maior que o de Leigh, então Rose esperava que os efeitos durassem pouco; ainda assim eram evidentes. Lily poderia ter preparado purê de batatas com seu Ingrediente Mágico, e ele o teria proclamado o mais genial que jamais havia comido.

"Eu não tenho chance contra a magia dela", pensou Rose.

Lily correu para o palco, onde Jean-Pierre lhe colocou uma tiara na cabeça. Dúzias de câmeras se viraram, *flashes* espocaram e Lily sorriu.

– Qual é a sensação de vencer, Lily? – perguntou um dos câmeras.

– Ora, me sinto honrada apenas por estar aqui – respondeu ela.

Foi quando Rose percebeu o minúsculo homem com a fantasia de arlequim. Ele pendeu a cabeça careca para o lado e olhou para cima, para a multidão, por baixo de suas sobrancelhas de taturana. Seus olhos brilharam verdes, e Rose poderia jurar tê-lo visto piscar para ela, lá de longe, do palco.

– Ty – chamou Rose, puxando-lhe a manga. –Você está vendo? Quem é aquele cara?

– Qual?

– O baixinho ao lado da Lily.

Ty espiou para baixo, para o palco.

– Não há baixinho algum, *mi hermana*.

Rose olhou de novo. Ty estava correto. Não havia mais ninguém ao lado da Lily, a não ser os repórteres e os câmeras.

Ty deu uns tapinhas na cabeça de Rose.

– Acho que você precisa de uma soneca.

* * *

Quando voltaram à suíte da família no Hôtel de Notre Dame, Rose trancou-se no quarto que dividia com Leigh e não pôde ser atraída para fora, nem mesmo pelo aroma de macarrão com queijo empacotado aquecido na minicozinha da suíte.

– Rose – chamou Leigh pela porta. – Seu nível de desânimo só rivaliza com o de Van Gogh. Você vai cortar sua orelha fora por causa de alguns *cookies* queimados? Você está sendo egoísta e sentimental. Além disso, meu cobertorzinho está trancado e você me deixou sem ele. Abra a porta!

– Rose, querida, abra a porta! – pediu Purdy. – O que ocorreu hoje não foi culpa sua. Nós simplesmente não estávamos preparados!

Rose suspirou fundo.

– Estaremos preparados para amanhã – completou Albert. – Mas você tem que sair e nos ajudar a pensar no que faremos.

– Quero ir para casa – lastimou Rose. – Há tantos modos de as coisas darem errado... Não é uma disputa justa, entre mim e ela. Ela está usando o seu Ingrediente Mágico, e eu tenho apenas nossas velhas receitas de família.

– Reveja seus cálculos nesse aspecto – resmungou Balthazar. – A última vez que vi, a equipe de Lily se resumia a um. Você tem seis pessoas e um gato que fala, todos trabalhando para você.

– Correto – concordou Gus. – Embora Lily tenha o Ingrediente Mágico a seu favor também, e ainda alguns itens raros em seus potes azuis. Os dois juntos ficam letais.

– Que itens raros? – perguntou Balthazar.

Rose grudou o ouvido na porta para ouvir melhor.

– Hoje ela usou relincho de cavalo-camelo – explicou Gus.

Rose escancarou a porta.

– *Jura?* Como você sabe?

Todos rodearam um sofá, de olho em Gus, que, ignorando a atenção geral, alisava a pata cinza sedosa com a língua áspera.

– Eu a observei enquanto trabalhava – continuou, sentando-se nas patas traseiras. – Mais que isso, eu a escutei. Quando a massa estava quase pronta, ela abriu o pote azul sobre a tigela, e eu ouvi claramente o relincho de um cavalo, sabe? – Gus se esforçou ao máximo para demonstrar um cavalo bravo completo, chutando a terra com as patas traseiras.

– O que é um cavalo-camelo? – se interessou Ty.

Balthazar olhou Ty de esguelha, como se ele perguntasse como se escreve o próprio nome.

– O que você ensina para essas crianças? Um cavalo-camelo! Cavalos-camelos eram criados por um comerciante de chocolate chamado Elmurod, na antiga cidade de Samarkand. Ele percebeu que todos os que passassem a mão em um deles logo ficavam calmos e pacíficos, então inventou um confeito de chocolate que continha o relincho mágico de um cavalo-camelo. Ele os chamou de Brownies Me-Abençoe, e, tal como acariciar o animal real, eles tornavam as pessoas calmas e pacíficas, um sentimento em falta, se querem saber.

– Onde ela conseguiu encontrar um relincho de cavalo-camelo? – perguntou Purdy. – Sobraram pouquíssimos potes com relinchos de cavalos-camelos no mundo, e eles deveriam estar em um museu, não sendo desperdiçados nos *brownies* de Lily.

– Ela é *El Tiablo* – sussurrou Ty.

– Como? – coaxou Balthazar.

– *No es nada*.

– Bom, então teremos que fazer melhor – rosnou Albert. – Temos que juntar nosso próprio arsenal de ingredientes superexóticos, mais exóticos ainda que os que trouxemos conosco, e adaptar nossas receitas

para equiparar e superar o que quer que Lily faça.

– Mas como posso superar sua receita se não sabemos o que ela vai preparar? – surpreendeu-se Rose.

– Ah, precisamos de um espião – sugeriu Sage, debruçando-se no sofá. – É claro que eu sou o mais qualificado.

– Baseado em quê? – indagou Ty.

– Em meus poderes de disfarce. – Ele ergueu o colarinho da camiseta até a ponta do nariz, deixando apenas os olhos e o cabelo ruivo com gel de fora.

De repente, Leigh berrou e subiu numa cadeira.

– Seu verme! – gritou ela, apontando para a base da porta, onde Rose viu um minúsculo camundongo cinza, do tamanho de uma bolinha de pingue-pongue, apressando-se para o canto da sala.

– Ninguém se mova – sussurrou Gus. – Façam silêncio absoluto quando eu começar a caçar. Alguém teria uma espingardinha ou uma besta?

– Gus, seu imprestável! – reclamou Balthazar. – Vá atrás dele você mesmo!

Gus açoitou o ar com a cauda.

– Eu não quero seu pelo cheio de doenças na minha boca! É provável que tenha caxumba ou rubéola. Essas criaturas não são vacinadas, vocês sabem!

– Gus – sussurrou Purdy, empoleirada sobre o sofá. – Por favor!

– Tudo bem – concordou Gus. Ele se arrastou de cima do divã e se esgueirou pelo chão até o canto da sala, onde o ratinho tremia.

– Será que alguém pode me dar uma balinha de hortelã para o hálito, por favor? – pediu Gus. – Vou precisar, quando acabar com isso.

Então Gus saltou para a frente e agarrou o camundongo em suas mandíbulas. Em vez de engolir o bocado peludo, Gus rebolou pelo chão e pulou para cima do balcão da cozinha, onde pegou um copo de vidro entre as patas. Ele cuspiu o camundongo e, antes que a criatura aturdida pudesse fugir, virou o copo sobre ele, prendendo-o por baixo.

– Nobreza sua, *gato*, poupar a vida do camundongo – elogiou Ty.

– Eu não estou sendo gentil, *playboy*. Estou sendo prático. Um camundongo não é gostoso o suficiente para o meu refinado paladar. – Gus contemplou a criatura peluda definhando sob o copo. – Apesar de eu ter uma ideia. Se precisamos de um espião, ele poderia desempenhar bem a função: é pequeno, e, se morrer no cumprimento do dever, ninguém vai sentir falta dele.

– Mas um camundongo não *fala* – lembrou Rose.

– Abra sua mente, criança – rebateu Gus. – Eu consigo falar, não consigo?

Purdy virou-se para Balthazar, recostado em uma cadeira de brocado com babados.

– Poderíamos fazê-lo falar?

Balthazar pensou um minuto, pressionando as costas na cadeira, segurando as laterais com suas mãos grandes marcadas por pústulas. – Claro – afirmou. – Mas, se este camundongo falar metade do que o

gato, não tenho certeza se quero.

Todos na sua família pareciam muito otimistas sobre Rose ganhar a competição. Por que será que ela própria não conseguia ficar otimista sobre si mesma?

Seis chamas e cinco músicas depois, os Biscoitos Tramela Tagarela feitos com o único queijo à mão, o queijo ralado do macarrão em pacote, saíram cheios e crocantes, com uma cor laranja curiosa, pouco natural. Balthazar colocou um biscoito quente sob o copo para o pequeno camundongo. Este olhou em volta, nervoso, então mergulhou no biscoito e o devorou inteirinho.

Balthazar levantou o copo quando o animal se sentou, inchado. Ele enrugou o nariz de bulbo, com uma expressão que parecia muito semelhante a repulsa. De repente, o pequeno camundongo abriu a boca e falou:

– Você chama *isso* de queijo? – perguntou, com um forte sotaque francês. Seus dentes frontais longos roçaram o lábio inferior durante a fala. – Ah! Eu estou falando! Por que estou falando? Quem são vocês? Vocês não têm nada melhor a fazer senão dar queijo falso para um camundongo francês?

Rose estendeu a mão para o camundongo, e ele subiu nela, uma patinha por vez.

– Tenho dentes muito afiados! – avisou ele. – Se tentar me esmagar, vou te morder!

– Eu não vou esmagá-lo – disse Rose suavemente. – O senhor é um rato de sorte, *Monsieur*...

– *Jacques* – respondeu o rato. – *Je m'appelle Jacques*. Por que tenho sorte?

– Bem – respondeu Rose –, não só porque lhe foi dado o poder da fala, como também porque foi contratado como espião.

– Um espião? – Jacques ficou maravilhado. – Mas não posso ser um espião! Sou músico, um flautista! Eu estava indo praticar em casa quando o demônio me pegou em seus maxilares!

– E se nós lhe pagarmos? – sugeriu Rose. – Com queijo. Queijo *de verdade*.

Capítulo 6

O décimo sétimo andar

– E onde fica o quarto dessa chefe das artes das trevas? – perguntou Jacques depois de lhe explicarem tudo e saírem em busca da forma exigida de pagamento: um bom queijo Roquefort.

Ele sentou no joelho dos jeans de Rose quando ela se acomodou no sofá. Albert, Purdy e Balthazar sentaram ao lado de Rose, e Ty, Sage e Leigh se recostaram no sofá e observaram Jacques. Gus escapuliu para o banheiro para limpar as patas. Naquele momento, eram quatro horas da tarde, depois do que fora uma longa manhã, e todos bocejavam silenciosamente.

– Na verdade, não sabemos – admitiu Rose. – Ela é famosa. Quando as pessoas famosas vêm ao Hôtel de Notre Dame, onde ficam?

Jacques estremeceu.

– No piso Fantasia. É um conjunto blindado no topo do edifício. O elevador normal não vai até lá; há um elevador escondido. Eu sei onde fica, mas é muito perigoso. Sinto muito, mas não posso fazer isso.

Purdy foi até a geladeira, pegou o pedaço de Roquefort e o desembrulhou. Ela agitou a fatia clara e cremosa sob o pequeno nariz pontudo de Jacques. Rose torceu o próprio nariz: aquilo cheirava a axilas e tinha pontos de bolor negro. Jacques, no entanto, foi superado pelo desejo.

– Oh! – gritou. – Eu não consigo resistir! Vou arriscar minha vida por este queijo. A que ponto me rebaixei!

Com um arranhar das minúsculas garras, Jacques saltou do joelho de Rose e desapareceu em um

buraco na parede.

Os Bliss contaram os minutos em que o intrépido camundongo-espião estava fora, andando aflitos e mal se falando. Mas três horas depois Jacques correu de volta para o centro da sala de estar.

Ele levantou seu pequeno nariz para Rose. Com olhos arregalados, ele tremia e estava encharcado de suor.

– *Mademoiselle*, por favor.

Rose se abaixou e colocou a mão no chão. Jacques subiu na palma dela, e Rose o ergueu com cuidado até o balcão da cozinha. Sentou-se sobre as patas traseiras e limpou o suor do pelo, enquanto a família se organizava ao redor para ouvir seu relatório.

– *Alors*, foi uma jornada angustiante – disse –, mas depois de muitos e enormes esforços, finalmente me encontrei agachado entre duas latas de feijão em um armário aberto na cozinha da bruxa. No ar pairava o cheiro de...

– Bolo no forno? – perguntou Sage.

– *Non*!– disse Jacques. – *Maldade*. Enquanto esperava, uma barata brutal zombou de mim. Eu a espantei. Então, a bruxa entrou na cozinha. Ela parou perto do fogão e folheou um livro grosso com uma capa de couro marrom.

– O Tomo de Culinária! – engasgou Purdy.

– Está aqui, *neste hotel*? – questionou Albert. – Ataquem o piso Fantasia, ou seja lá como ele é chamado!

– Depois de um tempo, a bruxa fechou o livro e saiu da cozinha. Quando voltou, ela puxava um grande guarda-roupa portátil.

– Um guarda-roupa? – perguntou Albert, incrédulo.

– Sim – disse Jacques. – Um enorme guarda-roupa de madeira escura. Quando ela abriu as portas duplas, vi potes. Dezenas de frascos de vidro, de cor azul. Não consegui ver o que havia neles. Em voz alta, para si mesma, a bruxa disse: “AZEDO”. E então ela tirou um dos vidros. Colocou farinha e um monte de outras coisas em uma tigela, sobre a qual virou o frasco. Ao fazê-lo, o som de choro se ergueu da tigela. E então ela adicionou um vidro de alcaparras.

– Alcaparras? – repetiu Ty, examinando as cutículas. – Essas pequenas coisas verdes azedas? Num bolo?

Purdy acenou rápido.

– Ela estava fazendo a Torta Jujuba Azeda – disse ela. – AZEDO era uma das categorias quando competi em 1992. É provável que ela esteja revendo a receita, para o caso de ser uma das categorias. Ela fez alguma outra coisa?

– *Oui* – respondeu Jacques. – Colocou uma pitada de pó na torta, de uma caixa de papelão.

– O Ingrediente Mágico de Lily – murmurou Ty.

– Então aconteceu algo que fez o meu pelo ficar em pé! Da tigela veio um sussurro sinistro:

Lilllyyyyy...

– Você a viu fazer alguma outra coisa? – perguntou Purdy.

– *Oui, madame* – disse ele. – Muitas, muitas coisas...

Jacques narrou o som de uma poderosa soprano escandinava, claramente o Bolo de Casamento Soprano, de acordo com Purdy. – Provavelmente para a categoria SEM AÇÚCAR.

– Então vi fumaça roxa...

– Pode ser um Rolinho Tremelique de Geleia – sugeriu Albert. – Para a categoria ENROLADO.

– Houve uma explosão verde...

– Suflê Primavera. Definitivamente AERADO – observou Purdy.

E então Jacques descreveu um silêncio assustador, acompanhado de um redemoinho iridescente, e de um uivo do vento baixo e vazio.

– Uma Torta Segure sua Língua – concluiu Purdy. – Embora eu não saiba para qual categoria seria. Vocês sabem algumas coisas sobre as Tortas Segure sua Língua, não é, crianças?

Rose, Ty, Sage e Leigh se entreolharam. Rose lembrava, depois da visita de Lily a Calamity Falls, como sua língua ficava dormente e mole cada vez que tentava falar a respeito de Lily.

– Agora que sabemos algumas coisas que ela está preparando – falou Purdy, rodeando o divã –, precisamos coletar nosso próprio estoque de ingredientes extraespeciais para termos armas para contra-atacar, não importa qual seja o tema do dia.

Balthazar desapareceu em seu quarto e retornou carregando uma mala de linóleo azul que parecia ter sido feita antes da Segunda Guerra Mundial. Ele abriu a tampa e Rose arfou ao ver nela fileiras organizadas de potes azuis em miniatura, cada um com uma etiqueta escrita à mão.

– Como qualquer mágico de cozinha, não viajo sem meu estoque. Tenho um pouco do que precisamos aqui – contou ele –, só que em amostra limitada. Vamos precisar de mais.

– Temos que pensar em todas as categorias surpresa possíveis – continuou Purdy – e, então, escolher as receitas que podem ganhar das de Lily, mesmo com seu Ingrediente Mágico; as mais incríveis e deliciosas receitas do Tomo, receitas que ela pode não conhecer, pois duvido que tenha testado todas as setecentas e trinta e duas. Então Balthazar traduzirá as receitas bem rápido, Rose vai decorá-las e nós juntaremos os ingredientes necessários antes do tempo.

– Obrigada, Jacques – disse Purdy, olhando para onde ele estivera sentado. – Você foi muito prestativo...

Mas Jacques não estava mais lá.

– Para onde ele foi?

Gus deu de ombros.

– Eu o avisei para ir embora e nunca mais voltar.

– Mas por quê? – gritou Rose. – Ele foi tão bom conosco. Arriscou a vida!

– Está escrito no *Livro dos Scottish Folds*. Quando um Fold encontra um camundongo, o Fold o avisa para nunca mais retornar. Se ele desobedece ao aviso, então, como se diz, vale tudo.

– Podemos debater a política das relações entre gatos e ratos mais tarde – decidiu Purdy. – Espero que Jacques volte para podermos agradecer, mas agora temos trabalho a fazer.

A família ficou nos sofás da sala de estar o resto da noite, decidindo como sobreviver à competição contra a formidável e trapaceira oponente de salto alto.

Purdy virou uma página limpa do caderno de Rose. Anotou as categorias possíveis para os dias que restavam da competição, com base nas que enfrentou em sua época da Gala e relatos de amigos que também competiram:

Fofinho
Curto
Folhado
Com queijo
Com chocolate
Aerado
Sem açúcar
Em flocos
Enrolado
Azedo

Rose sentou-se ao lado de Balthazar, que segurava sua versão sassaniana do Tomo de Culinária aberta no colo. Ele descreveu várias receitas conforme as olhava, e a família debateu repetidas vezes qual seria a mais exata e especial, até acabarem por escolher algumas boas opções.

– O Pão de Banana MegaBom vencerá a qualquer momento o Bolo de Casamento Soprano na categoria SEM AÇÚCAR – sentenciou Balthazar.

– E aposto que o Bolo Sopro de Anjo bateria o Suflê Primavera na categoria AERADO – sugeriu Purdy. – É muito mais aerado.

Ty e Albert se revezavam anotando ideias no bloco de Rose, enquanto Balthazar pesquisava na antiga cópia do Tomo, contando a Rose e Purdy a respeito de cada receita. Sage e Gus gritavam suas opiniões, e Leigh tirava uma soneca no canto.

A lista final ficou assim:

Fofinho – Carolina Alegria de Néctar
Folhado – Baklava Tola

Com queijo – Queijadinha Sublime

Ccom chocolate – Bolo Manjar do Diabo

Aerado – Bolo Sopro de Anjo

Sem açúcar – Pão de Banana MegaBom

Em flocos – Croissant-mania

Enrolado – Rugelach Cativante

Azedo – Torta Dupla Folia Laranja

Quando finalmente acabaram a lista, já era meia-noite, e Purdy declarou que todos deveriam dormir um pouco, principalmente Rose e Ty, que teriam que trabalhar logo cedo.

– Mas não estaremos prontos de manhã! – protestou Rose. – Balthazar não terá tempo para traduzir todas as receitas até lá! Tampouco teremos juntado todos os ingredientes necessários!

– Acalme-se, Rose, querida – respondeu Albert. – Vai dar tudo certo. Balthazar pode acordar cedo e começar a traduzir, e ainda teremos uma hora antes do preparo para juntarmos os ingredientes que precisarmos.

Assim, relutante, Rose foi para o quarto e deitou na cama diante de Leigh, que ressonava.

Ela se sentiu um pouco melhor ao ter uma ideia de quais categorias poderiam surgir e o que fazer nesse caso, mas não tinha noção de como completar a tarefa sem as receitas traduzidas e os ingredientes necessários.

Rose tentou adormecer, mas parecia ouvir o som de música de flauta. *“Isso deve ser um tipo estranho de pesadelo”*, pensou. A música parecia vir da parede, debaixo da escrivaninha do canto. Após um momento, Rose pulou da cama e seguiu o som. Ela descobriu um pequeno buraco no rodapé, de onde podia ouvir claramente música de flauta.

– Olá? – cochichou dentro do buraco.

A música parou. Um momento após, Jacques esticou o nariz felpudo para fora.

– Jacques – sussurrou ela. – Você voltou!

– Eu não *voltei* – replicou ele. – Eu moro neste buraco e estou no meio de minha prática noturna. Mas não retornei. Não desobedeci ao aviso dos Scottish Folds. Está escrito no *Livro dos Camundongos* que eu devo ficar longe até que o aviso seja rescindido.

– Também existe um *Livro dos Camundongos*? – surpreendeu-se Rose.

Jacques emergiu do buraco, olhou à direita e à esquerda e sentou-se sobre as ancas. Carregava uma minúscula flauta de prata, do tamanho de um palito de dentes.

– Todo camundongo tem um exemplar do *Livro dos Camundongos* – esclareceu. – É a história dos camundongos, sua opressão pelos humanos e gatos, e glorificação pelos insetos e pequenos pássaros.

Rose acenou com a cabeça.

– Nós tínhamos um livro assim. É uma coleção de receitas mágicas da família, como uma história familiar mágica. Algumas receitas são boas; outras, perigosas. Nunca usamos as perigosas. Exceto uma, por acidente.

– *Tínhamos*? Onde ele foi parar? –interessou-se Jacques.

– É o que você acabou de ver na suíte do piso Fantasia – esclareceu Rose. – É a razão de estarmos aqui, para vencer tia Lily na competição dos confeiteiros e ter o livro de volta. Mas não acho que eu possa fazê-lo.

– Você está muito preocupada – disse Jacques, tocando o joelho de Rose com a patinha do tamanho de uma lentilha. – Por isso está acordada a essa hora.

– É verdade – concordou Rose. – Queria ter o Tomo de volta hoje à noite. Não posso vencer Lily. Não sou tão boa confeiteira assim.

Rose ponderou um minuto, então agarrou Jacques entre as palmas e o levou ao quarto de Sage e Ty, onde os irmãos adormeciam.

– Gente! Ty! Sage! Acordem! Tive uma ideia! – gritou Rose, acobertando o som dos pedidos de Jacques. – Em vez de ficar esperando perder amanhã, por que não nos esgueiramos agora até o piso Fantasia e roubamos o Tomo de volta para sempre?

– O quê? – resmungou Sage, meio adormecido.

– Rose, volte para a cama – aconselhou Ty.

Rose correu para a cama de Ty e sacudiu-lhe o ombro até ele acordar, segurando Jacques, cativo, na outra mão.

– Podemos entrar no quarto de Lily, roubar o Tomo, ir para casa e dar um jeito em Calamity Falls amanhã. Não seria mais fácil?

Ty sentou na cama, os olhos ainda fechados.

– Acho que sim...

– Sage, você não quer acabar logo com isso? – perguntou Rose.

– Não parece você, querer arrombar o quarto de alguém e roubar algo, Rose.

– Eu não quero roubar. Só quero ter certeza de termos o Tomo de volta, e não acho que possa ganhar a competição – explicou Rose.

Jacques sacudiu a pequena cabeça.

– *Non*, *non*. Eu não posso mostrar como chegar ao piso Fantasia. É perigoso demais.

Rose pensou um minuto.

– Será que uma fatia de Brie o faria mudar de ideia? – perguntou.

Jacques ficou no bolso da frente do blusão de capuz de Rose, enquanto ela e os irmãos atravessavam o vestíbulo do hotel. De um lado, estendia-se a ornada recepção; um arranjo de flores dominava o centro do salão, chegando quase até o enorme lustre pendurado do teto com afrescos.

Segundo o enorme relógio acima da recepção, era meia-noite e meia. Embora o lustre acima deles brilhasse, as outras luzes da entrada estavam fracas, e o local estava quase deserto.

Rose e os irmãos passaram pelos elevadores até o café do hotel e uma porta marcava TOILETTE. Do outro lado da porta, havia uma escada coberta de veludo vermelho.

– Continuem – instruiu Jacques.

Eles subiram a escada até um salão cercado por uma corrente delicada. Um aviso pendurado na corrente dizia: PRIVÉ.

– Isto significa “privado”, não é, Jacques? – perguntou Rose. – Não podemos entrar.

– Vocês querem ir ao piso Fantasia, *non?* – inquiriu o camundongo. – Este é o caminho.

Os irmãos assentiram, Rose inspirou fundo e passou por cima da corrente.

O saguão estava na penumbra, iluminado apenas por uma arandela de estilo medieval. No final do corredor curto havia um único elevador. Em vez de vários botões SOBE e DESCE, havia um painel com botões múltiplos, cada um correspondente a uma letra do alfabeto.

– Este elevador só pode ser aberto com um código especial – contou Jacques. – Cada hóspede escolhe o seu.

– Qual é o código da Lily? – perguntou Sage.

– *Je ne sais pas!* – disse Jacques. – Eu fiquei esperando no canto até um camareiro chamar o elevador e corri atrás dele. Ele levou caviar para a famosa mulher.

– Você viu quantos botões o camareiro apertou? – questionou Rose.

Jacques pensou um momento.

– Eu acho... que ele apertou quatro botões.

Rose raciocinou um minuto.

Ty sacudiu a cabeça.

– Não entendo – lamentou. – *TIABLO* tem seis letras.

Enquanto Sage refreava uma risada, Rose ergueu o dedo sobre os botões, inspirou fundo e digitou *T O M O*.

Uma lâmpada acima do elevador acendeu, uma campainha soou, e as portas do elevador deslizaram, abrindo-se. Ty tocou o ombro de Rose.

– Muito bem, *mi hermana*.

– Imagino que Lily esteja com o Tomo em mente – disse Sage, entrando com os outros.

O elevador só tinha um botão com o número *17*.

– Mas só há dezesseis andares no hotel! – estranhou Rose.

– Ou assim vocês imaginavam – esclareceu Jacques.

Rose apertou o *17*. As portas se fecharam, e o elevador ascendeu com um estrondo até o andar secreto. Dentro de poucos instantes, um sino tocou, e eles estavam em uma pequena antecâmara com uma porta em

cada parede.

– Por aquela porta – sussurrou Jacques, apontando com a pequena garra a que ficava em frente ao elevador.

Rose se esgueirou pela sala e girou a maçaneta da entrada principal, mas ela não cedeu.

– Está trancada!

Ty gemeu.

– Por que você não nos avisou que precisávamos de uma chave? – perguntou a Jacques.

Jacques, nervoso, roía a cauda.

– A bruxa abriu a porta para o camareiro. Eu não vi nenhuma chave.

Rose suspirou, e Sage se ajoelhou diante da maçaneta.

– Olhem – sussurrou. – Há um buraco da fechadura.

Rose se ajoelhou ao lado do irmão. Com certeza, abaixo da maçaneta havia um buraco de fechadura pelo qual era possível espiar. A porta da suíte dos Bliss tinha fechadura moderna, com cartão. Rose imaginou que fizesse parte do charme do piso Fantasia ter chaves antigas de metal, pois só tinha visto em filmes ou lido em livros.

Sage espiou pelo buraco e disse:

– Eu posso ver o Tomo!

Rose tirou Sage de lado e olhou ela mesma pela fechadura.

A luz no quarto de Lily era fraca, mas ela pôde enxergar uma vistosa sala de estar com um piano de cauda e um enorme sofá de veludo púrpura, maior que um colchão normal.

Sobre o sofá estava o Tomo de Culinária e, ao lado dele, estava o anão, que parecia ser o assistente de Lily.

– Minha vez – avisou Ty, empurrando Rose do caminho. Mas, quando olhou pela fechadura, se assustou tanto com o Homem Encolhido no sofá que engatinhou para longe da porta e acabou batendo a cabeça na maçaneta.

– *Quem* é aquele baixinho? – gritou.

– Eu te disse que havia um homem pequenino conversando com Lily – respondeu Rose ficando de novo em frente da fechadura. O que viu a fez se afastar da porta tão rápido quanto o irmão. O estranho homenzinho estava sentado olhando diretamente para ela, os olhos brilhando com o mesmo tom de verde surreal, como quando ele olhara de volta para Rose no centro de exposições.

Enquanto tentava ficar em pé, Jacques pulou de seu bolso e rolou no chão. Rose agarrou os irmãos pelo colarinho e os arrastou para o elevador.

– Depressa! Pressionem o botão para descer! – interveio ela.

Ty bateu com a mão no botão do saguão, e eles olharam para a luz acima do elevador, rezando em silêncio. Atrás deles, Rose ouviu passos se dirigindo à porta da Lily.

Rose olhou para trás, para ver o que havia acontecido com Jacques. Ele sacudia a cabeça.

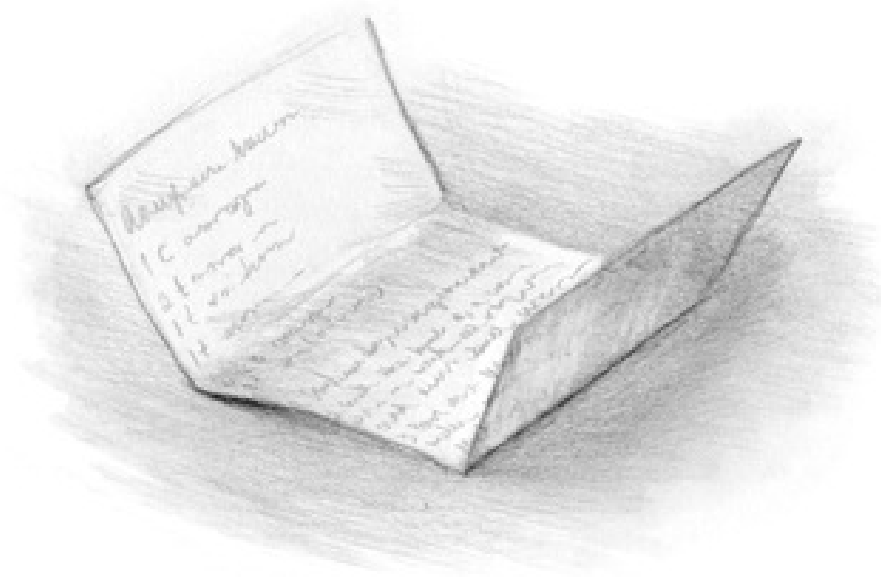
– Jacques – sibilou Rose. – Você vem?

– Você está brincando? – gritou o ratinho. – Nunca mais vou chegar perto de vocês de novo!

Nesse momento, a maçaneta da porta de Lily começou a virar. Sem olhar para trás, Jacques se enfiou num buraco no piso.

– Eu não quero morrer! – gritou Sage, se escondendo atrás de Rose.

O elevador tocou, a luz se acendeu, e Rose e os irmãos se amontoaram dentro dele. Eles se viraram para ver o Homem Encolhido lançando-se pelo saguão, tentando alcançá-los com um par de minúsculas mãos em garras.

E então as portas se fecharam, chiando.

Capítulo 7

Quadro im-perfeito

Na manhã seguinte, Jean-Pierre entrou no saguão de exposições resplandecente com o habitual casaco de veludo vermelho de *chef*.

– O que todos estavam esperando, a categoria de hoje! Eu já pedi este tema especial várias vezes, obtendo sempre resultados interessantes. O tema é... AZEDO!

AZEDO foi a última das categorias possíveis listadas na noite anterior, e Rose duvidava que Balthazar tivesse traduzido todas as receitas até o fim da lista.

Quando Rose olhou para a cozinha de Lily, suas sobrancelhas franziram ainda mais. O Homem Encolhido estava fora do círculo de câmeras, encarando-a. Ele sorriu, então imitou uma faca com o dedo, arrastando-o pelo pescoço bronzeado.

– Ty! – cochichou Rose. – Você viu isso? O homenzinho acabou de me fazer uma ameaça de morte oficial!

Ty olhou para a cozinha de Lily.

– Quem, o Rump-imbecil-tskin? Eu poderia literalmente pisar naquele cara. Jacques poderia engoli-lo. Gus poderia rosnar e o cara ia pensar que Al é uma esfinge. Isso é ridículo. – Ty encarou o Homem Encolhido e imitou sua imobilização com uma chave de braço.

O Homem Encolhido apenas continuou sorrindo e tirou um minúsculo frasco com um líquido violeta brilhante. Ele fez que bebia o líquido e caiu dramaticamente no chão.

“Eu nunca deveria ter levado Ty e Sage para tentar roubar de volta o Tomo”, pensou Rose.

Foi então que Purdy, Balthazar e o resto da família se precipitaram para junto deles.

– Bem, nós sabemos exatamente o que Lily vai preparar – disse Purdy, brandindo uma cópia em miniatura da lista final. – Torta Jujuba Azeda.

Balthazar mostrou a língua.

– Eca! Alcaparras em uma torta! Ninguém quer isso. Quando alguém pede algo azedo, sempre o quer amenizado com algo doce, mesmo que não consiga mastigá-lo.

Purdy assentiu sabiamente.

– Isso mesmo. Então, de acordo com a lista, nós ficamos com uma... Torta Dupla Folia Laranja. Balthazar, você acha que conseguirá traduzir a receita em uma hora, enquanto buscamos o nosso Ingrediente Mágico?

– Não é preciso! – sorriu ele, puxando triunfante uma folha de papel do bolso. – Eu sempre trabalho a partir do fim de uma lista. AZEDO foi a primeira receita que traduzi ontem à noite. Aqui está. A melhor parte é que o Ingrediente Mágico está aqui mesmo, em Paris. – Ele bateu o papel na tábua de picar, e Rose deu uma olhada na receita:

Torta Dupla Folia Laranja:
segundo todas as opiniões,
o confeito mais doce e azedo jamais montado.

Foi em 1671, na cidade italiana de Florença, que a Signora Artemísia Bliss conseguiu salvar a própria cabeça ao criar uma sobremesa que agradou tanto o cruel Duque Alessandro di Medici quanto sua implacável esposa, a Duquesa Margareta. Alessandro preferia sobremesas doces, e Margareta, azedas. Foi encomendado à Signora Bliss, a confeiteira da Corte, criar uma sobremesa de casamento que agradasse tanto o Duque quanto a Duquesa, sob pena de MORTE. Os temíveis governantes lhe pouparam a vida depois de provar sua Torta Dupla Folia Laranja.

A Signora Bliss criou dois cookies *laranja, misturando a polpa de uma* ***abóbora****, um punhado de* ***farinha branca****, um* ***ovo de galinha*** *e um punhado de* ***açúcar****.*

Ela uniu os cookies *com um glacê: bateu com força um punhado de* ***açúcar de confeiteiro****, um tablete de* ***manteiga****, o suco de uma* ***laranja-sanguínea*** *e o* ***Segredo por trás do sorriso enigmático da Mona Lisa, contado pelo próprio retrato****.*

Rose engoliu em seco. – Precisamos coletar o segredo do sorriso da Mona Lisa?

– Parece que sim – concordou Purdy. – Você não nos avisou na noite passada, Balthazar, quando sugeriu a receita.

– Ei! – resmungou ele, ajustando o cardigã roxo. – Você quer que seu prato tenha o melhor sabor, então

consiga o melhor. Não há nada mais agridoce que o sorriso da Mona Lisa. É claro que é um ingrediente muito raro, e não tenho isso em minha mala. Temos que ir direto à fonte.

– Tudo bem – disse Albert, servindo-se de um copo de água. – Acho que vamos ao Museu do Louvre.

– Por que vamos a um museu *agora*? – choramingou Sage. – Pensei que um benefício de não férias seria estar ocupado demais para irmos a um museu.

Mas Leigh estremeceu de prazer.

– Arte! – gritou. – Néctar da alma humana!

O Louvre pareceu um castelo medieval para Rose – a não ser pela famosa pirâmide de vidro no pátio. O edifício era tão grande que, no início, ela não sabia que era tudo a mesma coisa.

– Qual é o tamanho disso?

– Grande o suficiente para ser visto do espaço – contou o pai. – Agora vamos.

Os Bliss correram para a entrada e se viram atrás de uma fila que dava a volta no quarteirão.

– Isso é pior do que a Disney World! – reclamou Albert, cutucando o ombro do soldado uniformizado na frente dele. – Senhor! O senhor sabe o tempo de espera?

– Cerca de três horas – respondeu o homem.

Purdy olhou o relógio.

– Temos só cinquenta e dois minutos! Tem certeza de que não podemos substituir por outro ingrediente, Balthazar?

– *Tem que ser* o segredo da Mona Lisa – respondeu ele, ríspido. – Não temos como evitar isso. – Balthazar vestia um boné de beisebol que era muito grande, mesmo para seu crânio enorme, e tinha pintado o nariz e as bochechas com pasta branca de óxido de zinco para protegê-los do sol.

– Eu tenho uma ideia – anunciou Sage. – Vamos dizer aos guardas que tenho uma doença rara e não posso ficar fora, no sol. Eles vão nos deixar entrar apenas para poupar minha vida!

Purdy sacudiu a cabeça.

– Isso é imoral! – criticou ela. – Além disso, essa é uma doença real. É chamada *Xeroderma pigmentosum*.

– Hummm – ponderou Balthazar. – Vocês sabem, acho que o garoto leva jeito. Precisamos tentar. Só temos quarenta e nove minutos.

Balthazar pegou um guardanapo de seu bolso. Dentro havia uma massa folhada que parecia pálida e velha. – Peguem aqui. Todos nós precisamos de uma mordida disso antes de entrar. É a Torta-Escuta. Faz-nos conseguir ouvir o que as pessoas nas pinturas dizem.

Rose deu uma mordida na Torta-Escuta. Era tão seca e dura como uma unha, e no interior a geleia secou em flocos desidratados vermelhos. – De quando é? – perguntou ela, esforçando-se ao máximo para não cuspir tudo na calçada.

– De 1955 – contou Balthazar. – Desculpem por isso. Eu pensei em preparar uma nova ontem à noite,

só para ter, mas ainda tinha esta, totalmente boa, enfiada em minha mala.

Assim que todos conseguiram dar uma mordida na antiga Torta-Escuta, Sage desembrulhou a *pashmina* azul que Purdy usava em volta do pescoço e cobriu a cabeça, então espalhou um pouco de óxido de zinco de Balthazar no nariz. – Vamos lá.

Cabeças se viraram ao ver os Bliss dando a volta no quarteirão, para a frente da fila. Na entrada, uma mulher fatigada, com pequenos cachos castanhos, pedia os ingressos.

– Com licença, senhora – disse Sage. – Meu nome é Leonardo da Bliss, e eu viajei do Alasca até aqui com minha família.

Sage indicou o grupo multicolorido em pé atrás dele.

– Eu tenho um problema raro chamado... zero-drama *piggytosis* – Sage deu uma olhada em Purdy, que sorriu, nervosa. – Sou alérgico ao sol. Minha vida inteira eu quis tanto ver a *Mona Lisa*, pintada por meu xará, Leonardo da Vinci. Mas eu não posso esperar nesta fila por mais três horas, sob o sol escaldante. Eu esperava que você pudesse me deixar entrar, com minha família, ou então terei que voltar para o hotel e olhar as fotos da *Mona Lisa* na internet.

Rose mal podia crer na enorme mentira que seu irmão tinha acabado de contar, embora ela tivesse que confessar que ele o fez sem piscar.

Rose arriscou um olhar para a bilheteira. Parecia ter funcionado!

A bilheteira sorriu gentilmente.

– Claro, querido. Você e seus irmãos e irmãs podem entrar gratuitamente. Mas são trinta euros para os adultos. E você terá que deixar o gato na chapelaria.

Balthazar parecia alguém que levou um soco no estômago.

– Trinta euros? – ele engasgou. – Isso dá quarenta dólares! Ultrajante! Basta deixar as crianças entrarem.

Enquanto Purdy, Albert, Balthazar e Gus esperavam do lado de fora, os quatro filhos marcharam direto à procura da *Mona Lisa*.

Todos andando pelos corredores do Louvre falavam em voz baixa, o que era bom, pois o barulho vindo dos retratos era de ensurdecer.

Era impossível, por exemplo, ignorar o retrato de Napoleão Bonaparte atravessando os Alpes a cavalo.

– Já cansei de nossa jornada – lamentava ele. – Meus dedos dos pés estão congelados. Mudei de ideia sobre a Rússia; não quero mais ir para lá. Ouvi dizer que na Rússia colocam pequenas bonecas dentro de outras maiores. Não entendo. Não consigo mais sentir meus dedos. Alguém tem uma fatia de quiche? Já chegamos?

Sage não conseguiu resistir. Caminhou até o retrato de Napoleão.

– Eu lhe sou solidário, Vossa Excelência.

Os olhos de Napoleão pareceram focar um pouco o rosto de Sage. Embora sua boca não se movesse, as crianças Bliss ouviram exatamente o que dizia.

– Consegue me ouvir? – perguntou o retrato a Sage.

– Sim, senhor – respondeu Sage.

– *C'est beau* – sussurrou Napoleão. – Traga-me um *croissant*! E uma garrafa do meu melhor vinho! A crina deste cavalo é áspera e desagradável. Traga-me um burro!

– Foi um prazer, senhor – respondeu Sage, saudando Napoleão e voltando ao grupo.

– Espere! – chamou a pintura. – Aonde você vai?

– Uau! – sussurrou Sage, seguindo pelo corredor. – Ele é *realmente* um chorão! Dá para acreditar naquele cara, Ty?

Ty não respondeu nada: estava muito ocupado, olhando um retrato das costas de uma mulher nua. Ele conseguiu desviar o olhar o tempo suficiente para ler o nome do pintor no cartão ao lado da pintura. – Jean-Auguste-Dominique Ingres – leu ele. E, voltando-se para a pintura: – *Hola, mi amor*. Este é o nome de seu... marido? Seu namorado?

Embora a mulher na pintura não se movesse, Rose conseguiu ouvir claramente sua voz: – Era apenas um cara que conheci no mercado enquanto comprava feijão – contou. – Ele me disse que essa pintura era apenas para praticar. Contou que diziam que ele era um artista horrível e ninguém jamais a veria. Mas cá estamos, mais de um século depois, e milhares de pessoas diferentes olham minha bunda todos os dias, incluindo você.

Ty corou.

– Sinto muito – desculpou-se, olhando para o chão.

Eles se apressaram.

Rose deu uma cotovelada no irmão.

– Bem feito, por tentar mexer com alguém em um quadro!

No final do corredor, uma multidão de turistas se amontoava diante da parede. Rose ficou na ponta dos pés e se esforçou para ver o que eles estavam olhando. Lá estava ela: a *Mona Lisa*.

A pintura era muito menor do que Rose imaginara. Estava sob um vidro e iluminada de cima por uma pequena lâmpada. Rose se espremeu até a frente da multidão para ouvir o que a Mona Lisa dizia, mas a pintura estava em silêncio.

– Olá – sussurrou Rose. – Mona?

Nada, exceto olhares confusos das pessoas ao lado.

– Vamos deixar a menininha estranha ter um momento a sós – sussurrou um casal.

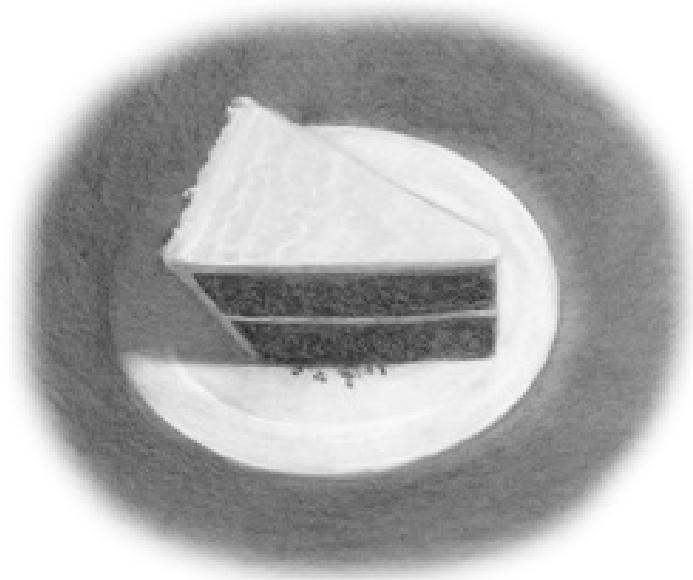
A multidão reunida em torno do retrato se dispersou ao ouvir Rose sussurrando para si mesma. Em pouco tempo, Rose e seus irmãos se encontraram cara a cara com o famoso retrato.

– Eu disse "Olá!" – tornou a sussurrar Rose.

– Ah, eu te ouvi da primeira vez – respondeu a pintura com a voz suave e baixa.

– Eu... nós ... estamos em uma competição de confeiteiros – sussurrou Rose para a pintura. – Precisamos captar o segredo do seu sorriso. Então, se você puder nos contar, seguiremos nosso caminho.

A pintura zombou dela.

– Todo mundo pensa que estou sorrindo. Eu não estou sorrindo! Estou franzindo a testa, como uma mulher respeitável. Então, o que quer que precise para o concurso de confeitaria, terá que encontrar em outro lugar.

Capítulo 8
Fazendo folia

Já sei – proclamou Ty, passando os dedos pelo cabelo. Ele caminhou até a pintura, mordeu o lábio inferior e franziu a testa, em uma pose que praticou muitas vezes e chamara de “capa do álbum”.

– Parece que está passando por uma cirurgia – comentou a Mona Lisa.

Ty saiu da pose e soltou a respiração.

– O que você está dizendo? Pratiquei essa cara por dois dias! Pesquisei tanto!

– Odeio te desapontar – comentou a pintura –, mas você parece... – E então ela disse coisas que Rose jamais ouviu uma mulher adulta dizer, muito menos a pintura de uma mulher adulta.

Ty engasgou.

– Você tem uma boca suja! Não admira que a mantenha fechada!

Rose virou o olhar para Leigh, que apareceu no corredor e conversava com um catedrático de uniforme vermelho, que o fazia parecer um carregador.

– Eu só queria que soubesse que sua biografia de Eugène Delacroix contém notórias informações errôneas – argumentou Leigh, arranhando um pouco do mingau de aveia colado na frente de sua camiseta dos *101 Dálmatas*. – Embora tenha, de fato, frequentado ambas as escolas, foi no Lycée Pierre Corneille que ele primeiro ganhou elogios por suas ilustrações, e não no Lycée Louis-le-Grand, como afirma seu cartaz.

O docente olhou em volta freneticamente, querendo saber se ele era o tema de um programa de câmera

oculta, já que a jovem que sabia os detalhes da biografia de Delacroix não parecia ter mais de quatro anos.

– Leigh! Venha aqui! – chamou Rose.

– Eu estou “meio que” ocupada – respondeu ela.

– E eu terei “meio que” um colapso nervoso, Leigh, se você não vier aqui agora.

Leigh andou relutante até Rose, Ty e Sage.

“Por que eu sou a única que sabe se comportar como uma pessoa normal?”, pensou Rose.

– Ah, muito bem... Se não é a Sra. Lisa Giocondo, em pessoa – comentou Leigh friamente, com os minúsculos braços cruzados sobre o peito.

– O nome dela é *Mona Lisa* – corrigiu Rose.

– Não, a pequena está certa – intercedeu a pintura. – Meu nome é Senhora Lisa Giocondo. *Mona* significa “senhora”, e mesmo assim todos sempre me chamam de Mona; não é um nome!

Rose não sabia o que dizer.

– Eu não sabia. Sinto muito. – Rose virou-se para Ty e sussurrou: – Por que essa mulher é tão ranzinza?

– Eu ouvi isso! – reclamou Mona Lisa. – Sou bidimensional, mas não sou surda.

– Não precisa se desculpar por ser ranzinza – ironizou Leigh. – Você também seria ranzinza se tivesse que se sujeitar às políticas bizantinas da classe superior florentina quanto ao sexo no século XVI. Lisa nasceu no final dos anos setenta, *1470*, e, quando tinha uns quinze anos, só alguns anos mais velha que você, Rose, foi forçada a casar com um homem de quarenta, e então criar seis filhos. Estou certa?

Agora, foi a vez de Mona Lisa ficar muda.

– Continue – disse finalmente.

– Não se esperava que ela tivesse quaisquer interesses próprios, exceto limpar e cozinhar, e ela raramente saía de casa, a não ser para se sentar direto, por doze horas, no estúdio de Leonardo da Vinci, porque o marido queria ter uma foto dela.

– Você está piorando as coisas, Leigh! – alertou Rose, que tirou uma chupeta do bolso e a enfiou na boca de Leigh.

– Tire essa coisinha plástica imediatamente! – gritou a pintura. – Essa criança é a única pessoa que me entende! Por favor, jovem adivinha, continue.

Leigh cuspiu a chupeta e limpou a garganta.

– Eu vi todas as críticas de arte sobre o enigmático “meio sorriso” da *Mona Lisa* no Canal de História da Arte, mas eu, pessoalmente, sempre achei que você simplesmente tentava *não* sorrir. O retrato renascentista consiste exclusivamente de carrancas piedosas e azedas. Você se esforçava ao máximo para manter um olhar severo, mas algo na sala lhe fez cócegas, algo...

– Havia uma coisa... – confessou a pintura.

– *Sage* – sussurrou Rose. – Prepare o pote!

Sage tirou um frasco em miniatura de vidro azul matizado do bolso lateral da calça cargo e o segurou

perto da pintura.

– Acho que foi algo que você viu no estúdio de Leonardo – continuou Leigh.

– Foi a máquina voadora! – contou a pintura. Sua voz subiu, melodiosa, em soprano: – Quando eu era menina e vivia na fazenda do papai, meu dever era cuidar das galinhas. Havia doze, todas confinadas em um galinheiro. Forçadas a pôr ovo após ovo, nunca lhes permitiram vagar livres. Eu sempre me perguntei por que elas nunca tentaram voar sobre a cerca. Pensei que talvez fosse porque tinham medo de serem pegas.

– Você captou isso? – sussurrou Rose a Sage, que assentiu.

– Minha galinha favorita era uma ruiva que eu chamava de Lisa. Em minha honra. Uma noite, escapei para o galinheiro e roubei a Lisa da gaiola. Eu a deixei em um campo aberto, sob o luar. "Voe, vá embora, Lisa!", gritei. "Voe, vá embora!". Ela tentou. Mas galinhas são muito grandes e desajeitadas para voar. Ela só voou uns poucos metros. Tive que trazê-la de volta para o galinheiro.

Sage se esforçava para segurar o frasco, que começou a transbordar com uma pasta densa, marrom, com consistência de tutu de feijão.

– Acho que já temos o bastante – disse Sage, derramando pasta no chão ao colocar a tampa no frasco. – Obrigada, Lisa.

– Eu não terminei! Abra esse vidro! – exclamou Lisa. Com um aceno de Rose, Sage, relutante, abriu o frasco.

"Depois disso – a pintura continuou –, eu me casei com Francisco e tive filho após filho. Pensei na Lisa, a galinha, pondo ovo após ovo. Embora eu amasse meus filhos mais que tudo na vida, ansiava pela liberdade da andorinha. Mas eu era tão desajeitada quanto Lisa, a galinha, incapaz de escapar!

"Francisco encomendou um retrato do grande Leonardo da Vinci. Imaginem o meu choque quando me sentei em seu estúdio e vi uma máquina de voar, altiva e perfeita, no canto! Ele me disse para franzir a testa do modo mais piedoso que pudesse, mas tudo que eu conseguia pensar era em conseguir aquela máquina e voar para longe."

– Acho que os vapores da tinta lhe afetaram o cérebro – sussurrou Ty.

– E então sorri simpaticamente o tempo todo em que Leonardo pintava, enquanto eu sonhava em voar.

– Obrigada, Lisa – disse Sage, fechando a tampa uma vez mais. – Que história! Vamos embora, turma. Essa coisa pesa mais que a Leigh.

Rose e seus irmãos começaram a se afastar da pintura, com o vidro e Leigh a reboque.

– Fiquem! – implorou ela. – Fiquem e ouçam sobre a vez que eu, por acidente, quebrei a perna quando tentava voar do telhado da minha varanda!

– Da próxima vez! – berrou Rose, apressando seus irmãos para fora do Louvre. – Nada mau, Leigh – sussurrou, grata por eles estarem lá para ajudar.

No momento em que Rose e Ty conseguiram voltar para a cozinha no centro de exposições do Hôtel de

Ville, o preparo já estava em curso.

– Perdemos seis minutos, Ty! – bufou Rose. – Temos que nos apressar!

Rose correu para a despensa para escolher seus ingredientes, visualizando o aspecto invulgar da caligrafia de Balthazar e lembrando as medidas para os *cookies* de abóbora e o glacê de laranja-sanguínea.

A hora da competição voou enquanto Rose e Ty misturavam a massa de abóbora em uma tigela e o glacê de laranja-sanguínea em outra. Eles acrescentaram uma colher de chá rasa do segredo da Mona Lisa no glacê, o que fez a tigela levitar e girar como a máquina voadora de Leonardo. Rose e Ty conseguiram agarrá-la e mantê-la sobre a mesa antes que alguém notasse a quebra momentânea das leis da física.

Quando Rose e Ty tiraram os *cookies* do forno, tinham apenas um minuto para passar glacê em cada par. Rose ficou tão ocupada que esqueceu tudo sobre Lily, até o temporizador de parede tocar e Jean-Pierre Jeanpierre se aproximar.

Rose olhou ao redor do salão como se fosse a primeira vez naquele dia.

As cozinhas dos dez concorrentes eliminados no dia anterior haviam sido salpicadas com muitas flores e estavam estéreis e brancas, como aldeias cobertas de cinzas vulcânicas. Do outro lado da sala, Lily colocou a Torta Jujuba Azeda sobre a mesa da cozinha. O vapor subia em ondinhas da torta perfeitamente dourada, como a ilustração de um livro infantil. Lily olhou para a Torta Folia de Rose e sorriu, como se Rose oferecesse latas de comida de gato.

Rose odiava admitir, mas a torta de Lily parecia perfeita. Ela olhou a própria criação, cada qual com a forma de uma bola de tênis e da cor de um vestido sem graça de formatura. Não era a sobremesa com aparência mais sofisticada, mas continha os segredos da *Mona Lisa*.

"Aconteça o que acontecer", pensou, *"sei que não poderia ter me esforçado mais"*.

Marco manejou seu carrinho de prata, pavoneando-se pelo corredor preto e branco, carregando sobremesas dos dez concorrentes restantes sobre a bandeja e entregando-as na mesa de julgamento de Jean-Pierre, no palco na frente da sala.

Flaurabelle escoltou Jean-Pierre para seu lugar. – Depois que eu provar estas dez sobremesas, apenas cinco competidores ficarão. *Bonne chance*.

Jean-Pierre provou prato após prato, acenando com a cabeça em aprovação óbvia, ou repugnância. Ele pareceu gostar tanto da Torta de Amora Preta, de Rohit Mansikhani, que quase caiu para trás na cadeira. Piscou para Lily depois de comer uma fatia de sua Torta de Jujuba Azeda. Sorriu após comer a Panna Cotta de Limão de Dag Ferskjold, esfregou a barriga depois de degustar a Mousse de Chocolate Amargo, de Wei Wen, e estremeceu de horror depois de uma mordida nos Cupcakes de Limão-Galego, de Miriam e Muriel Desjardins.

– Ruim – sussurrou, após o que as gêmeas se abraçaram e soluçaram nas ombreiras da elegante jaqueta azul uma da outra.

O último prato da fila de Jean-Pierre era a Torta Dupla Folia Laranja, de Rose.

– Isto é... real? – Ele tirou os óculos e esfregou os olhos, recolocando-os. – Sim, parece que é! Alguém fez uma bola laranja. Na Gala des Gâteaux Grands. Como você chama essa coisa, mocinha?

– É uma *Torta Dupla Folia Laranja*.

Jean-Pierre virou-se para Flaurabelle.

– Lembre-me de estabelecer um limite de idade para nossos candidatos no próximo ano. Ninguém abaixo dos trinta. – Jean-Pierre ergueu uma Torta Folia, olhou desconfiado, depois deu uma mordida. Seus olhos se arregalaram. Ele enfiou a coisa toda na boca e engoliu em seco.

– É... Eu não sei o que é – concluiu. – Há uma qualidade inefável, indescritível, ou algo assim. Isto guarda um segredo. Perfeitamente doce e perfeitamente azedo ao mesmo tempo. Isso me faz sentir... confuso. Da melhor maneira. Eu gosto muito desta *torta folia*.

Jean-Pierre encarou Rose diretamente nos olhos.

– Estou ansioso para ver o que você vai criar *amanhã*. Sim, escutem, Rose Bliss sobrevive para cozinhar mais um dia, junto com os Chefs Lily Le Fay, Wei Wen, Dag Ferskjold e o nosso vencedor, Rohit Mansukhani. O resto de vocês pode retornar para sua triste vidinha.

Rose corou, e Ty fez uma dança da vitória, girando, e então olhou para Lily, que sorria laconicamente. Ao contrário de Mona Lisa, que tentou franzir a testa, mas não podia deixar de sorrir, Lily tentou sorrir, mas não podia deixar de fumegar.

Naquela tarde, Albert levou toda a família para comer fora as omeletes da vitória, em um pequeno e escuro café. Rose não tinha vencido. Inesperadamente, porém, tampouco Lily.

Rose sentou em uma das extremidades da longa mesa retangular, no meio de Ty, Sage e Leigh, enquanto Albert, Purdy e Balthazar sentaram-se na outra extremidade da mesa.

Albert pigarreou, levantou-se e tiniu a faca contra o copo d’água.

– Todo mundo trabalhou muito bem hoje – parabenizou ele. – Mas temos que começar de imediato a nos preparar para o resto da semana. Sua mãe e eu vamos coletar ingredientes do topo da lista, que é FOFINHO, FOLHADO, COM QUEIJO e COM CHOCOLATE, e as crianças vão juntar os ingredientes do final: AERADO, SEM AÇÚCAR, EM FLOCOS e ENROLADO.

– Já traduzi as receitas para todas as categorias das crianças, menos uma – disse Balthazar –, já que trabalho de baixo e para cima. Elas estão lá no hotel.

– Sugiro que comecemos a juntar tudo agora. Temos tempo limitado, e alguns desses ingredientes são muito difíceis de encontrar – avaliou Purdy.

Na suíte do hotel, Balthazar entregou a Rose três folhas de papel, cada uma impressa com uma receita mágica diferente. Albert e Purdy saíram para buscar o Ingrediente Mágico de Carolina Alegria de Néctar, caso Jean-Pierre anunciasse a categoria FOFINHO na manhã seguinte.

Rose sentou-se no sofá com Ty, Sage e Leigh, segurando a pilha com três receitas. Ela examinou a primeira da pilha, a receita AERADA Bolo Sopro de Anjo.

Bolo Sopro de Anjo,
para a Aparência de Sobremesa,
quando realmente não há nenhuma.

Foi em 1322, na aldeia japonesa de pescadores de Hamamura, que o Chef Hiroshi Bliss conseguiu curar o corpulento conselheiro Aki Mayuchi do perigoso vício por bolo branco. O Conselheiro Mayuchi comia bolo de baunilha não menos que catorze vezes ao dia, o que o fez ficar maior que o maior lutador de sumô da cidade. O Chef Bliss criou este Bolo Sopro de Anjo, que parecia uma réplica exata do bolo branco amado pelo Conselheiro Mayuchi, mas continha 90% de ar. O Conselheiro Mayuchi continuou a comer os catorze bolos por dia, mas voltou ao tamanho normal, sem saber que os bolos eram feitos de ar.

O Chef Bliss combinou dois punhados e meio de ***fina farinha branca****, dois punhados de* ***açúcar****, a* ***clara de seis ovos de galinha*** *e um único* ***sopro fantasma****.*

A receita continuava, contando o tempo de forno e temperatura, mas Rose não conseguiu passar do ingrediente final.

– Um *sopro fantasma*? – questionou Rose, andando para o quarto de Balthazar. – Balthazar? O que é um sopro fantasma?

– Estou ocupado, traduzindo! – resmungou ele, fechando a porta. – Pergunte ao gato. Ele sabe tudo sobre sopros.

– O que você está insinuando? – retrucou Gus. Então o gato correu da sala de Balthazar pouco antes de a porta se fechar e pulou em cima do sofá. – Um sopro fantasma? Ora, um sopro fantasma é simplesmente um desejo.

– Isso é bem fácil – alegrou-se Sage. – Eu tenho *toneladas* de desejos.

– Eu não terminei. – Gus balançou o rabo. – É o desejo... de um fantasma.

Capítulo 9

Uma celebração de aniversário de túmulo

– Um fantasma? – Rose engoliu em seco. – Espere um pouco! Fantasmas são reais?

– Ah, com certeza! – afirmou Gus. – E não há nada mais aerado que o sopro de um fantasma.

Leigh bocejou:

– Não vou me preocupar com essa loucura. Vou dar um tempo do tédio do mundo nos braços cabeludos de Morfeu!

– Do que ela está falando? – perguntou Ty.

– Essa foi a forma pretensiosa de Leigh de dizer que ela vai tirar um cochilo – explicou Gus. – Até *eu* achei isso pretensioso, o que já é muito.

Leigh cambaleou para o quarto, e Gus recomeçou:

– Como eu dizia, os fantasmas são muito reais.

– Como você sabe? – duvidou Sage. – Você já viu um fantasma?

– Ah, várias vezes... – começou o gato, com o rabo esticado no ar como o mastro na traseira de um carro bate-bate. – Fantasmas vêm muitas vezes ao México para relaxar.

– Não seria mais seguro – sussurrou Rose – tentarmos nos esgueirar de novo na suíte da Lily?

Fantasmas não parecem muito confiáveis, e precisamos reaver o Tomo. Há muita coisa em jogo.

– Eu quero conhecer um fantasma! Vamos nos arrancar daqui e encontrar um! – Sage agarrou Gus do chão e o pegou no colo. – Hã... para onde mesmo vamos nos arrancar?

– Não posso ajudá-los com isso – alertou Gus, uma orelha grudada de cada lado da cabeça. – Minha segunda esposa, Reiko, é fantasma, mas agora ela reside no Japão.

Ty virou-se da frente do espelho acima do sofá, onde ajeitava o topete do cabelo ruivo.

– Não podemos simplesmente ir a uma casa assombrada ou algo assim?

– Não é assim que funciona – explicou Gus, rolando sobre as costas. – Um fantasma escolhe se quer ser visto ou não. Temos que saber onde o fantasma mora, fazer uma visita, tocar o sino, trazer um presente. É como ir ao apartamento de alguém. Mas eu não sei o endereço de nenhum dos fantasmas franceses.

– Eu aposto que Jacques sabe! – sustentou Sage. – Ele é de Paris, talvez tivesse um amigo rato que agora é fantasma ou algo assim.

Rose sentou-se no sofá, com as mãos cruzadas educadamente sobre o jeans.

– Eu não acho que o Jacques goste muito de nós. Além disso, nosso brilhante amigo felino, Gus, lhe disse para nunca mais voltar.

Gus caiu no chão com um baque e começou a lamber a coxa.

– Eu apenas segui o código definido no *Livro dos Scottish Folds*.

– Talvez, mas agora precisamos que o Jacques volte – alertou Rose. – Então, estou pedindo com educação que pare de lamber a coxa e desfaça o aviso.

Gus começou a beliscar a parte inferior de uma das patas traseiras.

– Eu consideraria fazer isso – disse entre mordidas – se soubesse onde ele se esconde.

Rose saltou para o quarto e se agachou sob a escrivaninha antiga onde Jacques vivia. Ela podia ouvir o som fraco da música de flauta.

– Jacques? Você ouviu isso? – cochichou Rose. A música parou.

– *Mais oui* – veio uma voz patética.

– Sinto muito ter deixado você cair lá no Piso Fantasia – desculpou-se Rose. – Prometo que nunca acontecerá de novo. Você pode me perdoar?

– Claro que posso – disse a vozinha tranquila. – Geralmente não dou para aventura. Sou apenas um músico humilde. Você, porém, me inspirou. Eu, de fato, conheço um fantasma e posso levá-los até ele. Mas, primeiro, o cara das presas deve anular seu aviso.

– Gus, é seu dia de sorte – chamou Rose. – Encontrei Jacques! Agora venha aqui e revogue seu aviso.

Mantendo a cabeça erguida e a cauda fofa esticada, Gus caminhou pelo tapete persa até o rodapé embaixo da escrivaninha antiga no quarto de Rose. Olhando para longe do buraco, ele disse com firmeza:

– Por mais que me custe dizer isto, eu formalmente revogo meu aviso. Você pode entrar.

Jacques saiu do buraco, segurando sua flauta de prata. Ele segurou um lado da flauta, como um

espadim, e pressionou o outro na ponta do nariz de Gus.

– Aceito formalmente a sua rescisão – declarou o camundongo –, com a condição de você nunca contar a nenhum dos meus parentes como sou tolo em entrar de novo nesta suíte.

– Eu não contarei aos seus se você não contar aos meus – murmurou Gus. Os dois animais se olharam nos olhos, então o camundongo assentiu e abaixou a flauta. O gato estendeu uma de suas garras e a deu a Jacques, que a agarrou com duas patas e a sacudiu para cima e para baixo uma vez.

– Ótimo! – sentenciou Rose, tocando seu relógio. – Agora, onde está o fantasma de seu amigo, Jacques?

– Vou levá-los até ele. Precisamos levar um bolo e velas.

Ty iluminou com uma lanterna a escada úmida e estreita das Catacumbas de Paris.

– Tenham cuidado! – avisou Jacques. Ele se aninhou com conforto no bolso do blusão com capuz de Rose, com espaço suficiente para o corpo de um camundongo. – As pedras dos degraus são muito antigas e lisas, das incontáveis hordas de pessoas que caminharam por elas ao longo dos séculos.

Rose manteve uma mão no ombro de Ty, seguindo-o até a base da escada escura. Ela carregava um minibolo de chocolate, um maço de velas de aniversário e uma caixa de fósforos. Sage estava bem atrás dela, carregando Gus.

Rose estremeceu. O corredor à frente era estreito, e o teto, baixo. A água escorria pelas paredes, formando poças no chão. As catacumbas eram tão aconchegantes quanto entrar na geladeira da Confeitaria Bliss. Rose apertou mais o blusão contra o corpo. Ela jamais gostara de cemitérios acima do solo, então não gostou nada de ouvir que o amigo fantasma de Jacques vivia em um cemitério subterrâneo.

Ty, por outro lado, tinha *Cemitério Maldito* como seu filme favorito e ansiava por se aventurar em uma catacumba. Enquanto caminhavam em fila única, ele disse:

– Ora, Jacques. Isto é como a *casa de los muertos*. Muito radical, cara-rato! Mas onde estão todos os túmulos?

Rose e Jacques se espremeram por uma abertura estreita no final do corredor de pedra.

– Não há sepulturas – contou Jacques calmamente. – Apenas ossos.

Do lado de lá da estreita entrada havia uma salinha com paredes inteiras feitas de ossos. Ossos da coxa longos e bolorentos se empilhavam uns sobre os outros, formando um padrão de favo de mel, com inúmeros crânios humanos espalhados por toda parte. Do outro lado da sala, outro corredor, também forrado com ossos humanos, levava mais fundo nas catacumbas.

Ty parou, congelado no meio da sala.

– Onde eles conseguiram todos esses ossos? – sussurrou, horrorizado.

Sage colocou Gus no chão, puxou o gravador do bolso de trás e sussurrou, nervoso, no microfone:

– Acho que isso é o que dá contratar um médico-legista como decorador.

Rose olhou para ele e revirou os olhos.

– O quê? – retrucou ele. – Estou usando humor para diluir a tensão aqui!

Gus não pareceu se impressionar com os ossos. Estava mais preocupado em manter as patas fora das poças d'água; rosnou ao sacudir uma gota perdida da ponta da cauda. Ele olhou para o camundongo, ainda encolhido no bolso do blusão de Rose.

– Você nasceu aqui, Jacques?

– *Zut alors*, *non*[7]! – vociferou Jacques. – Nasci em uma aldeia bonita em Aix-en-Provence. Morei aqui nas catacumbas logo após me formar na escola de música.

– Mas por que alguém se mudaria de um lugar tão ensolarado? – especulou Gus secamente.

Jacques continuou, ignorando o sarcasmo felino.

– Meu vizinho era um fantasma chamado Ourson. Era um homem bom, mas lembrem-se: quando ele se mostrar, não mencionem a Revolução Francesa. Ainda é o ponto fraco dele.

Todos concordaram. Jacques tirou a flautinha e tocou uma música alegre, que Rose reconheceu como "Frère Jacques".

– Mudei de ideia! – gritou Ty. Recuando para um canto, ergueu os braços em uma pose de kung fu. – Não quero encontrar o fantasma!

Jacques endireitou os bigodes amarrotados.

– Tarde demais – sentenciou. – Acabei de tocar a campainha dele; modo de dizer, é claro.

Rose queria fugir da catacumba assombrada tanto quanto Ty, mas queria ainda mais ter o Tomo de volta, então ficou onde estava.

Tendo encontrado um ponto seco no chão de pedra, Gus sentou com o rabo em torno das patas.

– Jovem Rose, não precisa se preocupar. O fantasma não pode feri-la. Pense nele como nada mais que uma foto antiga e desbotada.

Rose respirou fundo e sorriu, agradecendo à bola de pelo cinza agachada a seus pés. Ela estremeceu quando entrou nas catacumbas, mas começou a perceber que estava ficando ainda mais frio – tão frio que a respiração virava vapor. Até a respiração fraca de Gus se tornou um fluxo constante de fumaça.

– Jacques? – alguém exclamou.

Rose se virou. De pé no canto, como se tivesse estado lá o tempo todo e Rose simplesmente não tivesse percebido, estava um homem de cerca de vinte e cinco anos. Ele vestia calça, colete e um boné de jornaleiro. Gus tinha razão, ele parecia um recorte de fotografia sépia desbotada que fala, do tipo que seus pais haviam enquadrado e mantinham no armário secreto atrás da câmara fria, na casa.

– *Mon petit ami*[8]*!* – cumprimentou o homem, suas palavras ecoando como se gritasse de longe. – Você voltou!

– Viemos para celebrar seu aniversário, Ourson – alegou Jacques.

– Ah! – disse Ourson, levando a mão ao coração. – E você trouxe amigos!

Ourson atravessou a sala em direção a eles. Embora parecesse caminhar, seu movimento era mais

flutuante que de passos.

– Oi – disse Rose com a voz aguda. – Nós, hã, trouxemos bolo.

Rindo, nervoso, Sage pegou as velas e fósforos do bolso do blusão e enfiou as velas no bolo. Seus dedos tremiam tanto que só conseguiu acender um fósforo na terceira tentativa.

– Somos dos Estados Unidos – balbuciou, movendo a chama de vela em vela. Tinham conseguido furtar cinco. Jacques lhes disse que o número de velas não importava. Como muitos fantasmas, Ourson não se lembrava das coisas com clareza e começava cada dia pensando ser seu aniversário.

– Estamos em Paris para uma competição de confeiteiros – prosseguiu Sage. Ele deu uma risadinha. – Assando bolos... entende? Como este! Ele foi assado. Paris é legal. Vimos o Sena. Fomos ao Louvre. Se tivermos tempo, vamos visitar o Palácio de Versalhes.

De seu lugar, no bolso do blusão de Rose, Jacques olhou sério para Sage.

– *Monsieur* Sage! – Jacques chiou. – Psiu!

O sorriso alegre sumiu do rosto de Ourson. Suas sobrancelhas baixaram.

– *Versailles*! – falou o fantasma, como se fosse um palavrão. – O palácio dos ricos e da realeza. Não se poupam despesas! O rei e a rainha se empanturram, enquanto o povo da França morre de fome!

Os bigodes de Jacques murcharam.

– Eu os avisei.

– Não vamos tolerar isso! – continuou o fantasma. – Vamos lutar...

Rose empurrou o bolo com as velas acesas diante do rosto de Ourson, e Sage segurou o pote azul sobre as velas.

– Vocês não entendem? – dizia o fantasma. – Nós lutamos pelo sonho que é a França! *Liberté, egalité, fraternité*[9]*!*

Ourson parou e pareceu notar o bolo e as velas pela primeira vez. Suas sobrancelhas se elevaram e o sorriso voltou ao rosto.

– Ó – suspirou ele. – Que beleza! – Ele encheu os pulmões, franziu os lábios em um *O* e canalizou um lento fluxo de ar fantasmagórico por cima das velas. As chamas tremeram e se apagaram, e Sage, com o pote inclinado, captou o sopro do fantasma, fechando então a tampa. Sage olhou de soslaio para o vidro e retirou a mão dele. O sopro do fantasma era tão leve que o pote pairou, suspenso no ar.

– Meus amigos – começou Ourson, baixinho –, devo lhes contar o que desejei?

– Liberdade para a França? – arriscou Rose. – Morte aos tiranos?

– *Non, ma petite amie* – sorriu Ourson. – Eu desejei uma festa de aniversário. Estou com raiva de Luís XVI e dos arquitetos do *ancien régime* há tanto tempo que me esqueci como é se divertir. E, assim, desejei uma festa, para me lembrar como. A melhor parte é que o meu desejo se tornou realidade, mesmo antes de eu fazê-lo. Não tenho como lhes agradecer, amigos, por me ajudarem a lembrar. Muito obrigado.

Rose sorriu para o fantasma tremulante, e seu medo se foi ao vê-lo sorrir de volta. Atrás dela, Ty gemeu, lastimando: – Podemos ir agora?

De volta ao Hôtel de Notre Dame, Rose colocou o pote azul com o sopro do fantasma debaixo da cama. Ela afagou o pequeno corpo de Jacques, nada maior que uma bola de pingue-pongue, que ainda estava no bolso da frente de seu blusão.

Já eram nove horas. Tinha sido um dia longo, buscando o sorriso da Mona Lisa, assando a Torta Dupla Folia Laranja e recolhendo o sopro de um fantasma. Rose sentia que mal se mantinha em pé. Ainda assim, ela queria continuar.

Ela andou até atrás do sofá onde Ty e Sage se jogaram e começaram a cochilar. Mesmo Gus mal conseguia manter os olhos abertos.

– Então, a próxima receita para a qual precisamos providenciar é... – começou ela, procurando as folhas de papel – SEM AÇÚCAR, Pão de Banana MegaBom.

– Você está brincando? – reclamou Ty, cobrindo o rosto com uma almofada. – Precisamos de uma pausa. Tipo, até amanhã.

– Por favor, Ty! E se a categoria SEM AÇÚCAR for a de amanhã de manhã? Eu vou perder porque você queria *dormir*?

Ty resmungou.

– Hã? Está bem. O que precisamos pegar?

Rose voltou a atenção à página e leu em voz alta:

Pão de Banana MegaBom,
antigo deleite para diabéticos.

Foi em 867, no assentamento nórdico de Jarlshof, que Lady Huegrid Bliss criou um pão de banana para uma vila próxima de guerreiros migrantes, nenhum dos quais podia ingerir açúcar. Os Rurik, como eram chamados, sofriam tanto ao sentir o cheiro dos confeitos doces vindo de Jarlshof que Lady Bliss criou esta receita, aplacando o desejo insaciável da diabética tribo Rurik por doces.

A Chef Bliss combinou dois punhados e meio de ***farinha branca****, o* ***ovo de uma galinha****, três* ***bananas maduras*** *amassadas e gotas de baunilha, além de um punhado de* ***chuva intocada****.*

A mistura resultante, ela colocou em um forno QUENTE...

– Chuva intocada! – interrompeu Gus, suas orelhas se erguendo. – Balthazar costumava prender uma dúzia de vidros azuis na cauda de um helicóptero e voar durante uma tempestade apenas para coletá-la. Mas não trouxe nenhum com ele.

– O que a água fará? – especulou Sage, virando e apertando o rosto no encosto do sofá.

– Não é apenas água, é chuva intocada – corrigiu Gus. – Quanto mais perto uma gota de chuva chega do solo, mais potência ela perde. Quando bate na calçada, é apenas uma gota de água da torneira. Mas, quando se condensa dentro da nuvem, uma única gota carrega a doçura de uma colônia inteira de abelhas, ou um hectare de cana.

– Não sei se percebeu, *felino*, mas deixamos o nosso helicóptero em casa – disse Ty.

– Sim, Thyme, estou ciente de sua falta de helicópteros – observou Gus. – Há outra maneira. Exigirá coragem absoluta, astúcia e disposição de se deixar levar.

Sage se virou.

– Minha mãe diz que eu me deixo levar sempre.

A chuva começou a cair antes de eles deixarem o hotel. Pesadas nuvens negras encobriam a lua e as estrelas, e enormes gotas de chuva fria batiam no asfalto como pequenos pregos.

Quando Rose e seus irmãos se empilharam em um elevador de carga no piso térreo da Torre Eiffel, estavam encharcados, apesar das capas de chuva que todos usavam. Jacques resolveu ficar para trás, e Balthazar colocou Leigh na cama para dormir. Purdy e Albert ainda estavam fora, buscando os ingredientes de sua lista.

– Vocês têm certeza de que querem ir até o terceiro deque, *mes enfants*? – perguntou o ascensorista do elevador, de casaco preto e chapéu de carregador de malas. – Está chovendo muito. Todo mundo foi para casa!

– Temos que subir agora, senhor! – gritou Rose. Era a melhor oportunidade de apanhar o Ingrediente Mágico de que precisavam para vencer na categoria SEM AÇÚCAR. Após o pequeno triunfo do dia anterior na arena da ACIDEZ, Rose começou a pensar que a vitória era possível. Ela queria vencer. Ela precisava vencer. Tinha que fazer algo para compensar sua família, Calamity Falls e ela mesma, pela perda do Tomo. O desejo ardia nela como uma dor de barriga. – Por favor!

O ascensorista olhou desconfiado para a barriga arredondada de Sage. Ele vestia uma espessa capa de chuva amarela e chapéu-pescador amarelo e, por baixo da capa, estava Gus, afivelado no canguru, respirando pela casa de botão no vinil. Por mais que odiasse ficar molhado, Gus explicou que seu peso daria o lastro necessário.

– O que há por baixo desse casaco? – perguntou o ascensorista.

– Acho que é a barriga natural dele, senhor. Ele sobrevive à base de uma dieta de nhoques de micro-ondas. É porque nossos pais estão sempre fora.

O ascensorista olhou desconfiado para Sage, depois deu de ombros.

– Aproveitem o andar mais alto da Torre Eiffel. Fechamos em quinze minutos.

Após uma subida rápida de elevador, os Bliss saíram na plataforma superior da torre, que era de metal e estava escorregadia com a água e a chuva que caía quase na horizontal, em uma tempestade de vento. Rose tentou enxergar a curva do Sena, mas tudo o que podia ver era uma névoa negra.

– Tudo bem, pequeno *hermano*, beba isto até o fim – disse Ty, entregando a Sage a garrafa térmica cheia de Chocolate Quente Voador.

Sob a supervisão de Gus, Rose havia batido o líquido marrom xaroposo no fogão do hotel antes de eles saírem: leite, cacau em pó, açúcar e um sopro do raro Besouro Hélio, um inseto furta-cor que Balthazar tinha em um pote na mala.

– O que aquele besouro faz? – indagou Rose.

– Ele expele hélio – elucidou Gus.

– Expele por onde? – perguntou Sage, desconfiado.

– Se você quer saber, dos dois lados – contou Gus, conforme o besouro soltava um grunhido satisfeito.

– Puxa vida! Gás de besouro! – riu Sage.

Mas agora que o inseto estava na chuva escura, a única iluminação vinda de um conjunto de holofotes errantes, Sage esqueceu tudo sobre a graça do gás de besouro. Encarando as nuvens, nervoso, ele tomou o conteúdo quente da garrafa térmica.

Quando Sage terminou, Ty amarrou nele a corda que trouxeram como um arreio cruzado ao redor do peito e cintura.

– Puxe a corda duas vezes quando tiver a chuva da nuvem. Legal?

Sage devolveu a garrafa térmica para Rose e lambeu os beiços.

– Legal – falou ele com a voz fina. Com todo o hélio que bebeu, a voz soava como um disco em rotação rápida.

– Não deixe a chuva entrar no casaco! – gritou Gus, a voz abafada debaixo do vinil. – Se eu sentir uma só gota d'água em meu pelo delicado, ficarei muito irritado!

Ty soltou Sage e largou a corda; Sage flutuou lentamente acima da plataforma, para o céu escuro e úmido.

– Espere! – implorou ele. – Eu não quero ir!

Rose teve um momento de dúvida. Isso era mais perigoso que qualquer coisa que já tivessem feito, mais perigoso até que visitar um fantasma em uma catacumba. Sage não era mais importante que vencer Lily e recuperar o Tomo?

– Ty! – implorou ela. – Traga-o de volta!

Mas era tarde demais. A sola dos pés de Sage já havia desaparecido nas nuvens negras acima deles. A corda corria pelas mãos de Ty, conforme Sage subia mais e mais. Ty se esforçou em segurá-la.

– Não deveríamos ter usado corda de nylon – resmungou. – Esta chuva a torna *muy* escorregadia.

Rose prendeu a respiração. Pareceu uma eternidade, com o vento e a chuva fustigando a torre; finalmente veio o puxão na corda nas mãos de Ty.

Este puxou a corda de volta, pedaço a pedaço, até a sola dos pés de Sage romper as nuvens, seguida das pernas e da barriga impermeável amarela e, finalmente, da cabeça e das mãos. Sage segurava o vidro acima da cabeça e sorria em triunfo.

– Peguei! – gritou.

Ele estava a cerca de um metro do deque quando Ty se inclinou para passar a corda em torno do corrimão, mas, antes que pudesse terminar, a cabeça de Gus surgiu por baixo da capa de Sage.

– Água! – guinchou Gus. – Tem água no meu pelo!

O gato se torceu e retorceu até se soltar do carregador canguru e saltou para longe de Sage, em uma parte seca da plataforma. Sem o peso considerável de Gus para equilibrar o hélio, Sage disparou para o céu, e a corda molhada zumbiu fora do alcance de Ty.

– Eu perdi a corda! – gritou Ty.

– Socoooorrrrrro! – berrou Sage, com a corda deslizando em direção à borda da plataforma.

Rose gritou quando a ponta esfiapada da corda se ergueu no ar, seguindo Sage para o céu.

Capítulo 10

Cabeça nas nuvens

Ty pulou para a frente e agarrou a corda com a mão direita, segurando o corrimão com a mão esquerda.

– Vou perdê-la de novo! – gritou, e a corda ia escorregando centímetro a centímetro nas mãos molhadas. – Rose, socorro!

Rose pulou em suas costas e também agarrou a corda, mas não adiantou: as mãos estavam muito molhadas, e a corda, muito escorregadia.

– Não consigo segurar! – gritou ela.

Foi quando Gus pulou de seu esconderijo seco e se lançou pelo deque chuvoso. Ele saltou sobre as costas de Ty, pousou sobre a cabeça de Rose e enganchou a corda com uma das garras.

– Nada escapa das garras de um gato! – anunciou ele.

– *Ai!* – gritou Rose, pois Gus tinha cravado as patas traseiras em seu couro cabeludo. As garras traseiras, porém, não eram páreo para o Chocolate Quente Voador, e Gus começou a flutuar para cima, para o céu, levando um pouco do cabelo de Rose com ele.

– *Miaui!* – berrou Gus, flutuando no ar.

Mas agora Rose e Ty tinham algo para segurar. Rose estendeu a mão e agarrou a cauda de Gus. – Peguei!

Rose, ainda sentada nos ombros de Ty, puxou Gus pelo rabo em sua direção, mão a mão, até abraçar sua barriga gorda. Ela se esforçou e passou adiante de suas garras para pegar a corda que impediria Sage

de voar para o esquecimento. Gus saltou de volta para o chão e caiu com um baque.

– Por que, ai, por que fui deixar o México? – choramingou.

Com Rose segurando firme a corda, Ty se afastou do corrimão e ficou de joelhos, depois se inclinou, dando espaço suficiente para Rose descer de seus ombros e plantar os pés firmes no chão. Ela e Ty puxaram forte a corda, recuperando pouco a pouco o irmão mais novo.

Rose chorou de alívio quando Sage finalmente emergiu das nuvens acima.

Quando seus pés estavam a centímetros do chão, Ty amarrou a corda para Sage não se afastar de novo, e Rose correu e o abraçou.

– Sinto muito por te forçar a fazer isso – disse ela. – Foi egoísta e idiota da minha parte.

– Hã... não foi tão ruim assim – contou Sage. Ele sorriu, mas Rose percebeu que era só para acalmá-la. Ela o abraçou com mais força.

Sacudindo-se a poucos centímetros acima da plataforma, Sage entregou o pote azul cheio de água ao irmão, então cruzou os braços e encarou Gus, agora encharcado, encolhido miseravelmente em um canto perto do elevador, cuidando da cauda dolorida.

– Água, Gus? – Sage chiou com sua voz de hélio, estranhamente sério, fora do habitual. – Você ia me deixar flutuar até Saturno por causa de algumas gotas de *água*?

Com o pelo cinza colado ao corpo, o gato gordo parecia ter menos gordura.

– Em mim, sinto a água como ácido sulfúrico. Você gostaria se eu pingasse ácido em você?

Rose encarou Gus.

O gato bufou.

– Me desculpe por ter pulado. Coloquei meu conforto acima de sua segurança. Acho que entrei em pânico.

Um sorriso cintilou no rosto de Sage.

– Está tudo bem – sibilou ele. – Vale a pena vê-lo todo molhado! Agora, como tiro todo esse hélio de dentro de mim?

– Acho que só tem que deixar ele vazar – sugeriu Ty. Por causa da chuva, o cabelo geralmente espetado murchara e agora pendia até as orelhas. – Não deve demorar muito. Nós só o amarraremos ao chão por uma semana, ou até você começar a baixar.

Sage bateu na barriga inchada com os dois punhos.

– Eu sinto que tenho gás. Ei! Eu *tenho* gás! Tudo que eu preciso fazer é...

– *Eca*, Sage, não! – protestou Rose, abanando a mão na frente do rosto. – Tem que haver outro modo.

– Que tal arrotar, então? – sugeriu Ty. – Isso não deve ser um problema para você, *mi hermano*. Você é um arrotador campeão!

– Ótima ideia – apoiou Rose. Sage não só podia arrotar o alfabeto, a pedidos, como também todas as capitais dos estados.

Sage abriu a boca e encolheu o abdome, mas não saiu nada. Ele tentou de novo.

– Albany. Tallahassee. Sacramento – continuou. Seu rosto mostrou frustração. – Puxa vida! Estou com arroto bloqueado!

Gus lhe jogou uma lata de refrigerante.

– Isso pode ajudar.

Rose apanhou a lata rolando.

– Onde você conseguiu isso? – perguntou ela.

– Eu me esgueirei para dentro da máquina de refrigerantes – disse Gus, sacudindo a cauda enlameada para uma máquina brilhante perto do elevador. – Quase fiquei preso na saída. Espero ter demonstrado de modo adequado minha disposição em ficar desconfortável pelo seu bem, jovem Sage.

– Você é grande demais para rastejar dentro dessa máquina, Gus – comentou Rose, tentando imaginar a barriga inchada do gato se espremendo na frestinha embaixo.

– Você tem razão – confessou ele. – Eu o comprei.

Rose se ajoelhou e acariciou a cabeça de Gus.

– Obrigada, Gus. Isto é muito útil. – Ela entregou a lata a Sage, e Gus voltou ao esconderijo à prova de chuva, sob a capa impermeável de Sage.

– Pum! Pum! Pum! – gritou Ty.

Sage abriu a lata e tomou o refrigerante em poucos segundos. Um momento depois ele soluçou uma vez, depois duas. Então, as mandíbulas se abriram com um sopro quente tão alto quanto um tiro de rifle no *Memorial Day*[10].

Ty riu.

– Aí, *hermano*! Esse chamuscou!

Sage desceu para mais perto do chão, embora ainda flutuasse. Então, sua boca se abriu como a ponta de uma tuba, e ele soltou uma série de explosões longas e reverberantes que sacudiram seus lábios, sopraram para trás o cabelo de Rose e pareceram abalar os alicerces da Torre Eiffel.

– *Ay yiai yiai* – vibrou Ty. – Não tenho certeza se cheira melhor que a outra opção.

– Graças a Deus estamos sós – celebrou Rose. – É embaraçoso demais para comentar.

Foi então que Rose ouviu sussurros de um canto afastado do deque. Ela se virou e viu Miriam e Muriel Desjardins, as confeiteiras gêmeas eliminadas da competição naquela manhã. Elas vestiam roupas iguais: saia curta preta e blazer azul. Miriam, cujo cabelo longo estava perfeito, mesmo encharcado, usava um lenço de renda delicado, e Muriel, cujo cabelo elegante rivalizava até com o antigo corte requintado de Lily, usava uma boina vermelha. Elas pareciam recortes das páginas de uma revista de moda francesa. Muriel segurava um balão em forma de cupcake.

– Olá! – cumprimentou Rose, nervosa. – Há quanto tempo vocês duas estão aqui? – perguntou Rose.

– Deixe comigo – sussurrou Ty para Rose. Ele se aproximou das meninas. – Amigas! O meu nome é Thyme Bliss, mas podem me chamar de Ty. Ou T-Dog. Chamem-me como quiserem. Vocês, com certeza, devem ter reconhecido minha irmã Rose, da Gala.

– Sim, nós os reconhecemos – confirmou Miriam, examinando com a irmã gêmea a estranha cena: Ty e Rose estavam em um telhado molhado e escuro, e Sage de capa de chuva amarela, com a cabeça de um gato cinza espiando por cima.

– Que surpresa! – prosseguiu Ty. – E o que as traz aqui nesta noite encantadora e chuvosa?

– Estamos aqui para dizer adeus à Gala des Gâteaux Grands – contou Muriel. – Fomos eliminadas hoje e nos deram esta porcaria de balão de presente. Viemos aqui para soltá-lo.

– Ela quis dizer "jogar fora" – corrigiu Miriam. – A verdadeira questão é: o que *vocês* estão fazendo aqui? – indagou, desconfiada.

Como se fosse sua deixa, Sage soltou seu maior arroto: tão poderoso que soprou a chuva para o outro lado.

As duas garotas recuaram alguns passos.

– Acho que ouviram meu irmãozinho – declarou Ty. – Ele tem uma doença chamada, hã, *ventitis*, que leva a arrotos incontroláveis. É muito constrangedor, então subimos aqui, na chuva, para ninguém ter que ouvir, de tão desagradável que é.

– Ei! – berrou Sage, num rugido final que expulsou todo o gás restante. Os pés de Sage estavam firmes na plataforma, e ele desamarrava a corda-âncora.

– Vocês vão nos perdoar, certo? – perguntou Ty. E então Ty se postou na mais adorada de suas poses: "O Golpe do Cabelo Surpresa". Ele ergueu as sobrancelhas, inclinou a cabeça e passou os dedos pelo cabelo úmido.

Mas Miriam e Muriel eram diferentes das mulheres com quem Ty estava acostumado em Calamity Falls High, e "O Golpe do Cabelo Surpresa" não pareceu surtir efeito.

– Subiram até aqui no meio de uma tempestade para que seu irmão pudesse arrotar? – sorriu Muriel, maliciosa. – Interessante. Embora não explique o gato debaixo da capa de chuva, e por que ele tem um cinturão de corda amarrado à torre.

– Há algo engraçado com sua família – confessou Miriam. – Só não sei dizer ao certo o quê.

– Eu sei – concordou Ty. – É engraçado como somos atraentes. Ou... eu, pelo menos, sou.

– Não, não é isso – discordou Miriam. – Nós os deixaremos a sós para acabarem qualquer coisa estranha que estiverem fazendo.

– Não! – gritou Ty. – Fiquem!

– *Bonne nuit* – despediu-se Muriel.

Rose acariciou o ombro de Ty quando as gêmeas Desjardins desapareceram no elevador.

– O "Golpe do Cabelo Surpresa" sempre funciona – sussurrou Ty, chocado.

– Você vai pegá-las na próxima vez, *mi hermano* – consolou Rose.

Na manhã seguinte, Jean-Pierre Jeanpierre observou o salão e disse:

– E então sobraram cinco.

Rose, Lily, Rohit Mansukhani, Dag Ferskjold e Wei Wen foram alocados nas cozinhas mais próximas ao palco. A cozinha de Lily permaneceu diante da de Rose.

– A categoria de hoje vai exigir técnica superior – alertou Jean-Pierre. – O tema do dia é AERADO.

“Ufa!”, Rose pensou nos dois potes azuis que haviam colocado na mala de ingredientes de Balthazar e tirou a receita do Bolo Sopro de Anjo do bolso de trás. Ela deu uma relida final, embora quase a soubesse de cor, tendo passado grande parte da noite memorizando as receitas.

– Essa está no papo, *mi hermana* – disse Ty.

Quando os concorrentes restantes correram da sala para conseguir seu ingrediente especial, ou se reuniram com as equipes para discutir receitas, Purdy se apressou. Atrás dela vieram Leigh e Sage, que carregava Gus no canguru. Como sempre, Gus não parecia satisfeito com a indignidade.

– Seu pai e eu chegamos apenas ao meio da nossa lista de ingredientes – contou Purdy –, por isso estamos saindo agora para procurar o restante. Balthazar ainda está no hotel, traduzindo. Vocês continuem firmes, de olho em Leigh; estaremos de volta em uma hora, para ver você preparar o prato.

Purdy olhou para baixo e percebeu a bola de pelo cinza amontoada no bolso do blusão de Rose.

– Oh, Jacques! Você voltou! Mesmo o gato lhe avisando para não voltar! Você é mesmo corajoso!

– Afinal, sou um espião – respondeu Jacques.

– Tudo bem – disse Purdy. – Eu vou indo – avisou, beijando Rose na testa e desaparecendo pelas grandes portas do salão.

Sage, Leigh e Ty viram Purdy partir. De imediato, Sage começou a se remexer, o que desgostou Gus.

– Que tédio! – reclamou Sage. – O que faremos durante uma hora antes do início do preparo?

Do outro lado do corredor quadriculado em preto e branco, com TV e câmeras ainda documentando cada movimento seu, tia Lily se debruçava sobre uma página, talvez a receita de qualquer sobremesa AERADA que ela planejava. Ao seu lado estava o Homem Encolhido, com uma bolsa de couro em forma de jarro de água pendurada no ombro. A bolsa parecia estar cheia com alguma coisa, mas Rose não saberia dizer se era ou não o Tomo.

Para ela, aquilo poderia indicar que o Tomo estava sozinho e desprotegido. Rose podia imaginá-lo sobre o divã de Lily no Piso Fantasia, pronto para ser pego.

– Vamos nos esgueirar de novo ao quarto da Lily e pegar o Tomo de volta – disse ela, esperando que os irmãos aceitassem com alegria a travessura. É claro, Rose nunca foi de malvadeza. Duvidava, apenas, de sua capacidade de produzir a fatia perfeita do Bolo Sopro de Anjo. – E se eu errar? Não posso arriscar perder o Tomo para sempre por causa de um erro de preparo. Acho que deveríamos pegá-lo de volta.

– Não vou voltar ao Piso Fantasia! – gritou Jacques.

Ty pareceu hesitar.

– Não sei, *mi hermana*. Só temos uma hora.

– Além disso – acrescentou Sage –, temos o Bolo Sopro de Anjo e ainda o sopro de fantasma para usar nele. Esta, você meio que já levou. Por que arriscar tudo agora? Nem sabemos se o Tomo está no quarto

do hotel.

– Mas e se eu não for qualificada para fazer isso? – lamentou Rose. – É muito arriscado apostar todas as fichas em mim; não sou tão boa confeiteira.

– Mas você é, Rose. Além disso, como é que vamos entrar? – indagou Sage. – Lily e o Homem Encolhido não vão repetir o erro. Eles sabem que nós fomos lá. Eles sabem *por que* estamos aqui. Dessa vez, estarão nos esperando.

– E como é que você vai garantir que a Lily e o baixinho ficarão aqui durante uma hora? – perguntou Gus.

Rose olhou a irmãzinha, Leigh, e depois para Miriam e Muriel, sentadas no camarote em um lado da sala, entediadas, observando. Ela viu a tia confabular com o Homem Encolhido e percebeu que Lily tinha uma pilha alta de fotos brilhantes sobre a mesa. – Acho que tenho um plano.

– Eu não sei, não, Rose – alertou Sage. – Tentar roubar o Tomo de volta parece *arriscado*.

– É por minha culpa que ela tem o Tomo – reclamou Rose com os dentes cerrados. Ela teria dito mais, mas ficou com medo de chorar. Tudo o que havia de errado em sua vida, tudo o que estava errado em Calamity Falls se devia a um erro de Rose. Ela confiou em Lily. Rose faria qualquer coisa para corrigir a situação. – Eu *preciso* consegui-lo de volta.

Ty olhou Rose por um minuto.

– Há uma veiazinha em sua testa que parece que vai explodir, Rosita – ele se virou para Sage e Jacques. – Ora, que diabos! Vamos dar um giro. Pela Rose. Assim, a cabeça dela não explode.

Rose observou Miriam e Muriel Desjardins abrirem caminho em meio às câmeras ao redor da cozinha de Lily e se aproximarem dela, que trabalhava na mesa de preparo.

– Lily! – chamou Miriam. – Ontem, depois de sermos eliminadas da competição, fomos abordadas por representantes do Orfanato de Paris. Todas as crianças solicitaram a mesma coisa de aniversário: seu autógrafo! Esperávamos tomar um pouco de tempo de sua agenda lotada para assinar... hã, duzentas fotografias ou algo assim!

Lily olhou para cima, com a irritação estampada em seu rosto. Então se lembrou de estar cercada por câmeras. Quase por mágica, sua carranca se transformou em um sorriso brilhante.

– É claro! – cantarolou, direto para as câmeras. – Faço *qualquer coisa* para os órfãos.

Lily puxou uma caneta permanente do avental e começou a autografar fotografias brilhantes de seu rosto iluminado – duzentas delas, na verdade.

– Não creio que Lily e o Homem Encolhido irão a lugar algum durante a próxima hora – comentou Ty. – Boa ideia, *mi hermana*.

– Obrigada – respondeu Rose. – Foi difícil convencer Miriam e Muriel a fazer isso? – interessou-se Rose.

O sorriso de Ty abriu-se. Ele arrumou o cabelo espetado.

– Não. Elas ficaram desconfiadas, claro. Queriam saber por que eu pedia para fazerem uma coisa tão estranha. Disse que era uma missão ultrassecreta, então desconfiaram mais ainda. Mas, então, eu usei um golpe cruzado – explicou. – A aparência de “O Atleta Ferido”, seguida por “O Mateiro Perdido”. Nunca falha.

– Como você fez, de verdade? – interessou-se Rose.

Ty olhou envergonhado para o chão.

– Eu dei cinquenta mangos.

* * *

Enquanto Gus e Sage faziam vigília na cozinha do centro de exposições, Ty, Rose, Leigh e Jacques correram de volta ao Hôtel de Notre Dame.

Chegando ao saguão, foi a vez de Leigh fazer sua parte.

– Está pronta, Leigh? – questionou Rose, colocando-a no chão.

– Se me garantir que este é o único modo de eu entrar na magnífica suíte de Lily Le Fay, então sim, estou pronta.

Rose, com Jacques no bolso, e Ty sentaram-se em um sofá perto dos elevadores e viram Leigh andar com passos incertos até a recepção.

– Olá! – Leigh chamou o funcionário e bateu o punho na frente do balcão. – Eu perdi minha chave e preciso de outra.

O porteiro, confuso, olhou ao redor e então se inclinou sobre a mesa de mogno para ver quem estava chamando. Ficou surpreso ao ver uma criança usando uma camiseta suja dos *101 Dálmatas*.

– Olá, pequena! – respondeu o porteiro. – Onde está sua mãe?

Leigh bufou.

– Fale comigo com o devido respeito, meu jovem! Sou hóspede de seu hotel e personagem de grande renome!

O porteiro sorriu.

– Claro que é! E em qual quarto você está?

– Em qual quarto estou? – repetiu Leigh, indignada. – Não seja condescendente comigo, rapaz! Eu não estou em *quarto* algum!!! Eu estou em uma de suas suítes exclusivas, no Piso Fantasia!

– Está...? – surpreendeu-se o porteiro.

– Ora, essa é boa! – anunciou Leigh para todo o saguão. – Você me julga simplesmente por minha reduzida estatura? Ninguém vê além da minha forma diminuta, a minha mente brilhante aí contida? Não! Vocês todos são traídos por seus olhos! Ninguém reconhece a Condessa Juniper du Frost! A esposa do famoso Conde Ashcroft du Frost, assistente da grande Lily Le Fay! Estou hospedada no Piso Fantasia

com meu marido bigodudo, na suíte da Srta. Le Fay, e perdi minha chave! Por gentileza, me dê outra!

No silêncio repentino do saguão, todos puderam ouvir o porteiro engolir em seco.

– Sinto muito, Sra. Du Frost! Isso não acontecerá de novo – sorrindo para a plateia reunida, ele cerimoniosamente se abaixou e enfiou uma enorme chave de bronze na mão estendida de Leigh.

Leigh assentiu, seca.

– Esse é o nível de serviço sublime que espero de meus hoteleiros – ela então se inclinou e fez um gesto largo com a mão, em floreio. – Espero que você receba algumas recomendações de seu supervisor!

Então Leigh girou nos calcanhares e marchou de volta em direção aos irmãos, que a esperavam ao lado do elevador.

Ela sorriu docemente.

– Aqui está – celebrou. – Agora me levem lá em cima. Quero sentir o cheiro do perfume de Lily, que permeia a sala de estar.

* * *

Momentos mais tarde, Rose digitou *T O M O* no teclado do elevador do Piso Fantasia e foi tomada por uma terrível sensação de mau agouro.

“Talvez seja uma má ideia”, pensou. *“Talvez eu tenha chegado ao fundo do poço, pedindo para minha irmãzinha fingir ser uma condessa famosa, se nem estou certa de que o Tomo está lá. Talvez eu tenha ido longe demais.”*

Ty cutucou o ombro de Rose.

– Ei, você está bem?

– Por que não estaria? – rebateu ela.

Rose prendeu a respiração o caminho todo até o décimo sétimo piso.

Logo, os quatro – Rose, Ty, Leigh e Jacques, no bolso de Rose – estavam diante da porta trancada da suíte de Lily.

– Jacques – pediu Rose –, você se importaria em dar uma olhada pelo buraco para se certificar de que não há ninguém no quarto?

– Sem problemas – concordou Jacques, saltando do bolso do blusão de Rose e correndo pelo chão. – Oh, não! – lamentou, assim que chegou ao rodapé. – Eles taparam minha entrada particular!

– Isso não é um bom sinal – alertou Ty. – Como poderiam saber sobre Jacques?

– Tenho certeza de que foi o Homem Encolhido. Um pequeno espião percebe outro a um quilômetro de distância – afirmou Leigh sabiamente enquanto Jacques escalava a perna de Rose, enrolando-se de novo em seu bolso.

Ty deu de ombros.

– Agora já estamos aqui.

Rose assentiu. Ela deslizou a chave na fechadura.

– Lá vamos nós.

Rose girou a chave e abriu a porta. Antes que pudesse dar um único passo, porém, Leigh correu para dentro e se jogou em um sofá de veludo roxo ao lado do divã.

– Essa representação sugou minha energia por completo! Hora do cochilo para *moi!* – anunciou, adormecendo de imediato.

Rose e Ty se entreolharam e foram até o divã onde antes tinham visto o Homem Encolhido e o Tomo, mas ele estava vazio, exceto por um pequeno envelope de cor creme.

Rose se abaixou e pegou o envelope.

Imediatamente, uma campainha soou penetrante.

– O que é isso, uma simulação de incêndio? – gritou Ty.

Rose puxou um pedaço de papel do envelope e o leu em voz alta: “Surpresa, ladrões! Isto é uma armadilha. Se você está lendo isso, então está prestes a aparecer na TV! Beijos, Lily”.

– O que significa isso? – perguntou Ty.

Mesmo com o som estridente do alarme, Rose ouviu um barulho no quarto.

– Rápido, esconda-se atrás do sofá! – avisou. Ela e Ty se jogaram por cima do encosto do sofá de veludo roxo, bem quando uma equipe de filmagem correu para dentro da sala de estar.

Rose deu um suspiro de alívio, até se lembrar que Leigh estava dormindo em plena vista, do outro lado do sofá.

Capítulo II

Incomodado, enfeitiçado e decapitado

Uma armadilha!

O sofá onde Leigh adormecera, e atrás do qual Ty e Rose se esconderam, não era um sofá comum. Era um banco de ferro comprido, com um intrincado padrão em filigrana que cobria o encosto com almofadas de veludo roxo amarradas. Espiando pelos espaços entre as almofadas de veludo, Rose e Ty conseguiam ver o que acontecia.

Logo após Rose e Ty saltarem para trás do sofá, três homens entraram correndo na sala. Eles haviam se escondido no quarto da suíte, à espera de alguém disparar o alarme; vestiam jeans e jaquetas de lã de várias cores. Todos tinham barba. Um segurava uma vara comprida com um microfone felpudo cinza pendurado na ponta, outro carregava uma câmera pesada no ombro, feito bazuca, e o último, o mais magricela dos três, os seguia com voltas de fios elétricos pendurados nos braços.

Rose cruzou os dedos. Talvez os homens pensassem que Leigh era uma boneca enorme e a ignorassem.

Mas o homem com o microfone pendurado o baixou para Leigh, fazendo cócegas em sua orelha com o pelo cinza.

Se Leigh adorava sonecas, odiava em dobro que lhe fizessem cócegas. Ela pulou e bateu no microfone

que lhe dava coceira como um bando de gafanhotos.

– Pare, demônio! – avisou ela.

O homem peludo segurando o microfone tropeçou para trás.

– Nós... nós... nós... te pegamos! – gaguejou. – Pegamos você invadindo a suíte Fantasia de Lily Le Fay. O que você tem a dizer em sua defesa?

Nervosa, Rose olhou para Ty. Ultimamente Leigh tendia a ser muito sincera, e, neste caso, verdade em demasia poderia colocá-los em apuros.

“Minha irmãzinha, minta!”, Rose queria gritar. “*Minta descaradamente!”*

Leigh balançou a cabeça, desgostosa.

– Invadindo? – perguntou, incrédula. – Invadindo? Essa é boa, caras. Superboa! Nana, nina, não. Invadindo como, se eu tenho a chave?

Leigh enfiou a mão no bolso da frente da camiseta dos *101 Dálmatas* e tirou a chave de bronze que o porteiro lhe dera com tantas desculpas havia alguns minutos.

O cinegrafista, o homem do microfone e o dos fios tiveram uma reação simultânea: o queixo deles caiu.

– Isso mesmo, senhores. Sou a menor mulher do mundo e estou aqui aguardando um encontro com o homem mais baixo do mundo. Eu esperava tirar uma soneca para diminuir um pouco as bolsas sob os olhos, mas já que interromperam de maneira tão ríspida meu regime de restauração facial, não terei escolha, a não ser encontrar meu amado parecendo um saco amarrotado!

“Vejo que gravaram o processo – prosseguiu Leigh, dirigindo-se ao homem com a câmera no ombro. – Se vocês ousarem mostrar algum trecho lamentável na televisão, meu advogado extrairá milhões de dólares de sua empresa de produção barata e a colocará fora dos negócios.”

– Pedimos desculpas, minha senhora – lamentou o operador de microfone. – É que a senhora parece ter quatro anos de idade, tão pequena e com essas roupas e cabelo!

– Como você se atreve? – vociferou Leigh. – Esta camiseta gasta dos *101 Dálmatas* foi comprada por seiscentos dólares em uma boutique no Lower East Side, de Manhattan. É óbvio que pouco entendem de estilo – ela apontou para o homem do microfone. – Você, cuja ideia de moda é carregar uma haste com um microfone peludo cinza, e você – apontou para o homem dos fios –, que acredita que voltas de fios são mangas modernas!

O carregador de fios se apressou em juntar os rolos de fio, desligou as várias máquinas e conduziu os companheiros porta afora.

– Pedimos desculpas, minha senhora.

Assim que Rose ouviu o *dlin* do elevador da antecâmara do piso Fantasia, saltou de trás do sofá e ergueu Leigh em seus braços.

– Leigh! – exclamou ela. – Você foi brilhante!

Leigh ergueu o nariz de botão e acariciou a bochecha de Rose, fria, sem sorrir. A Leigh antiga, antes de comer o bolo contaminado com o Ingrediente Mágico de Lily, teria derretido nos braços de Rose e

explodido amorosamente, se não eloquentemente. Esta nova versão de Leigh era útil, com certeza, mas Rose tinha saudade da antiga.

Ty passou a mão na cabeça de Leigh e despenteou seu cabelo, que parecia a coroa de um abacaxi.

– Por favor! – pediu ela, afastando-lhe a mão. – Cuidado com o cabelo!

– Tome cuidado você! – respondeu Ty. Ele nunca comentou isso, mas Rose sabia que ele sentia falta da irmãzinha tolinha e pouco sofisticada tanto quanto ela.

De repente, Jacques emergiu do bolso do blusão de Rose e apontou para um relógio inexistente no pulso.

– Se não se apressar, chegará tarde para a Gala!

Depois de Ty bater as claras em uma tigela vermelha, Rose acrescentou os ingredientes secos para o Bolo Sopro de Anjo. Então, pegou o pote com o sopro de fantasma. Inspirando fundo, abriu o pote sobre a massa e viu, com espanto, como o desejo do fantasma, mais leve que o ar, pairou para baixo e ergueu a massa da tigela. Ela a socou de volta com um punho, arrastou para a assadeira e a forçou no lugar. Depois, colocou outra assadeira por cima, amarrou-a com barbante e a empurrou para o forno.

– Cruze os dedos, Rose – disse Ty, esquecendo-se dessa vez de dar um toque espanhol.

Rose viu Lily preparando o Suflê Primavera, um pote cheio de massa fofinha verde-esmeralda, parecendo puro ar. Rose sabia que o suflê doce, do Tomo de Culinária Bliss, usava desejos de um botão de rosa crescendo para passar o sentimento de primavera, mesmo no auge do inverno. Botões de rosa florescendo eram criaturas tímidas e não discutiam de pronto suas aspirações, daí colher seus desejos ser uma tarefa extremamente difícil. Com uma pitada do Ingrediente Mágico de Lily, o suflê com certeza daria a Jean-Pierre um sentimento momentâneo tão sublime que ele lhe concederia a vitória naquele dia.

Simplesmente não era justo. Lily venceria com certeza. A ideia deixou Rose com tanta raiva que ela atravessou o corredor em direção à cozinha da tia, sem saber o que poderia sair de sua boca quando lá chegasse. Ela se postou diante de Lily e tocou em seu ombro.

– Uma vez apenas – Rose se ouviu dizer – eu gostaria de ver você tentar vencer sem sua caixa de Ingrediente Mágico.

Lily, admirada, arregalou os olhos para Rose, parecendo quase encantada pela coragem de Rose, quase como se quisesse ser gentil com ela. Rose reconheceu o olhar de quando Lily esteve em sua casa, antes de fugir com seu livro de receitas. Lily não era totalmente ruim, afinal. Ela era uma confeiteira muito boa. E estava sozinha.

– Claro – concordou. – Vou renunciar ao Ingrediente Mágico. Gosto de sua audácia.

Chocada, Rose caminhou de volta para sua cozinha. Ela não esperava que Lily aceitasse o desafio.

Vinte minutos depois, Ty tirou o Bolo Sopro de Anjo do forno, e Rose cortou uma fatia e colocou-a em um prato.

Após o temporizador gigante de parede tocar, Marco surgiu e dispôs cinco sobremesas aeradas no

carrinho de prata. O estômago de Rose revirou. Apenas três concorrentes passariam naquela tarde.

Rohit Mansukhani havia feito uma escultura da cabeça calva de Jean-Pierre Jeanpierre com mousse de chocolate branco, o que Jean-Pierre parecia ter achado ao mesmo tempo lisonjeiro e assustador.

Dag Ferskjold preparou um bolo de casamento coberto com pelos pretos espetados.

– Como isto se relaciona com o tema de hoje, AERADO? – questionou Jean-Pierre.

– Aerado? – repetiu Dag Ferskjold. – AERADO? Eu pensei ter ouvido você dizer que o tema era ARMADO!

Jean-Pierre chegou ao prato de Wei Wen. Ele elaborou um tipo de esfera açucarada que parecia ser oca. Embora Rose soubesse que a esfera não era mágica, ela parecia aerada o suficiente para lhe dar medo. Jean-Pierre quebrou a orbe com uma colher e provou o recheio macio.

– *Incroyable!* – avaliou ele.

Jean-Pierre passou para o Suflê Primavera da Lily. Ele apertou o topo do suflê, e este pulou de volta, como um colchão caro.

– Esse já me conquistou – falou, efusivo.

“Vamos ver o que ele acha sem toda a química que faz amarem Lily”, pensou Rose.

Ele tomou uma colherada da nuvem verde-clara, e seus olhos se arregalaram de prazer. Ele baixou a colher.

– Que encanto! Sinto-me como um jovem!

Rose arregalou os olhos. Jean-Pierre enlouquecera com a sobremesa sem o Ingrediente Mágico de Lily. Jean-Pierre passou para o prato de Rose e olhou, com dúvida, para o que ela havia criado.

– Uma fatia de bolo branco? – zombou. – Primeiro, um *cookie* queimado, depois uma bola laranja e agora uma fatia de bolo branco simples?

Mas o rosto de Jean-Pierre mudou de aversão para admiração assim que engoliu a primeira garfada.

– Ele é... tão aerado! – exclamou ele. – Como uma nuvem... em minha boca!

– Antiga receita de família – explicou Rose, sorrindo.

Estalando os lábios e murmurando, Jean-Pierre gingou de volta ao palco e seu microfone.

– Hoje, temos um empate. Nossos ganhadores são Lily Le Fay e Rosemary Bliss! Amanhã, o Sr. Wei Wen se juntará a elas na competição!

Rose pulou e atirou os braços ao redor de Ty. Ela venceu! É claro que Lily também – e sem nenhum Ingrediente Mágico. Rose tinha que admitir: Lily era uma confeiteira e tanto. Juntar o Ingrediente Mágico de Lily era trapaça, mas suas vitórias se embasavam em um considerável talento, algo que Rose não tinha certeza de possuir.

Os pais de Rose desceram correndo do camarote com Balthazar, Sage e Gus, mas Jacques permaneceu escondido no bolso frontal de seu blusão, onde esteve o tempo todo.

– Oh, querida, você conseguiu! – celebrou Purdy enlaçando Rose. – Você foi maravilhosa.

– Nada mau, crianças – avaliou Balthazar. – Acho que realmente estudaram essa receita antes do preparo.

– Estudar? Hã! As crianças podem falar por elas. Eu visitei a suíte do hotel da Srta. Lily Le Fay! – Leigh se gabou. – Ah, o luxo! O esplendor! Que ponto iluminado no que, de outro modo, seria o que chamamos de um feriado terrível!

– Sobre o que ela está tagarelando? – perguntou Purdy, desconfiada. – Ela entrou no quarto de Lily?

– Hummm, não! – riu Rose. – Como poderia? Você ouviu Jacques, é impossível entrar! Talvez os efeitos do Ingrediente Mágico de Lily estejam piorando...

As rugas da testa de Purdy baixaram, e ela olhou Rose com suspeita.

– Talvez. De qualquer forma, seu pai e eu coletamos o que é necessário para a Baklava Tola, da categoria FOLHADO, e a Queijadinha Sublime, da COM QUEIJO. Estamos com dificuldade de localizar um segredo mágico para o Bolo Manjar do Diabo, da categoria COM CHOCOLATE. Não conhecemos nenhum mágico aqui em Paris, e muito menos algum que esteja disposto a nos contar um segredo.

– Vocês sabem – disse Albert – como os mágicos são gananciosos.

Albert e Purdy beijaram os filhos em despedida e saíram em busca de um mágico de língua solta. Até então a maior parte do centro de exposições já tinha esvaziado, e uma equipe de limpeza desceu para as cozinhas.

– Estamos saindo – avisou Rose, levando a família pelo corredor preto e branco para os degraus externos do centro. O sol saiu com força total depois da tempestade da noite anterior.

– Eu ainda estou na última receita, o Rugelach Cativante ENROLADO – contou Balthazar. – Devo acabá-la até a hora do jantar. Como estão se saindo com os ingredientes para a INSTÁVEL *Croissant*-mania?

Rose puxou a receita que Balthazar havia escrito para a categoria EM FLOCOS:

Croissant-*mania*
proporciona clareza mental para o perturbado.

Foi em 1815, nos prédios abarrotados do bairro londrino de roupas, que a boa Sra. Larissa Bliss resgatou o chapeleiro John Deveril das ilusões provocadas pelos vapores de mercúrio, que eram um perigo nesse ofício. Ele começou a pensar que seus filhos eram personagens de rimas infantis, mas, depois de comer um dos Croissants-*mania da Sra. Larissa, voltou a ver com clareza.*

A Sra. Larissa Bliss combinou dois punhados e meio de ***farinha branca****, o* ***ovo de uma galinha****, um punhado de* ***açúcar refinado****, duas xícaras de* ***leite de vaca*** *e o* ***rubor de uma VERDADEIRA RAINHA, recolhido com um lenço.***

– O rubor de uma verdadeira rainha? – questionou Rose, verificando, rapidamente, o tempo e a

temperatura de preparo. – Como vamos conseguir *isso*?

– Sei lá – confessou Balthazar. – Nunca descobri como conseguir um desses. A única rainha que conheço vive na Inglaterra, e eu diria que ela não deixa qualquer um fazê-la corar.

Os ombros de Rose caíram.

– Isso é impossível.

– Eu tenho uma ideia – disse Gus.

– O gato tem uma ideia? Desde quando? – perguntou Balthazar, incrédulo. – Geralmente, ele só fica sentado, come e evita água.

– Penso que posso ser *muito* útil quando sou apreciado – ironizou Gus. – E eu acho que sei onde podemos encontrar o rubor de uma rainha.

– Por favor, diga, *felino* – suplicou Ty. – Você conhece uma rainha de verdade, viva? Pertinho daqui?

Gus ronronou.

– Ninguém disse que a rainha tinha que estar viva.

Rose ficou um pouco irritada por se encontrar de novo no conhecido salão dos ossos nas Catacumbas de Paris. Do bolso do blusão, Jacques tocou *Frère Jacques* em sua flauta, e, após um momento, Rose sentiu um arrepio na nuca. Ela se virou e viu Ourson em pé, no canto.

– Ah! Meus novos amigos! Vocês voltaram! – disse o fantasma transparente.

Do outro lado do salão, Sage e Ty acenaram, nervosos. Mas Leigh avançou sem medo, com Gus empoleirado sobre a cabeça. O gato levantou uma pata para falar com o fantasma.

– Olá, amigo espiritual! – cumprimentou com calor real e entusiasmo.

– O que é isso? – duvidou o fantasma. – Um gato que fala? *Merveillieux*!

– Sim, sim – continuou Gus –, eu *sou* maravilhoso, eu sei. Mas não é por isso que estamos aqui. Voltamos, pois precisamos de sua ajuda.

– Qualquer coisa para os meus amigos! – afirmou Ourson.

– Precisamos de sua ajuda para entrar em contato com uma certa... pessoa não viva.

– Ora! – O fantasma colocou a mão onde estaria o coração. – Quem? Eu tenho tantos amigos!

– Veja – começou a explicar Gus –, estamos participando de uma competição de confeiteiros. E precisamos captar a coisa mais INSTÁVEL deste planeta, o que, pela minha experiência é... o rubor de uma rainha.

Ourson riu.

– Rainhas, sim. Elas tendem para a instabilidade.

– Sim! – concordou Gus. Rose sentiu que o gato estava nervoso, mas por quê? Ele já havia falado com fantasmas. – E, naturalmente, queremos captar o rubor da mais instável rainha da história, uma que por coincidência reside em Paris...

Conforme Gus falava, o rosto pálido em tom sépia de Ourson ficou cada vez mais rosado, as fortes

sobrancelhas negras se uniram em um nó, o lábio superior se retorceu para trás em um grunhido.

"Ah, não", pensou Rose, entendendo de repente a razão do nervosismo de Gus.

– Assim – concluiu Gus –, imaginamos se você sabe o paradeiro de... Maria Antonieta.

Com a menção do nome Maria Antonieta, Ourson enfureceu-se. O fantasma ficou grande e assustador, seus olhos, buracos negros, e a boca alargou quando gemeu "*Nãoooooooooooooooo!*". Ele se lançou ao redor do salão de ossos, rugindo e voando para lá e para cá, até que a raiva passou e ele se afundou com indiferença no chão.

Do bolso do blusão de Rose, Jacques sacudiu o punho para Gus.

– Você, que tem presas! Criatura com Garras e Dentes, como você pôde? Você sabe o quanto Ourson é sensível sobre o regime derrubado pela Revolução Francesa! Pedir-lhe o paradeiro da pior rainha da história... é muita falta de educação!

Encarando o gato uma última vez, Jacques voltou ao bolso do blusão de Rose. Ourson levantou a cabeça do chão.

– Ela é incapaz de corar – alertou, fraco. – Ela não corou ao presenciar a fome de milhares, enquanto o marido miserável ficava cada vez mais gordo. Por que ela iria corar agora?

– Ela é a nossa única esperança – suplicou Gus. – Não temos mais aonde ir!

Ourson arrastou o corpo transparente pelo chão como uma lagarta mede-palmo até chegar a uma parede e poder sustentar sua cabeça contra os ossos.

– Ela fica sentada na borda da fonte central nos jardins do Palácio de... – ele parou, como se engasgasse com as palavras. – Sinto muito, ainda me faz mal dizê-lo.

– Versalhes! – Gus abaixou a cabeça em agradecimento. – Vamos pra lá agora.

Com Rose conduzindo-os para fora do salão, Jacques voltou a falar:

– Sinto muito, amigo! Eu não sabia que eles iriam lhe perguntar sobre você-sabe-quem!

O jardim do Palácio de Versalhes era um labirinto alastrado de gramados e canteiros de flores que pareciam ocupar mais espaço que a própria Calamity Falls. No centro de tudo isso havia uma fonte tão grande quanto um campo de beisebol, com água a jorrar de uma pilha redonda, como um bolo de casamento de sete camadas.

Pelo caminho através dos jardins, Leigh parou para admirar uma peça de escultura e não queria sair dali.

– Deixe-a comigo – sugeriu Ty. – Vocês podem nos pegar na saída.

Eram quatro horas da tarde quando Rose, Sage e os animais se apinharam na trilha principal para a fonte, e o Sol se punha tão rapidamente que a maioria dos visitantes começava a se dirigir para a saída.

Rose se empoleirou na borda da fonte, e Sage desafivelou Gus do canguru. Ela fez sinal para o gato se aproximar. Gus pareceu levemente surpreso.

– Talvez você tenha esquecido minha relação conflituosa com a água? Você vai me perdoar se eu

esperar lá perto dos arbustos SECOS?

Sage sentou-se ao lado de Rose.

– Quando ela vai aparecer? Temos que esperar até escurecer? Como os vaga-lumes?

– Não tenho certeza – confessou Rose. – Talvez se Jacques tocar algo em sua flauta?

– Vale a pena tentar – disse Jacques de seu bolso no blusão. Ele tirou sua flautinha e soprou as notas conhecidas de *A Marselhesa*.

Quando a última nota se desvaneceu, Rose sentiu uma brisa fria na nuca. Ela se voltou e viu um fantasma em pé na água, uma mulher de aparência furiosa, pele branca como pó, peruca com cachos hediondos, branca como creme dental, e vestido de babados que a comprimia sem piedade na cintura para estufar em uma saia larga como o trampolim do quintal dos fundos dos Bliss, onde Sage adorava saltar.

– Como se atreve a tocar esse hino revolucionário *aqui?*– revoltou-se o fantasma.

Embora muito bem-vestida, havia algo estranho com a cabeça da mulher. Ela repousava torta sobre os ombros. Então Rose se lembrou como Marie Antonieta morreu: decapitada.

O fantasma encarou Rose e Sage, e depois viu Jacques inclinando-se para fora do bolso do blusão de Rose.

– Um camundongo! – gritou e desapareceu sob a superfície da água.

– Você se importaria de não participar dessa vez? – Rose lhe perguntou.

– Sou desprezado universalmente – gemeu Jacques, antes de se abaixar no fundo do bolso.

Após um momento, Maria Antonieta se ergueu cautelosamente da água.

– O camundongo já se foi?

Ty conteve Rose, pondo a mão em seu braço.

– Deixe comigo – sussurrou ele. – Consigo fazer qualquer garota corar – ele tirou os sapatos e mexeu na água, com um pé descalço, para a frente e para trás. – Sim, senhora – assegurou ele. – Se importa se eu entrar? Está tão quente aqui, e eu estou todo suado. – Ele adotou uma gesto que chamava de “O jovem iatista”, que envolvia puxar uma corda imaginária. – Nunca estive na presença de uma rainha antes. É... emocionante.

Mas, em vez de corar, Maria Antonieta riu – suavemente no início, depois até bufar.

– Você está tentando me bajular? Você, um menino magricela? Será que estou em um show de pegadinhas da TV?

– Ei! – reclamou Ty. – Eu não sou magricela!

A frase só levou Maria Antonieta a rir ainda mais. Ela pôs as mãos na cintura e rolou na fonte sem sequer tocar a água. Sage pulou para dentro também.

– Precisamos que você fique corada! – explicou ele. – Estamos em uma competição de confeiteiros e precisamos de... bem, é uma longa história. Mas precisamos captar seu rubor.

Maria Antonieta parou de rir e olhou sério por um momento.

– Gostaria de poder ajudá-lo, jovem mestre. Mas a última vez que corei foi em 1760, em meu quinto aniversário. Desde então, tenho visto quase tudo e feito quase todo o resto. Sou... como se diz? Desavergonhada! Nada vai me fazer corar!

– Ah, é? – duvidou Sage. Ele subiu na borda da fonte. Com o peito erguido, fez a mão molhada em concha e colocou-a na axila. Solenemente, ergueu o cotovelo no ar, antes de batê-lo de volta em direção ao peito. O som foi tão alto e perturbador que fez um bando de pombos revoar, a grasnar.

Mas Maria Antonieta apenas sacudiu os ombros para a frente e para trás, que era o que conseguia fazer para sacudir a cabeça decepada.

– Sinto muito – disse ela. – Já peidei antes diante de importantes chefes de Estado. Isto nem me faz *rir* mais.

Ty e Sage olharam para Rose, mas ela estava sem ideias.

Foi então que eles ouviram um uivo furioso vindo de trás, do caminho do jardim. De repente, a forma transparente de Ourson surgiu na clareira, navegou ao longo da borda da fonte e prendeu suas mãos em torno do que restou do pescoço de Maria Antonieta.

– Como você pode dizer “Que comam brioches”? – rugiu ele. – Estávamos morrendo de fome! Todas as minhas sete irmãs morreram enquanto *você* organizava recepções com vinho e queijo!

O fantasma da cabeça decepada de Maria Antonieta deslizou de seus ombros e escorregou suavemente para a água.

– Ourson! – repreendeu Rose.

Envergonhado, o fantasma se afastou de Maria Antonieta sem cabeça.

– Eu não queria fazer isso! – explicou ele. – Eu não sabia que ia cair!

Rose apontou.

– Ache a cabeça dela e coloque-a de volta!

O fantasma parecia pensativo ao afundar na água e balançar as mãos sem substância ao redor.

– Está muito viscosa, esta fonte! – avaliou ele. – Por que eles não a limpam?

Rose colocou as mãos no quadril.

– Apenas faça o que eu disse.

– Ora! – Ele se ergueu da água, com a cabeça de olhar assustado da rainha morta nos braços. Ourson a estendeu para o corpo, colocou-a nas mãos, e então ela a ajeitou no lugar, mas para trás.

– Eu realmente precisaria achar um modo de fixá-la de maneira permanente – disse ela, girando-a para o lado certo.

Rose olhou para o fantasma e ficou boquiaberta. Não poderia haver erro. As bochechas do fantasma estavam levemente vermelhas.

– Sage! – avisou ela. – Ty!

Sage pegou um lenço do bolso, tropeçou pela água até o fantasma e, gentilmente, raspou o rosto de Maria Antonieta. Ty estava bem atrás dele com um pote de vidro azul. Sage se virou e largou dentro o

lenço; Ty vedou o pote.

Maria Antonieta pareceu não notar. Ela encarava Ourson.

– Nunca pensei nisso! – disse-lhe ela. – Todas aquelas festas... Pensei que *todos* iam a festas. Sinto muito por suas irmãs... Homem bonito, brutal e devastadoramente jovem!

Ourson baixou as mãos e deu um passo para trás.

– E eu sinto muito por ter te decapitado. *De novo*. Suponho que não merecesse ter sua cabeça cortada. De certa forma, você era apenas cúmplice. – Ele fez uma mesura. – Uma cúmplice excepcionalmente bonita, eu poderia acrescentar.

De repente ouviu-se um grito do outro lado da fonte, de onde um guarda corpulento de bigode olhava para eles através dos fortes raios de sol.

Rose se voltou para Ourson e Maria Antonieta, mas eles tinham desaparecido na água.

– Essa água está muito suja! – gritou o homem. – Saiam daí!

Rose percebeu que o guarda não apontava para os fantasmas, mas para ela e seus irmãos. Ela espirrou para a borda da fonte e saiu fora.

– Desculpe! – gritou de volta. – Estávamos com calor.

Rose virou-se para Sage, que carregava o pote que continha o lenço manchado com o rubor de Maria Antonieta.

– Vamos levar isto para o hotel. Espero que Balthazar tenha acabado de traduzir a última receita. E eu preciso trocar a calça.

De volta ao Hôtel de Notre Dame, Rose e Sage bateram na porta do quarto de Balthazar e abriram uma fresta. Lá dentro, ele estava debruçado sobre o Tomo, consultando várias tabelas e índices, mapas e gráficos e tábuas lunares.

– Conseguimos o rubor de uma rainha – anunciou Rose com orgulho. – Você está com a receita do Rugelach Cativante?

– Você está brincando! – disse ele. – De qual bochecha você conseguiu?

– Hã... apenas a de Maria Antonieta – disse Sage, com orgulho.

– Estou impressionado! – cumprimentou Balthazar. – Agora eu terminei de traduzir o Rugelach Cativante, mas vamos ter que escolher uma nova receita para a categoria ENROLADO. Essa é impossível. Embora pelo menos o ingrediente principal esteja em Paris.

– Por quê?

Balthazar entregou a folha de papel a Rose.

– Leia e chore.

Rose olhou para a receita:

Rugelach Cativante,

para a Alegria Matrimonial.

Foi em 1645 que o confeiteiro Jean ValBliss fez uma peregrinação à Catedral de Notre Dame de Paris com sua noiva, a encantadora Anais Amembert, com quem ele pretendia se casar na escadaria da catedral. Ao chegar, porém, descobriu que uma praga assolara a região. Jean e Anais realizaram seu casamento e juntos assaram estes Rugelachs para servir aos convidados, ao que a cidade, por uma única tarde, se encheu com puro deleite.

Jean e Anais Bliss picaram um pacote de ***manteiga*** *em uma tigela com um punhado de* ***farinha branca****, dois punhados de* ***açúcar*** *e um de* ***creme azedo****. Depois, ele adicionou o* ***repique do carrilhão da meia-noite do sino de Notre Dame chamado Emmanuel****.*

– Temos que recolher à meia-noite o badalar do sino na Catedral de Notre Dame? – indagou Rose. – Como isso pode ser tão difícil?

Uma bufada veio do bolso da frente de Rose.

– Tolos correm para lugares onde anjos temem pisar – advertiu uma voz minúscula.

Rose enfiou a mão no bolso e pegou Jacques.

– Eu cometi o erro de invadir Notre Dame à noite uma vez e não vou fazê-lo de novo.

– Por quê? – perguntou Rose. – O que há de tão terrível lá dentro? O guarda da noite é cruel?

– Há *vários* guardas da noite – contou Jacques. – Mas eles não são humanos. São gárgulas. Criaturas hediondas, monstruosas e vingativas que governam a catedral como se fosse seu próprio reino.

– Bem, o que mais podemos fazer? – questionou ela.

– Eu ainda não sei – confessou Balthazar –, mas devo saber até o final da noite. Seus pais já ligaram e disseram que ficarão fora a noite toda procurando o grito de uma lagarta mede-palmo.

– É difícil conseguir isso? –interessou-se Sage.

Balthazar fez uma careta.

– Você já tentou irritar uma lagarta mede-palmo? Elas são as coisas mais racionais no Universo. – Ele olhou de volta para a folha de papel. – Deixe-me trabalhar enquanto vocês três conseguem um jantar, depois vamos descobrir qual receita poderia substituir esta.

– Quanto tempo vai demorar? – perguntou Rose, impaciente.

– Acho que não será muito tempo! – disse Balthazar com um brilho nos olhos. – Sabem, eu não queria realmente vir para Paris, mas agora que estou aqui, com todos vocês, pessoas superjovens, me sinto cerca de cem anos mais novo! Quero dizer, você viu como traduzi rápido estas receitas?

– Você quer dizer mais rápido do que uma a cada seis meses? – ironizou Gus, da sala de estar.

– Qual foi a última coisa que você traduziu, gato? – retrucou Balthazar.

– Por que vocês dois brigam o tempo todo? – perguntou Rose.

– Não é o que os melhores amigos fazem? – sussurrou Balthazar. – Eu não conseguiria viver sem

aquele gato. – Apenas... gostamos de desafiar um ao outro.

Rose leu a receita do Rugelach Cativante mais uma vez.

– Por que não usamos essa mesma? – perguntou Rose. – Não pode ser *tão* difícil passar por um par de gárgulas.

Balthazar sacudiu a cabeça.

– Você não sabe o que diz. Gárgulas? Elas são como o oposto daquelas lagartas mede-palmos. Se há algo mais vil e irracional no mundo, eu não quero saber o que é.

– Elas são tão más assim? – perguntou Rose.

– As *piores*. – Jacques estremeceu.

CAPÍTULO 12
Romance e as pedras

Enquanto Sage e Ty jogavam *video game* e Leigh roncava, Rose andava pela sala, suspirando pesadamente e falando sozinha.

– Ficou entre Lily, Wei Wen e eu; e ele é como um mestre arquiteto da confeitaria. Se a categoria for ENROLADO, Lily vai fazer um Rolinho Tremelique de Geleia, de acordo com o que Jacques viu. Eu tenho que fazer algo bem incrível para passar para as finais. O que Balthazar está fazendo aí? Ele disse que estava se sentindo alegre! Precisamos de outro plano! Rápido!

– Calma, Rosicita! – disse Ty.

– Você não entende como estou sob pressão! – gritou ela. – É minha culpa que o Tomo se foi! E cabe a mim corrigir isso. A mim apenas. *A mim!*

– Com todo o respeito, Rose – discordou Sage –, é culpa de todos nós que o Tomo se perdeu. *Eu* dei a Lily a chave do frigorífico. E, primeiro, foi *Ty* quem quis mostrar o Tomo, para impressionar tia Lily. E se *a mamãe e o papai* não nos tivessem deixado, não teríamos tido problema. Portanto, não é apenas culpa sua.

– Mas fui eu quem confiou nela – lamentou Rose. – Eu aceitei seus elogios e quase abandonei vocês para me juntar a ela em seu passeio psicótico na montanha-russa da fama.

– Você quase foi embora? – duvidou Sage. – O que você está dizendo?

Rose mordeu o lábio. Nos nove meses desde que Lily partira, Rose não havia compartilhado o que

realmente tinha acontecido. Estava envergonhada demais para dizer à família que chegara mesmo a pensar em deixá-los para sempre, para aparecer em algum programa bobo de TV.

– Quero dizer, em sentido figurado. Vamos verificar o progresso de Balthazar.

Mas, quando Rose foi vê-lo, Balthazar estava debruçado sobre sua versão sassaniana do Tomo, roncando. Ele ainda não começara a traduzir outra receita.

– Os velhos têm que dormir em algum momento, eu acho. Tudo bem, é isso aí – resolveu Rose. – Eu não me importo com o perigo! Vamos a Notre Dame para conseguir aquele repique.

– Rose, eu não quero ir! – avisou Sage. – A última vez em que estive no telhado de um marco de Paris no meio da noite, quase não volto para baixo. Quais são as chances de ENROLADO ser a categoria de amanhã? Uma em um milhão.

– Na verdade, é uma em oito – corrigiu ela.

– Bom, nesse caso – reavaliou Sage –, acho que seria melhor irmos.

* * *

Rose, Ty e Sage deixaram o hotel, com Gus rastejando atrás. Jacques estava no bolso do blusão de Rose, e Sage levava um pote azul vazio.

Rose puxou a maçaneta de latão da pesada porta de vidro do hotel e a manteve aberta para os irmãos e o gato, então foi passar ela mesma, sem notar que mais duas pessoas passavam pela porta no mesmo momento. Ela se viu apertada contra o batente da porta com duas outras pessoas, que gemiam e resmungavam em francês. Rose não sabia o que diziam, mas não parecia muito amigável.

Após um momento de luta, Rose se espremeu pela porta e caiu de joelhos, de onde finalmente conseguiu dar uma boa olhada nas pessoas que ficaram presas com ela: Miriam e Muriel Desjardins, de vestido vermelho combinando e tiara com rosas de seda.

Miriam perdeu o equilíbrio e foi jogada sobre Ty, que tentou pegá-la nos braços, mas cedeu sob seu peso, e ambos acabaram empilhados na calçada de concreto. Muriel virou e caiu de bunda primeiro em direção a Sage, que jogou o pote azul no ar, para livrar as mãos, sem conseguir acertar os ombros de Muriel. Rose viu o pote voando para a morte no concreto duro e deslizou em direção a ele com os braços estendidos, para que ele pousasse nas suaves palmas das mãos. Infelizmente, Gus ficou preso debaixo dela e gritou enquanto lutava para liberar a perna.

– Por favor! – gritou ele. – Não sou um brinquedo! Sou um ser vivo!

Miriam e Muriel se voltaram juntas para Gus e, com terror, viram-no se erguer sobre as patas traseiras e se limpar.

– Mas que ousadia a de vocês!

As gêmeas Desjardins se encararam, arregalaram os olhos e começaram a gritar.

– Ai, que horror! – reclamou Rose. – Lá vamos nós.

As gêmeas conseguiram se erguer e se afastaram do gato cinza com orelhas amassadas e atitude ruim.

– O gato... ele... falou! – gemeu Miriam.

– *Psiu!* – gritou Ty, pulando em pé. Ele tapou a boca de Miriam com a mão e a levou para um beco vazio, ao lado do hotel. Rose seguiu o exemplo, levando Muriel a desmaiar.

– Eu sabia! – sibilou Miriam. – Eu sabia que havia algo assustador em vocês! Vocês são bruxos! Vocês têm um gato que fala! É provável também que andem montados em vassouras! Eu não te disse, Muriel?

Muriel só conseguia chorar e lutava para se libertar das garras de Rose.

– Nós não somos bruxos! – falou Ty com voz fina. – Somos mágicos!

– Mágicos? – repetiu Miriam, tremendo de terror. – Como assim, mágicos?

– Somos magos da cozinha! – esclareceu Ty. – Fazemos magia com alimentos. Bolos, tortas, biscoitos mágicos... sabe, coisas que você come. Tudo muito inofensivo. Fascinante, é claro, e poderoso, mas inofensivo em última análise. Somos de uma longa linhagem de magos da cozinha. Na noite em que vocês nos encontraram na plataforma da Torre Eiffel, por exemplo, coletávamos chuva intocada, diretamente de uma nuvem de tempestade.

– Mas e o gato que fala? – indagou Muriel, ainda olhando com terror para Gus sentado na calçada com as pernas dianteiras cruzadas sobre o peito.

– Há muito tempo, lhe deram um Biscoito Tramela Tagarela, e desde então ele fala – esclareceu Ty.

– Isso tudo é demais. Eu tenho que me sentar – avisou Miriam, vacilante, abaixando-se na calçada.

– Então, vocês não são maus? – sussurrou Muriel.

– Não, não, não! – negou Ty, balançando a cabeça. – Mas sabemos de alguém que é. Ela é nossa tia. É por isso que estamos competindo na Gala. Ela roubou o nosso livro de receitas mágicas, e nós a desafiamos para um duelo; se vencermos a Gala, vamos recuperar o livro de receitas, mas, se perdermos, ela ficará com ele para sempre e poderá fazer o mal que quiser com ele.

Muriel ficou boquiaberta.

– Quem é sua tia malvada?

– Lily Le Fay – contou Rose, praticamente cuspindo o nome da boca.

Miriam engasgou onde estava sentada, na calçada.

– Eu sabia! – guinchou ela. – Foi ela quem nos fez perder!

– O quê? – gritou Rose. – Como ela fez isso?

– Nós fizemos nossos famosos Cupcakes de Limão-Galego para a categoria AZEDO – contou Muriel. – Juntamos o suco de limão que esprememos na noite anterior, como de costume.

– Fizemos os cupcakes mais de trezentas vezes – acrescentou Miriam. – Para nós, é mais fácil que respirar. Saem perfeitos, toda vez.

– Mas, quando Jean-Pierre deu uma mordida, ele estremeceu – lembrou Muriel. – Ficamos arrasadas. Voltamos e estávamos prestes a jogar fora o suco de limão, quando notei um cheiro estranho. Eu o provei.

Alguém tinha substituído nosso suco fresco espremido de limão por suco de azeitonas.

– Eu espiei lá no lixo de Lily Le Fay – prosseguiu Miriam – e achei uma lata vazia de azeitonas. Eu sei que foi ela.

– Se estão tentando vencê-la – acrescentou Muriel –, queremos ajudar. Faremos de tudo para ter certeza de que ela vá para o inferno.

Ty sorriu.

– O que vocês sabem sobre a Catedral de Notre Dame?

– Estamos fechados! – proclamou a guarda na frente da Catedral de Notre Dame.

Rose ficou na ponta dos pés e olhou para além da mulher, para a majestosa abóbada da catedral. Algumas pessoas ainda caminhavam lá dentro.

– E quanto a eles? – perguntou Rose, apontando.

– Eles serão convidados a sair em quinze minutos – elucidou a guarda.

– Quinze minutos é tudo o que precisamos! Por favor! É a nossa última noite em Paris! – implorou Rose.

Com uma bufada, a guarda se afastou para que pudessem entrar.

Rose, Leigh, Ty, Miriam e Muriel entraram em fila. Sage estava prestes a segui-los, quando a guarda percebeu que ele carregava um gato, e não um bebê, em seu canguru.

A guarda levantou o braço.

– Sem gatos! – anunciou alto.

– Mas é um brinquedo! – protestou Sage. Ele bateu o gato na cabeça de orelhas amassadas. – Veja como as pernas são duras! Veja como o pelo parece artificial! Nenhum gato real seria feio assim...

Forçado pela situação, Gus manteve as pernas e o corpo rijos e inflexíveis.

A mulher tocou a cabeça do gato, então puxou uma de suas orelhas.

– Percebi agora: essas orelhas não são muito realistas, não é?

– Não – chilreou Sage. – Imitação barata, barata!

Então eles passaram e seguiram pelo corredor lateral da catedral.

– Aquilo – sussurrou Gus – foi totalmente desnecessário. Feio!? Eu?

– *Non!* Você, não! – apaziguou Muriel, inclinando-se para Gus e acariciando-lhe a cabeça.

– Agora, deixe-me ver se entendi – questionou Miriam. – Vamos esperar até a meia-noite, então vamos subir até a torre e recolher o badalar do sino neste pote?

– Sim – respondeu Ty. – Mas parece que há algum tipo de problema com gárgulas.

– Não vejo que mal haveria em algumas estátuas de pedra – duvidou Muriel.

– Vamos fechar em dez minutos! – ecoou uma voz pela abóbada de pedra da catedral. – Todo mundo deve sair em dez minutos!

– Como vamos passar pelos guardas? – perguntou Rose.

Miriam colocou o braço em torno do ombro de Rose.

– Sorte sua minha irmã e eu conhecermos *muito* bem esta catedral, inclusive todos os melhores esconderijos. Venham por aqui.

* * *

Meia hora depois, o guarda de segurança da noite completou sua ronda ao redor da catedral e soou o sinistro *tump* de trincos fechando nos marcos.

– Como vamos sair quando terminarmos? – perguntou Rose, saindo de um confessionário com os irmãos e as meninas.

– Um problema por vez, *mi hermana* – respondeu Ty. – Primeiro, vamos coletar esse repique do sino.

Rose inclinou a cabeça para trás e olhou o teto, mas era tão alto e a catedral estava tão escura que o teto poderia muito bem ser um céu aberto em noite nublada. Cada movimento de Rose – cada arrastar de pés, cada tremor, fungada, tosse – reverberava nas colunas de mármore maciço em um eco assustador.

– Vamos fazer isso logo – disse Rose, olhando o relógio. Já eram dez e meia da noite. Balthazar dissera que Purdy e Albert ficariam fora até tarde, mas isso era forçar demais. – Onde está o sino? E onde estão essas gárgulas infames?

Miriam balançou a cabeça.

– As gárgulas ficam no mesmo piso que a torre do sino, lá no alto, com vista para Paris. Já o sino...

Leigh limpou a garganta.

– Realmente depende do sino especial ao qual você se refere, jovem Rose – avisou ela. – Há cinco sinos em Notre Dame. Quatro se localizam na Torre Norte, mas o sino que você tem em mente, o sino Bourdon chamado Emanuel, está na Torre Sul.

Muriel engasgou.

– Como esta minúscula criança gênio sabe tanto?

– Percalço mágico – esclareceu Ty.

– Normalmente nem os sapatos ela consegue amarrar – acrescentou Sage.

Muriel mostrou o caminho até uma grande escada de pedra branca em espiral. No topo da escada havia uma pequena porta – aparentemente os bispos eram mais baixos na época da construção do lugar. Rose teve que se abaixar para passar.

Do outro lado havia uma sacada de pedra com vista para a cidade. Rose poderia ter se assustado se não tivesse estado no topo da Torre Eiffel apenas na noite anterior. Comparada com aquela experiência, a torre da catedral parecia abraçar o chão.

– O sino fica para lá – orientou Miriam, apontando para outra portinha de entrada ao final da sacada.

– E agora? – perguntou Sage, pondo Gus no chão.

Rose olhou o relógio: onze e cinquenta. – Vamos esperar e, à meia-noite, recolhemos a badalada.

– É isso mesmo? – perguntou uma voz baixa rosnando.

– Sage? – chamou Ty. – Foi você, imitando essa voz estranha de gárgula?

– Não! – respondeu Sage, tremendo.

Na escuridão, ao lado deles, algo se moveu. Rose saltou, então se virou para descobrir que as sombras profundas na parte de trás da sacada escondiam uma gárgula. A estátua empoleirada em um pedestal apoiado contra a parede tinha cara de macaco com um focinho e língua salientes, dentes afiados, olhos encovados e um chifre em cima da cabeça. Pequenas saliências bizarras se alinhavam nas costas, e duas asas brotavam dos ombros.

Enquanto Rose estudava a estátua, não querendo acreditar que ela realmente acabara de falar, esta virou a cabeça e olhou diretamente para ela.

– Buu! – fez a estátua.

Sage gritou, e Ty praticamente tropeçou em Gus ao recuar sobre Muriel e Miriam. As gêmeas olhavam, horrorizadas, a estátua de pedra. Um gato fofo falante é uma coisa, já uma estátua em forma de demônio é outra.

– Quero ir para casa – sussurrou Muriel para a irmã.

– Por que confiamos nos magos confeiteiros? – lamentou-se Miriam.

– A ideia foi sua! – cochichou Muriel.

A família assistiu como as asas da gárgula se libertaram das laterais de sua caixa torácica afundada e seus membros de pedra cinza se soltaram do pedestal. A gárgula levantou as asas e começou a batê-las. Para surpresa de Rose, as asas tremularam rápida e delicadamente, como as de uma libélula. A gárgula se ergueu acima do pedestal e zumbiu no ar, aterrissando diretamente diante da entrada para a sala onde o sino era mantido.

– Ninguém captará nenhuma badalada hoje à noite! – trovejou a gárgula. – Vocês estão invadindo o pedaço!

Sage não conseguia tirar os olhos das costelas irregulares, olhos saltados e língua pendurada da gárgula.

– Hã... – gaguejou ele.

– O quê? – vociferou a gárgula. – O que ele acabou de dizer?

Ty limpou a garganta.

– Ele disse... Ol-hã! Não liguem para meu irmão, é só seu jeito louco de falar. Meus pais tentaram consertá-lo. *Enfim*...

Ty se aproximou da gárgula e lhe estendeu a mão.

– Oi! Sou Ty, como na erva Thyme. Toque aqui, amigo. Qual é o seu nome, meu chapa?

A gárgula fez uma careta.

– Meu nome é Eve – disse ela.

Ty estremeceu.

– Quer dizer... que você é uma garota?

– Surpreso? – ironizou a gárgula.

– De jeito nenhum! – blefou Ty. – Eu chamo a todos de “chapa”! Garotas, garotos, garotas gárgula e garotos gárgula, qualquer um... – Ty lançou à garota gárgula um de seus sorrisos de mil watts. – Você é, tipo, a gárgula mais bonita que eu já vi!

– Sua bajulação não vai funcionar aqui – ouviu-se outra voz pétrea. Uma segunda gárgula, esta apenas uma cabeça gigante com um sorriso largo e impetuoso e sobrancelhas pesadas unidas de um dragão chinês, pulou para cima do canto onde estava e rolou pelo corrimão da sacada, chegando perto de Ty. – Sou Bob, irmão de Eve. Sabemos que somos grotescos. Não temos vergonha.

– Fale por si – cantarolou uma terceira gárgula com voz aguda e mágica perto do teto. Esta tinha um rosto felino com duas longas presas, mas, em vez de duas orelhas, a cabeça culminava no topo em um único bulbo estranho. Ela saltou para baixo e disse: – Eu não me importaria com um pequeno elogio. Sou irmã deles, Antonia.

Ty sorriu, procurando algo em Antonia para admirar.

– Eu realmente gosto do seu... bulbo na cabeça – elogiou finalmente.

Antonia abafou uma risadinha ingênua.

– Muito grata – disse ela. – Muitos dizem que é a minha melhor característica.

– Antonia! – gritou Bob, quicando no ar e pousando no chão da sacada com um estalo. – Estamos tentando assustá-los, e não conviver com eles! *Tenha dó!*

Bob girou no lugar e dirigiu-se a Ty com uma voz assustadora:

– Por que você invadiu nossa torre?

Rose, humilde, ergueu um dedo no ar.

– Hum, acho que posso responder essa, hã, Bob. Meu nome é Rose, sou irmã de Ty, e somos uma família de confeiteiros. Participamos de uma competição internacional de confeiteiros contra nossa tia malvada, para fazê-la tirar seu perigoso Ingrediente Mágico do mercado e recuperar o controle do livro mágico de receitas da família. Seria uma grande ajuda se pudéssemos captar o som da badalada de seu magnífico sino. Vão nos permitir isso?

Os três irmãos gárgula trocaram olhares. Eve farfalhou as asas.

– Seu apelo é convincente – avaliou ela. – Porém, sinto muito, não! Nosso único dever é proteger Emmanuel. Nunca falhamos e não vamos falhar agora.

Sage piscou.

– Bom, esse público é bem difícil! É como se tivessem coração de pedra!

As gárgulas o encararam com cautela.

– Talvez um pouco de humor possa acalmar a situação...

– Sage – pediu Rose –, eu realmente não acho que seja...

– Ei, qual é a sopa favorita da gárgula? Sopa de pedra. E a bebida quente preferida? Lava. Qual é o tipo predileto de música da gárgula? Rock[11]. Como chamamos uma gárgula alienígena? Um meteorito. Quem visita gárgulas quando elas sonham? O Homem de Areia. O que acontece quando uma gárgula ri? Ela racha... – Sage fez uma pausa. – É isso aí. Isso é tudo o que tenho.

As gárgulas ficaram indiferentes ao humor de Sage. Todas, exceto Eve, que cobriu a boca com uma das asas, como se escondendo um sorriso.

Eve limpou a garganta com um som terrível de pedras triturando e deixou cair a asa. Ela não sorria.

– O jovem ruivo é muito engraçado – rosnou ela. – Entretanto vocês sairão antes do badalar do sino.

Os ombros de Rose caíram.

– Desculpe incomodá-los – murmurou ela, virando-se para ir.

– Boa ideia, Rose! – gritou Muriel. – Vamos sair daqui! Eu sinto como se estivesse em um pesadelo!

Foi aí que um coro de sinos começou a badalar.

– São esses os sinos da Torre Norte? – perguntou Rose.

– Sim – resmungou Bob. – Eles antecipam o repicar de nosso sino Emmanuel, que vocês não testemunharão, pois estão saindo *agora mesmo*. – Bob quicou no ar e caiu com um *CRACK*, quebrando uma das lajotas de mármore no piso e desalojando um dos pilares no corrimão. Ele rolou pela borda da sacada e caiu vários metros no ar, para se espatifar em pedaços na passagem abaixo.

Leigh olhou com frieza para seus irmãos.

– Parece que estão falando bem sério sobre partirmos.

– Não brinca! – ironizou Ty. – Vamos sair daqui!

Sage e Gus sussurravam, amontoados em um canto. Antes de Rose poder lhes perguntar o que faziam, Sage saiu do canto e caminhou em direção a Eve. Ele se pôs em um joelho e lhe ofereceu uma mão.

– Vamos sair em um minuto, eu prometo. Mas, primeiro, esses sinos repicando me fazem querer dançar. Você me concede a honra?

O rosto sério de macaco de Eve pareceu se suavizar.

– Não sei o que dizer – falou Eve, com a voz profunda e dura. – Ninguém nunca me convidou para dançar antes.

– Não? – duvidou Miriam. – Estamos realmente convidando os monstros para dançar? Vocês são o grupo mais estranho de pessoas que já conheci. Os americanos são tão bizarros!

Eve ignorou Miriam, levantou uma das patas de pedra e a colocou na mão estendida de Sage. Este ficou em pé, e ela também, alongando as patas traseiras e colocando a outra pata no ombro de Sage. Os dois começaram a se balançar para a frente e para trás com a música dos sinos, ambos com o olhar estranho perdido a distância.

Ty rapidamente entendeu a ideia. Ele se virou para a pequena Antonia, de tipo felino, e lhe ofereceu a mão.

– *Mademoiselle*? – sussurrou ele. – Me permite?

– Que diabo, sim! – Antonia saltou nos braços de Ty, e os dois valsaram ao redor da sacada escura, as asas de Antonia batendo com vigor.

Rose entendeu o que tinha que fazer. Rapidamente tirou o último pote azul e cochichou: “Jacques!”.

O ratinho esticou a cabeça para fora do bolso do blusão.

– *Oui*? – respondeu ele.

– Vou deixar o pote em posição, e você o tampa depois de a badalada acabar, certo?

Jacques concordou. Rose olhou para Bob. Ele rolava suavemente no lugar, fascinado pela dança das irmãs. Rose avançou por trás dele para a porta de entrada da sala do sino. Observando Bob com cuidado, ela se esticou para trás e colocou o frasco aberto na plataforma de madeira sob o sino. Jacques saltou para o chão e correu para o pote.

Com Rose novamente ereta, Bob a notou.

– O que você está fazendo? – trovejou ele.

– Eu só estava... fazendo beicinho, porque não tenho com quem dançar – reclamou, com cuidado para bloquear a visão para a sala do sino enquanto andava em sua direção. – Isto é... a não ser que você tenha pena de mim, Bob.

Se for possível para uma pedra corar, Bob o fez. Rose estendeu as mãos, e Bob, que era apenas uma cabeça, afinal, saltou para cima e para baixo diante de Rose, com ela saltitando com ele.

Rose olhou para além da esfera de pedra flutuando na frente dela para seus dois irmãos dançando lentamente com estátuas de pedra, então Miriam pegou Leigh e a balançou para trás e para a frente, e Muriel girou em torno da sacada com Gus nos braços.

Após um minuto, outro sino se juntou ao coro de repiques. Rose olhou furtivamente atrás de Bob e viu o sino Emmanuel oscilando para a frente e para trás.

Debaixo do sino, o pobre Jacques se sacudia a cada estrondo do carrilhão, mas se manteve firme, agarrando-se ao lado do pote azul. Quando o repique do sino finalmente se calou, ele rosqueou a tampa do pote, fechando-o.

Rose parou de saltar e começou a bater palmas.

– Uau! Foi divertido. Nossos pais devem estar preocupados, de modo que devemos ir.

Sage se soltou das mãos de pedra de Eve, esfregando os tendões mutilados em sua mão esmagada.

– Bom, foi um prazer conhecê-la!

Ty fez uma mesura, cortês, para Antonia.

– *Enchanté, mademoiselle*.

Rápida, Rose agarrou o pote e o enfiou, junto com Jacques, no bolso da frente do blusão. Sage agarrou o gato, e todos começaram a descer a escada em espiral.

– Esperem! – gritou Bob da porta. – Como vamos entrar em contato com vocês?

– Quando vocês vão voltar? – gritou Eve.

– Hum... amanhã! – gritou Ty de volta.

– Não vá embora! – rugiu Antonia. Um par de dentes como foices brotou do céu de sua boca, e ela disparou pelo ar em direção à cabeça de Ty.

– Corram! – gritou ele, passando por Rose, Sage e Leigh. Rápido, Ty guiou Muriel e Miriam para baixo pelos frios degraus de pedra branca da escada em espiral, enquanto Rose se arrastava atrás, com Sage e Leigh.

Rose, na traseira, virou-se para encontrar uma Antonia raivosa, apressando-se a poucos centímetros atrás de si, arreganhando as presas recém-germinadas.

– Que tipo de amigos vocês são? – uivou, com Bob e Eve saltando atrás dela.

Felizmente a escada era estreita, e as grandes asas de pedra de Antonia se prenderam, bloqueando Bob e Eve como um desmoronamento em uma pedreira.

Assim que Rose pisou de novo no chão da catedral, ela ouviu um estrondo enorme de Antonia finalmente livrando os cotovelos. Os três rolaram escada abaixo, apenas a tempo de as gêmeas e o clã Bliss se esgueirarem para fora por uma saída de emergência por trás da loja de presentes.

Rose fechou a porta de metal e apoiou-se contra ela, de costas, ofegante, até ouvir o clique do fecho no lugar.

– Nãããão! – Ela ouviu Bob em uma explosão silenciada.

– Eu me sinto mal – comentou Sage. – Devemos voltar?

– Eles são feitos de pedra, Sage. Eles vão superar isso – acalmou-o Ty.

Fora da catedral, o ar estava deliciosamente fresco, mais como uma noite de outono que de primavera, e as luzes brilhavam em um laranja escuro. Ela pegou do bolso o pote azul com a badalada e olhou para ele. Eles haviam conseguido!

– Você foi... bastante arrojado lá, Ty – elogiou Muriel, pondo a mão no ombro dele.

– Um desempenho maravilhoso – concordou Miriam.

Ty parecia que ia derreter em uma poça quente na calçada.

Foi só então que Rose notou alguém chegando sorrateiro perto deles, nas sombras do pátio.

Ele saiu para a luz. Era o assistente de Lily, o Homem Encolhido!

Ele encarou Rose, sorriu, então arrastou seu dedo lentamente pelo pescoço.

Rose ofegou, e suas mãos ficaram moles.

O pote azul se estilhaçou na fria calçada de pedra, e o repique da meia-noite do sino Emmanuel tocou para a noite, antes de se dissipar em nada.

Capítulo 13
Lar, enfermo lar

Rose dormiu ao todo cerca de 45 minutos naquela noite. Ela rolou sem parar na cama, repassando sempre os momentos antes de ela largar o vidro.

"Talvez chegue um dia em que eu não cometerei mais erros", pensou Rose ao acordar na manhã seguinte. Certa vez, Purdy lhe dissera que todos cometem erros, e Rose acreditou; mas, por só ter testemunhado seus próprios, parecia-lhe que era muito mais desajeitada que os outros.

Rose vasculhou os potes na mala de Balthazar: ingredientes tradicionais, como farinha e açúcar, acomodados ao lado de vidros azuis cheios de chuva intocada da outra noite e o lenço com o rubor de Maria Antonieta, além dos recém-adicionados rosnado de assassino e uivo de *banshee*. Mas não o som rolante de um carrilhão. O que fariam se a categoria fosse ENROLADO?

– Em um momento – avisou Jean-Pierre – vou anunciar o tema de hoje. O preparo de hoje determinará os últimos dois *chefs* que competirão amanhã na categoria *Wild Card*[12].

Todas as cozinhas estavam vazias e cobertas por uma camada de farinha, exceto as três com os concorrentes finais: Rose, Lily e Wei Wen.

Rose olhou para o balcão onde sua família estava sentada. Miriam e Muriel estavam com eles, os olhos fixos nas três cozinhas restantes. Rose não estava certa se estavam lá porque queriam ver Lily em chamas

ou porque queriam ficar perto de Ty, mas isso não importava realmente. Era bom ter mais gente torcendo por ela.

A família inteira sorria para ela, exceto Sage, que franzia a testa e olhava para longe. Ele ficou muito chateado com a perda da badalada do sino: pela primeira vez na vida conseguira impressionar uma garota, uma menina feita de pedra, mas ainda assim uma garota. Sua esperteza os fizera ter êxito, até que a idiota da irmã mais velha acabou com tudo.

– Sobraram três de vocês – prosseguiu Jean-Pierre. – Quem sobreviverá? E quem vai embora ao final do dia, sabendo que a maior realização de sua vida amarga esteve tão perto de ser alcançada?

Rose deixou a testa bater no balcão da cozinha.

– A categoria do dia é... – Rose prendeu a respiração. *"Não diga* ENROLADO*"*, orou ela. *"Não diga* ENROLADO*."*

– SEM AÇÚCAR**.**

Rose suspirou de alívio. O pote cheio de chuva intocada ainda estava intacto. No balcão, Sage e o resto da família sinalizaram com o polegar para cima.

Jean-Pierre saiu gingando do palco, Rose puxou a receita dobrada do Pão de Banana MegaBom do bolso de trás do jeans.

Ty inclinou-se sobre o ombro de Rose e olhou para o papel.

– Obrigado por deixar Miriam e Muriel ir ontem à noite – disse ele, animando-se consideravelmente desde a noite anterior. – Elas estão totalmente na minha agora. Quero dizer, olhe para elas! Estão sentadas com a mamãe e o papai! Aposto que é porque eu estava vulnerável. Garotas gostam de ver um garoto ficar frustrado.

– *Psiu* – chiou Rose. – Estou tentando memorizar isso antes de termos que cozinhar.

Ty pulou e sentou-se em cima da tábua de cortar.

– Sabe, acho que você está levando isso tudo muito a sério, Rose.

Rose virou-se e encarou o irmão mais velho. – Estou levando isso muito a sério? – gritou. – O que poderia ser mais sério que recuperar o Tomo de Culinária?

Ty pensou intensamente por um momento.

– Bem, acho que se um de nós estivesse doente. Ou desaparecido. Algo assim. *Isso* seria sério. É apenas um livro, Rose. Não importa tanto quanto qualquer um de nós.

– Bem, é importante para mim – respondeu Rose. – Esta é a coisa mais séria que eu já fiz. Então, vai me ajudar ou não?

Uma hora depois, Rose preparou uma tigela com os ingredientes secos, enquanto Ty amassava as bananas.

– Acho que vamos acabar com a Lily! – gritou, socando a fruta amarela.

Cruzando o corredor, Lily trabalhava no Bolo de Casamento Soprano: uma camada de pão de ló, uma

camada de musse de chocolate branco, uma de compota de amora, uma de nougatine de avelãs e outras, de aspecto delicioso, que Rose não conseguiria identificar. Tudo fora posto com cuidado sob uma cúpula de chocolate branco e infundido com a melodia crescente de uma soprano escandinava e uma pitada do Ingrediente Mágico de Lily. Era um milagre arquitetônico e, provavelmente, culinário também, sem falar de suas propriedades mágicas.

Rose olhou para sua entrada, que no momento consistia inteiramente de uma tigela de purê de banana.

– Isso parece lixo – lamentou Rose.

– Talvez – concordou Ty. – Mas eu estou ótimo. Isso deve contar alguma coisa, certo?

Rose revirou os olhos e acrescentou a farinha, o ovo e a baunilha ao purê de banana. Depois de misturar tudo, adicionou meia xícara de chuva intocada. De imediato, a massa perdeu a desagradável cor acinzentada sem graça de comida de bebê, brilhando radiante como ouro. Rose mergulhou uma colher na massa e provou.

A massa SEM AÇÚCAR era a coisa mais doce que já provara – não a doçura enjoativa, química do aspartame e de doces e refrigerantes diet, mas uma doçura natural deliciosa, com mais sabor que xarope de bordo ou até mesmo mel.

“Puxa”, pensou Rose, *“talvez possamos mesmo... vencer?”*

Vinte minutos depois, Rose tirou o pão recém-assado do forno e dispôs uma fatia do pão de banana dourado em um simples prato branco, pouco antes do *tlim* do gigante temporizador de parede.

Do outro lado do corredor, Lily colocou a cúpula intrincada do bolo ao lado de uma escultura de chocolate branco de uma pomba. Quando Lily cortou o centro do bolo, Rose pôde ver que as camadas de cores diferentes haviam se distribuído como uma imagem: uma cena de pombas e unicórnios brincando alegremente em um prado.

Wei Wen ajeitou os óculos e se postou, orgulhoso, ao lado de sua criação. Ele produzira uma réplica de chocolate de Notre Dame, que tinha cerca de um metro e meio de altura por dois metros de largura.

Rose olhou para sua modesta fatia de pão de banana. *“Então”*, pensou, pesarosa, *“talvez a gente não ganhe”*.

Marco levou com facilidade o Bolo de Casamento Soprano de Lily e o Pão de Banana MegaBom de Rose para a mesa de Jean-Pierre, mas teve dificuldades com a Notre Dame de chocolate de Wei Wen. Avançou aos poucos pelo corredor preto e branco, com o público ofegando a cada inclinação microscópica da escultura de chocolate. Quando finalmente Marco deixou a catedral na frente de Jean-Pierre, todos deram um suspiro coletivo de alívio, exceto Rose. Jean-Pierre provou o Bolo de Casamento Soprano de Lily primeiro.

– *Mon Dieu*! – engasgou, olhando com admiração o corte transversal do bolo. – Uma cena de pombas e unicórnios, criada de pão de ló e musse! Eu nunca vi algo assim! – Jean-Pierre cortou a cena com o garfo e provou. – É... – divagou ele. – É...

Rose observou como os olhos do *chef* mestre embaçaram e a voz ficou um pouco robótica.

– Como é doce! – avaliou ele. – Entretanto, conseguiu isso sem açúcar, Lily querida. Você é a soberana da doçura!

As câmeras seguiram Jean-Pierre voltando sua atenção para a réplica de chocolate de Notre Dame. O *chef* caiu de joelhos e começou a chorar.

– É uma perfeição! – soluçou ele. – Por que eu jamais pensei em experimentar fazer uma catedral de chocolate?

O grande *chef* ergueu-se e deu uma garfada na Torre Sul, onde havia apenas onze horas Rose e seus irmãos dançaram com gárgulas. Jean-Pierre fechou os olhos e saboreou o bocado.

– Sensacional! – sussurrou, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

"Estou frita", pensou Rose.

Finalmente, as câmeras seguiram Jean-Pierre até a mesa do prato de Rose. O *chef* mestre olhou sua fatia de pão de banana e franziu a testa.

– *Mademoiselle*, perdoe-me, estou confuso – comentou ele. – Onde está o que assou?

Rose apontou timidamente para a fatia de pão dourado.

– É isso aí.

– Mas o que ele faz? – indagou Jean-Pierre, cutucando a fatia com um garfo. – Ele canta? Fala cinco línguas? Será que assa confeitos mais impressionantes?

Rose fez que não com a cabeça; Jean-Pierre provou, relutante, um bocado de pão de banana. Ele fechou os olhos, engoliu e caminhou até o microfone sem dizer uma palavra. Ty deu um tapinha nas costas de Rose.

– Acho que deveríamos ter feito a ponte Golden Gate de bombons ou algo assim – especulou ele.

Jean-Pierre bateu no microfone.

– A decisão foi difícil em um aspecto, e simples em outro. Escolher o vencedor foi simples. Escolher quem eliminar foi quase impossível.

Rose baixou a cabeça. Pelo menos não tinha sido *fácil* para Jean-Pierre mandá-la para casa.

– Primeiro, vou compartilhar o competidor que está seguro e que passará para a batalha final de amanhã. Vindo em segundo lugar, hoje, está...

Rose cruzou os dedos.

– ...Lily le Fay.

A plateia irrompeu em aplausos, enquanto Lily se obrigava a sorrir e acenar.

– Agora, a decisão simples. O vencedor do desafio de hoje SEM AÇÚCAR é... Rosemary Bliss!

A multidão soltou um suspiro audível. Os joelhos de Rose fraquejaram, e ela se apoiou na lateral do palco.

– Sei que parece estranho – o *chef* mestre explicou –, mas, com uma simples fatia de pão de banana, esta jovem confeiteira abalou os sonhos elevados da Notre Dame de chocolate. Seu arquiteto, Wei Wen, pode agora deixar o centro de exposições.

Wei Wen caiu no chão, chorando, conforme a Torre Sul da Notre Dame de chocolate desmoronava também.

– E então ficaram duas – prosseguiu Jean-Pierre. – Amanhã será, sem dúvida, o dia mais importante da vida delas.

“Você não tem ideia”, pensou Rose. Jean-Pierre tinha a impressão de que apenas a reputação de Rose estava em jogo. Ele não sabia que a relíquia mais preciosa de sua família e a felicidade de sua amada cidade também estavam em jogo. Lily deu um passo para o lado de Rose na frente do palco.

– Parabéns – disse Lily com os dentes cerrados. Olhando em volta para se certificar de que não havia microfones perto o suficiente para captar suas palavras, ela se inclinou até o ouvido de Rose. – Eu vou te *esmagar* amanhã. – Lily parecia uma estrela de cinema, cheirava a rainha, mas dava a impressão de falar como assassina.

Rose sentiu o medo, como gelo, descer pelas costas com a ameaça da tia. Pulando longe, Rose viu pura raiva nos olhos da tia, mais ainda, por trás da raiva... talvez uma faísca de medo? Afinal, o simples pão de banana da Rose derrotara o bolo espetacular da tia, com seu Ingrediente Mágico *e* o Ingrediente Mágico de Lily.

E foi então que Rose entendeu: se ela competia pelo Tomo e para parar o Ingrediente Mágico de Lily, o que importava para Lily era vencer.

E isso deu a Rose uma ideia. Talvez tanto ela quanto Lily pudessem conseguir o que queriam. Rose vencera naquele dia, afinal; talvez agora tivesse certa vantagem. Rose se inclinou para dar um beijo na bochecha de Lily e então sussurrou:

– Vou deixar você ganhar amanhã se prometer parar de vender o Ingrediente Mágico e devolver o Tomo.

Lily riu.

– Agora entendo por que você se acovardou antes de vir para Nova York comigo, Rose – ironizou ela. Ela apertou a mão de Rose um pouco mais. – Você não tem o que é preciso para conseguir sucesso em grande estilo. Você não tem coragem.

Rose pensou um momento.

– Estou muito assustada, é verdade. Há muito em jogo. Mas pelo menos tenho coragem suficiente para competir sem usar produtos químicos secretos no que preparo para fazer as pessoas gostarem de mim.

Parecia que Lily queria dar um tapa no rosto de Rose. Em vez disso, com as câmeras presentes, Lily lhe deu um beijo.

– Vamos, as duas, fazer o que fazemos de melhor e ver quem sai por cima no final, está bem? – cochichou ela.

Naquela noite no hotel, Albert fez suas famosas Fajitas Familiares. Ele dispôs pratos com creme azedo, pimentão e cebola, tortillas, guacamole, feijão-preto e bife grelhado, e todos, incluindo as

convidadas Miriam e Muriel, deram a volta na mesa montando as próprias fajitas. Todos, exceto Jacques, que mordiscou um pedaço de queijo Monterey Jack tão grande quanto ele mesmo; Gus, que cochilava enroscado, um nó apertado de pele sobre o sofá; e Leigh, que torceu o nariz para a miscelânea que costumava ser seu prato favorito, mas deixou de ser desde que comeu o Ingrediente Mágico de Lily.

– Não vou comer bife enrolado como um cachorro-quente, muito obrigada – avisou, altiva.

– Então, talvez coma isto – ofereceu Purdy, saindo da cozinha com uma fatia de bolo em um prato. – Abra a boca! – comandou ela.

Leigh revirou os olhos para a mãe, mas, obediente, abriu a boca, e Purdy empurrou-lhe a fatia de bolo.

– Isso deve dar um jeito – afirmou Purdy. – É um Muffin de Coincidência! Eu o calibrei para o que Leigh é realmente, assim ela coincidirá com quem ela era antes de comer o Ingrediente Mágico de Lily. Não é nenhum Pavê Reviravê, mas deve funcionar.

Leigh arrotou delicadamente, então disse:

– É um Muffin de Coincidência! – com a voz de Purdy. Ela bufou e tornou a dizer a mesma coisa.

Rose e Ty se entreolharam, perplexos. Foi a coisa mais estranha que Rose já vira ou ouvira. Era como se a voz da mãe tivesse saltado para a boca de Leigh.

– Não era assim que deveria funcionar – estranhou Purdy.

– Incrível! – Miriam se sobressaltou.

– Incrível! – imitou Leigh.

Albert correu as mãos pelo cabelo.

– Ora, perfeito.

– Ora, perfeito – repetiu Leigh com a voz profunda de Albert. Então ela explodiu em risadas.

– Já basta, mocinha! – alertou Albert. – Mais tarde lidaremos com esse seu novo talento. Mas, primeiro... – Ele ergueu o copo americano em um brinde. – ...para Rose e Ty, por sua vitória hoje. Acho que vocês dois estão prontos para a categoria *Wild Card* amanhã.

Rose deu um suspiro profundo e mordeu um pedaço de carne picante. Ela vinha ignorando a eventualidade do temido *Wild Card*, mas, finalmente, ela havia chegado.

– Como vamos fazer isso? – questionou ela.

Purdy limpou suco de carne do canto da boca.

– Qualquer que seja a categoria, escolheremos uma receita de acordo, e espero que Balthazar possa traduzi-la em uma hora!

Balthazar mal levantou os olhos da fajita, que desabou sobre o prato em uma confusão de creme azedo e cebola.

– Mas e se a receita exigir um ingrediente que não temos? – prosseguiu Rose, empurrando o prato para o centro da mesa. – E se for algo que não podemos achar em uma hora em Paris?

Rose saltou da cadeira e caminhou ao redor da mesa de centro na sala de estar, enquanto o resto da família continuava a comer as fajitas.

– Deixe ela dar voltas – Rose ouviu Ty murmurar. – Acho que acabará cansando.

Foi ali, na mesa de centro, que Rose viu um grande envelope pardo com seu nome. – O que é isso? – perguntou ela, abanando o envelope no ar.

Albert tentou falar com a boca cheia de feijão.

– O carregador de malas trouxe há pouco – esclareceu.

Rose rasgou o envelope grosso de papel pardo e encontrou um DVD sem título. *“Ótimo”*, pensou ela. *“Deve ser alguma ameaça do assistente de Lily.”*

Rose enfiou o DVD no leitor da suíte. Em vez dos verdes olhos brilhantes e espessas sobrancelhas negras do Homem Encolhido, Rose viu a franja loira arrebatadora de Devin Stetson. Seu estômago pulou dentro dela como um sapo preso em um pote.

– Oi, Rose – disse ele, encarando-a direto da tela. Ele suspirou apático, mas os cantos da boca viraram para cima, em um sorriso. – Nós, da Donuts e Automecânica Stetson, queremos lhe desejar boa sorte na Gala des... – Devin silenciou e gritou para o homem em pé, de macacão, atrás de dele. – Como é, pai? Ah, tá. Na Gala des Gâteaux Grands. Vocês aí são confeiteiros incríveis, os melhores do mundo, e sabemos que vencerão. Mas não acreditem só em mim!

A câmera passeou pelos corredores do Armazém Borzini e parou na forma de amendoim do próprio Sr. Borzini, que ergueu um saco de juta com sementes de girassol acima de uma alta pilha de sacos de estopa, limpou as mãos no avental e riu para a câmera.

– O que está acontecendo aqui?

– Estamos fazendo um filme para Rose Bliss – contou Devin, detrás da câmera. – Ela está competindo naquele concurso francês.

– Ah, sei – disse o Sr. Borzini, acenando para a câmera. – Oi, Rose. Olá, Purdy, Albert, crianças. Você vai se dar bem, Rose.

A câmera passeou pela rua principal de Calamity Falls, parou dentro da floricultura, onde Florence cochilava em sua cadeira.

A mão de Devin apareceu no quadro e puxou a manga de Florence. Ela acordou com um sobressalto.

– O quê? Para que serve essa engenhoca? Por que você está tirando minha foto?

– É uma câmera de vídeo, Florence. Estou fazendo um vídeo para os Bliss, para desejar boa sorte na Gala qualquer coisa.

– Hã – disse Florence, olhando através dos óculos de garrafa de Coca-Cola. – Só espero que eles voltem inteiros. Calamity Falls estaria perdida sem eles.

Rose estremeceu. Ela sabia que Calamity Falls já estava perdida, e seria para sempre se ela perdesse a batalha *Wild Card* no dia seguinte.

Nesse momento os Bliss já tinham terminado as fajitas e se reunido nos sofás atrás de Rose para assistir ao DVD.

A câmera mostrou as mesas ao ar livre do bistrô francês de Pierre Guillaume. O próprio Pierre

Guillaume estava na entrada do café, pulsos moles dobrados nos bolsos de seu avental de *chef*.

– Eu gostaria de desejar à família Bliss a maior sorte, em minha amada cidade natal de Paris. – Ele suspirou. – Estou muito animado por eles.

– Ele não parece animado – comentou Sage. – Parece que acabou de descobrir que precisa de um tratamento de canal.

– Não há ninguém no café – observou Ty. – Meu Deus, onde está todo mundo?

A câmera focou as únicas pessoas sentadas nas mesas de ferro fundido: o Sr. Bastable e a Sra. Thistle-Bastable. Eles sorviam colheradas de sopa de cebola à francesa, olhando a distância.

O Sr. Bastable olhou diretamente para a câmera.

– Eu sinto falta dos Bliss. Eles fazem *muffins* maravilhosos, mas o mais importante é que são pessoas agradáveis. – Então ele voltou para sua sopa. A Sra. Thistle-Bastable sorriu, lânguida.

– Quanta consideração de todos – observou Purdy, puxando Rose para o colo. – Viu, Rose? Não importa se amanhã você vai ganhar ou não. Todos na cidade ainda nos amam.

– Mas olhe para eles! – gritou Rose. – A cidade inteira está cinza. E a culpa é minha! Eu tenho que consertar isso.

Rose disparou do colo de Purdy e correu para seu quarto, batendo a porta.

Mais tarde naquela noite, depois de as gêmeas Desjardins voltarem para o quarto e todos os outros irem dormir, Rose se viu revirando na cama, orando para que o Tomo magicamente caísse pelo teto e aterrissasse ao lado dela, no travesseiro. Ela o embalaria nos braços e, se saísse, o levaria em um canguru para que ele jamais ficasse fora de sua vista.

Enquanto Leigh roncava na cama ao lado, Rose olhou as paredes do quarto de hotel. Havia gravuras emolduradas de anúncios franceses antigos dos anos 1900, de sabonete em barra, chapéus e espartilhos. Havia uma estante com alguns livros grossos empilhados, um dos quais era praticamente do mesmo tamanho e cor do próprio Tomo.

Rose saiu da cama e foi até a estante. Ela puxou o livro pesado da prateleira e soprou um centímetro de poeira que havia em cima. Abriu o livro rezando para que, de alguma forma, por alguma mágica, pudesse ser o Tomo de Culinária.

– Que tolos esses mortais são... – leu ela. É claro. As obras completas de William Shakespeare.

Rose suspirou. O livro poderia tê-la enganado. Teria enganado a todos.

Teria enganado a todos.

Rose engoliu em seco. Ela correu pela suíte, para o quarto de Sage e Ty, e pulou na cama de Sage.

– Ty! Sage! Acordem!

Ty jogou um travesseiro na cabeça de Rose, e Sage se enterrou mais fundo nos cobertores.

– Vejam o que eu encontrei em meu quarto! – Rose ergueu o sósia do Tomo.

– O Tomo de Culinária! – exclamou Sage.

– Não, é um livro de peças de Shakespeare. Mas *parece* o Tomo! Se conseguirmos fazer Lily sair do quarto, podemos roubar o Tomo de volta e deixar esse como engodo!

Sage gemeu.

– Rose, da última vez que estivemos lá em cima, nem *achar* o Tomo conseguimos. E qual é a vantagem, de qualquer modo, de deixar um engodo? Assim que o abrirem, verão que não é o Tomo.

– Mas talvez eles não o abram de imediato! – avaliou Rose. – Se vencerem a competição, pegarão o avião levando o livro, vão abri-lo lá em cima e perceberão que não é o Tomo, mas então será tarde demais! Imagine a expressão na cara presunçosa e estúpida de Lily.

– Mas Rose – argumentou Ty, o cabelo espetado em ângulos ridículos –, como é que vamos tirar Lily do quarto? Estamos no meio da noite, lembra?

Leigh entrou, perambulando.

– Como é que vamos tirar Lily do quarto? – disse, imitando exatamente a voz de Ty.

Rose sorriu para os irmãos.

– Essa é a melhor parte da minha ideia – assegurou ela. – Leigh, o que você acha de falar por telefone com Lily, a rainha magnífica dos *muffins*?

Capítulo 14
Um (minúsculo) ladrão na noite

Alô, eu gostaria de falar com a Sra. Lily Le Fay, *s'il vous plaît*.

– E a quem eu posso anunciar?

– Monsieur Jean-Pierre Jeanpierre – respondeu Leigh com o robusto e arrogante sotaque francês de Jean-Pierre.

– Mas, senhor, são quatro horas da manhã.

Rose estava sentada ao lado de Leigh enquanto ela falava ao telefone com o gerente da recepção e a instruía sobre o que dizer, logo após, usando a voz do pomposo *chef* francês. Era estranho.

– Eu acho que ela vai querer atender esta ligação – disse Leigh com a voz de Jean-Pierre. – Estou ligando para discutir sua vitória na Gala des Gâteaux Grands esta manhã.

– Estou transferindo! – disse o recepcionista. O telefone tocou novamente, e Leigh esperou Lily atender.

– O quê? – perguntou Lily, sua voz soando grogue no telefone.

– Lily – disse Leigh. – É Jean-Pierre. Gostaríamos de planejar um evento de publicidade relativa à sua

vitória. Algo que o mundo inteiro verá.

Lily ficou em silêncio por um momento.

– Você está dizendo que eu já ganhei?

– Eu não posso imaginar qualquer outro resultado possível – respondeu Leigh.

– O que você tem em mente para esse evento de publicidade?

– Não posso discutir isso por telefone – alegou Leigh. – Você terá que me encontrar em meu escritório, no centro de exposições.

– Agora?

– Não há nada como o presente! Confeiteiros de verdade nunca dormem!

Lily especulou:

– Mas isso não pode esperar mais algumas horas? Nem são quatro horas da manhã.

Leigh olhou para Rose, que deu de ombros. Frustrada, Leigh falou com sua voz normal.

– É só atravessar a rua, sua preguiçosa!

Houve um longo silêncio do outro lado da linha. Finalmente, Lily perguntou:

– Por que sua voz se parece com a de uma menina?

Leigh limpou a garganta.

– Sofro de dores estomacais – disse ela, novamente com a voz de Jean-Pierre. – É terrível. Bom, você virá?

– Me dê dez minutos – assentiu Lily.

Leigh desligou, e Rose, Ty, e Sage foram olhar pela janela que dava para a calçada em frente ao Hôtel de Notre Dame.

Doze minutos depois, viram Lily e o Homem Encolhido cruzando rápido a rua diante do centro de exposições.

– Agora é a nossa chance! – avisou Rose.

Momentos depois, Rose, com Jacques aninhado no bolso do blusão, Ty, Sage, com Gus no canguru, e Leigh se esgueiraram até parar diante do elevador secreto. Em pé diante dele havia uma arrumadeira de vestido preto conservador, passando aspirador no tapete. Ela desligou o aspirador quando os viu.

– Esta área é restrita, senhorita – alertou ela, olhando para Gus. – Especialmente para gatos.

Leigh levantou a chave que lhe deram da última vez que visitara a suíte de Lily.

– Mas nós temos a chave! – reclamou ela.

A arrumadeira negou com a cabeça.

– Você deve ter se enganado – assegurou. – Há apenas duas pessoas hospedadas no Piso Fantasia, e eu conheço as duas. Agora fora!

Voltando pelo saguão, Ty murmurou:

– E agora?

Rose olhou para o telefone, do outro lado do saguão do hotel.

– Leigh, será que você consegue fazer a voz de Lily?

Leigh sorriu diabolicamente.

– Claro, querida – disse ela no tom meloso de Lily.

No telefone do saguão havia um botão que automaticamente ligava para a recepção. Rose apertou o botão e segurou o fone para Leigh.

As crianças observaram o funcionário atender o telefone que tocava.

– Bom dia, recepção do Hôtel de Notre Dame – respondeu ele. – No que posso lhe ser útil?

– Alô, aqui é Lily Le Fay – disse Leigh calmamente. – Derramei água no balcão da minha cozinha. Preciso que uma arrumadeira venha enxugá-lo. Imediatamente.

– É claro, Sra. Le Fay! – disse o funcionário em pânico. – Não se mexa! Já estamos chegando!

O atendente desligou o telefone e correu para a arrumadeira.

– Há uma emergência no Piso Fantasia! – exclamou ele. – Lily Le Fay derramou água no balcão da cozinha! Vá!

A arrumadeira rapidamente desligou o aspirador e correu para o elevador. Rose esperou até o elevador partir. Então ela olhou para os irmãos.

– Nossa vez – disse ela. Ty acenou com a cabeça.

– Mas é melhor nos apressarmos. Não vai demorar muito para Lily descobrir que foi enganada.

Momentos depois, eles chegaram à antecâmara do Piso Fantasia. A porta da suíte de Lily já estava aberta. Rose espiou e viu a arrumadeira limpando a água derramada (inexistente) do balcão da cozinha. Enquanto ela estava ocupada, as crianças se esgueiraram pela porta e se esconderam no banheiro até a arrumadeira sair.

Eles se separaram para vasculhar a suíte. Rose e Ty verificaram o quarto de Lily, mas tudo o que encontraram foi um armário repleto de vestidos pretos de noite, doze roupões de banho de algodão idênticos, centenas de garrafas de produtos sofisticados para cuidados da pele, duas dúzias de caixas de sandálias de salto alto e uma prateleira com livros de autoajuda com títulos como *Não peça o que quiser – simplesmente pegue!*

Rose espiou embaixo de cada uma das caixas de sapatos, entre cada vestido, atrás de cada livro de autoajuda, mas o Tomo de Culinária Bliss não estava em lugar algum.

Sage, que esquadrinhou a cozinha, e Leigh, que se arrastou pelo banheiro principal, tampouco tiveram sorte.

Eles se reuniram de novo na sala principal da suíte. Sage parecia perplexo.

– Lily deve ter trancado o nosso Tomo em um banco suíço – sugeriu ele. – Onde diabos ela poderia tê-lo escondido?

Gus e Jacques ficaram empoleirados no parapeito da janela, verificando o inevitável retorno de Lily e do Homem Encolhido.

– Não faço ideia – disse o gato gorducho –, mas agora pode não ser o melhor momento para discutir o assunto. Lily e o assistente acabaram de sair do centro de exposições e não parecem felizes.

Sage pegou Gus e o prendeu de volta no canguru. Rose estendeu a mão para Jacques, mas ele levantou uma única pata.

– Eu vou ficar – anunciou ele. – Vou espiar a noite inteira e descobrir a localização de seu valioso livro.

– Você não pode! – disse Ty, olhando a porta da suíte. – É perigoso demais!

– Não há escolha – analisou Jacques. – Se houver jogo sujo amanhã e Rose não sair vitoriosa, vocês devem saber onde o livro está, para poder recuperá-lo.

Rose ficou atordoada. E, aparentemente, Gus também.

– Jacques – disse o gato, pendurado no canguru no peito de Sage. – Eu nunca imaginei dizer isto para um camundongo, mas sua nobreza de caráter é igual à de um Scottish Fold. Você é um gato entre camundongos.

Jacques fez uma mesura para o gato, saudou as crianças e, com um grito de *“Vive la France!”*, lançou-se para o chão e disparou por um orifício no rodapé.

– Isso foi realmente tocante – disse Ty –, mas a qualquer momento o assustador amiguinho de Lily entrará correndo aqui e atirará um dardo envenenado no nosso pescoço, ou algo assim. Vamos já?

Leigh assentiu.

– Vamos já? – repetiu com a voz de Ty.

Rose e os irmãos se empilharam no elevador secreto e voltaram para baixo, ao saguão. Na hora certa. Enquanto esperavam o elevador normal para levá-los para a própria suíte, viram Lily correndo pelo saguão de volta ao quarto.

Ela estava sozinha.

– Ei, pessoal – observou Rose. – Não que eu queira vê-lo realmente, mas onde está o Homem Encolhido?

Sage encolheu os ombros.

– Quem se importa?

– É mesmo – concordou Ty. – Realmente não importa.

– Por que não? – perguntou Rose.

– Porque com certeza venceremos amanhã – assegurou ele. – Está na cara. Qualquer que seja o tema, temos os ingredientes necessários. Arrumamos tantas coisas loucas esta semana...

Rose sorriu.

– Sim – disse ela, balançando a cabeça para o livro grande e grosso que tentara deixar no lugar do Tomo real. Não tinha sido um grande plano: Lily teria sabido de imediato que não era o Tomo de Culinária. – É verdade.

Ao voltarem para a suíte, Rose tirou a chave do quarto, mas logo descobriu que a porta da frente já

estava entreaberta.

– Gente – sussurrou ela –, nós deixamos a porta aberta?

Ty e Sage se entreolharam e então olharam para Leigh. Ela só encolheu os ombros. Rose abriu a porta e acendeu a luz.

Em pé no centro da sala de estar, zombando deles, estava o Homem Encolhido. Ele segurava uma mala em uma mão – a mala de Balthazar, a que continha todos os seus Ingredientes Mágicos!

O Homem Encolhido esboçou uma pequena reverência.

– Olá, crianças – resmungou com uma voz áspera. – Esse truque foi inteligente, nos atrair para longe de nossa suíte. Vocês acharam que quando Lily e Jeremius chegassem ao escritório de Jean-Pierre...

– Quem é Jeremius? – bufou Ty.

– Sou eu! Como eu ia dizendo, vocês acharam que quando Lily e Jeremius encontrassem o escritório de Jean-Pierre vazio, não descobririam o que fizeram? – Jeremius levantou a mala, os olhos verdes brilhando.

Ty se adiantou. Rose nunca o vira tão sério.

– Não há nada que você queira na mala, *hombre* – disse ele suavemente. – Então, eu sugiro que a ponha no chão.

Jeremius riu.

– Eu rio! – retrucou ele. – Ha! Ha! – Ele colocou a mala de Balthazar no chão, então abriu-a, para que soubessem o que havia dentro: estava repleta de potes de vidro azul. O sopro de fantasma, o rubor de uma rainha verdadeira, o segredo do sorriso da *Mona Lisa* e todos os ingredientes das outras especialidades que Rose e sua família tão laboriosamente haviam coletado ao longo da semana. – Quando estávamos dentro do centro de exposições e descobrimos que fomos enganados, decidimos saquear *seus* ingredientes. Para lhes ensinar uma lição de jogar limpo!

Sem pensar, Rose se lançou pelo quarto. Rápido como um piscar de olhos, Jeremius fechou a mala com um clique e saltou sobre as costas de um sofá.

– Eu acho que não – resmungou ele.

Sage estava fumegando.

– *Quem* é você? – perguntou ele. – De qual lar de anões homicidas Lily te resgatou?

– Ah, eu sou membro da família – exultou Jeremius. – Então, tenho certeza de que não se importarão se eu tomar isto emprestado por um tempo.

– Na verdade, nos importamos! – gritou Ty. Ele e Sage saltaram sobre Jeremius de extremos opostos do sofá, enquanto Rose mergulhou diretamente sobre ele.

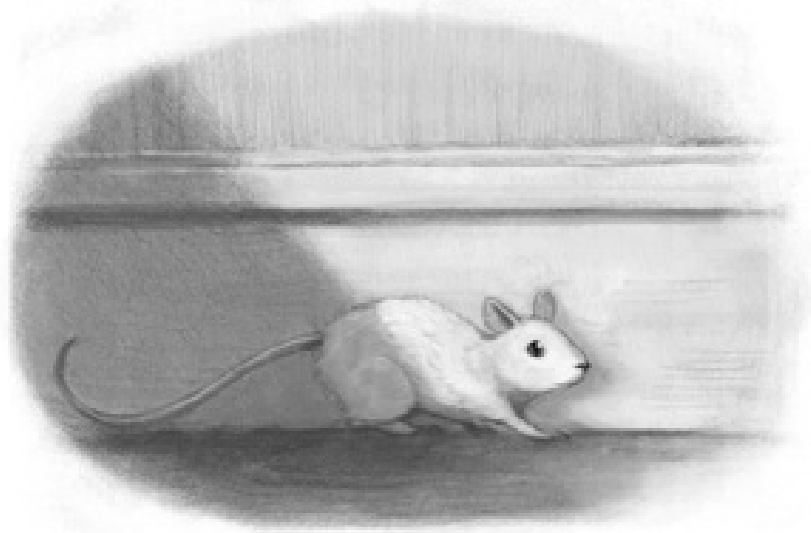
Mas foram muito lentos.

Com um hábil giro acrobático, ele saltou para fora da janela, a mala agarrada contra o peito, e aterrissou no largo parapeito da janela.

– Ha! Ha!

Ele lhes soprou um beijo molhado, então fugiu pela borda, saltando sobre um telhado próximo e pavoneando-se ao longo do topo. Eles o viram saltando e ouviram seus cacarejos desvanecendo conforme se tornava uma silhueta contra a luz em tons róseos da aurora.

Rose baixou a cabeça.

– É isso aí – soluçou ela. – Acho que podemos ir para casa.

Capítulo 15
Um desafio incomum

Naquela manhã, Rose entrou no centro de exposições e encontrou tudo reorganizado. Todas as cozinhas empoeiradas haviam sido esvaziadas, deixando o vasto salão livre, exceto por duas cozinhas que ficavam cara a cara: a dela e a de Lily.

Os balcões que revestiam as laterais do salão transbordavam de curiosos membros da plateia, mas ninguém ficou no piso do centro além de Rose e Ty, Lily e Jeremius e cerca de vinte e cinco homens e mulheres com câmeras e microfones em hastes e infinitos rolos de fios de cores vivas.

Do outro lado do corredor, Lily vestia seu típico vestido de noite preto. Os falsos cabelos pretos caíam em cachos perfeitos, como uma princesa de desenho animado.

Rose pôde ver o próprio reflexo em uma das panelas brilhantes no fogão de Lily: seus cabelos finos estavam sujos e oleosos, e ela os tinha puxado para trás em um rabo de cavalo desleixado. Parecia que não dormia há dias, e seu blusão verde com capuz estava coberto de manchas de massa seca no peito e nas mangas, cheirando a ovo velho e chocolate.

Mas Rose não estava preocupada com sua aparência naquele momento em especial; estava preocupada com o que ela dispunha para trabalhar durante a competição: basicamente nada.

Rose apoiou-se no balcão, tonta de desespero. A missão da noite passada para recuperar o Tomo fora uma confusão terrível e a deixara em frangalhos – tudo porque ela não confiava em si mesma para conseguir vencer na categoria *Wild Card*. Agora tinha certeza de que perderia. Jeremius fugira com todos

os ingredientes especiais. Não havia nenhum jeito de um bom produto comum de confeitaria vencer um dos mágicos de Lily, especialmente se fossem infundidos com o Ingrediente Mágico.

Lily acenou para Rose, depois ergueu uma pequena gaiola de arame. Em um canto da gaiola tremia um pequeno camundongo cinza, enrolado feito uma bola.

– Jacques! – exclamou Rose.

– Ah, é esse o nome dele? – riu Lily. – Engenhoso, arrumar um camundongo como espião. Mas, infelizmente, ele tem uma fraqueza por Camembert. Coloquei um pedaço nesta gaiola decorativa, e ele não conseguiu resistir.

Lily pôs a gaiola sobre a prateleira da despensa de ingredientes e limpou as mãos na saia. – Nojento – murmurou ela.

Nesse momento, os lustres enormes que pendiam do teto do centro de exposições escureceram. Um sinistro rufar de tambores encheu a sala, e então as luzes brilharam, revelando o rotundo mestre de confeitaria ao microfone.

– Esta é a contagem regressiva final! – urrou ele. – Ficaram duas competidoras: Lily Le Fay, extraordinária *chef* celebridade, e Rosemary Bliss, uma criança. – O aplauso foi ensurdecedor.

Rose não pôde deixar de olhar para o corredor na cozinha de Lily. Ao longo de sua carreira, Lily cometera todas as baixezas, vilanias e trapaças que podia para exterminar qualquer pessoa que lhe cruzasse o caminho e agora estava prestes a eliminar Rose.

Jean-Pierre soltou um suspiro hesitante no microfone.

– Agora gostaria de dizer uma palavra sobre Lily Le Fay. – Ele parou um minuto para limpar o canto do olho. – Vou fazer o meu melhor para conter as lágrimas, mas não prometo nada.

Uma tela branca do tamanho da parede do ginásio inteiro da Escola Média de Calamity Falls desceu do teto, e uma canção de Celine Dion começou a tocar ao fundo. Imagens do desempenho de Lily ao longo dos últimos quatro dias começaram a surgir na tela, cada instantâneo mais elaborado e perfeito que o último.

– Lily Le Fay é simplesmente uma mestra – prosseguiu Jean-Pierre. – Seus pratos são como presentes embrulhados profissionalmente: brilhantes, coloridos e repletos de surpresas maravilhosas, e a própria Lily é como um presente também. Entre seu programa de televisão e seus livros de receitas, os batedores, tigelas, espátulas e batedeiras patenteados, Lily conquistou o mundo das celebridades em confeitaria. Parece que nada vai detê-la.

A multidão irrompeu em um tsunami de aplausos. O show de *slides* terminou com a foto de uma sorridente Lily lambendo um montinho de chantili de seu dedo.

“Podemos chegar ao anúncio da categoria, já?”, pensou Rose, batendo o pé em uma das lajotas do piso da cozinha.

– E então há, naturalmente, a jovem Srta. Bliss. – As lágrimas de Jean-Pierre deixaram de correr enquanto ele coçava as espessas cerdas debaixo do nariz. – Durante seu tempo aqui, a Srta. Bliss criou

um *cookie* enegrecido, uma bola de laranja, um bolo sopro de anjo e um pão de banana. Ela foi auxiliada pelo muito atraente irmão mais velho, Thyme, que passou boa parte da competição sorrindo para as câmeras. Hoje, ela parece não ter penteado os cabelos ou trocado seu blusão, o que não é tão surpreendente, já que ela é estudante do ensino médio.

"É isso aí", pensou Rose, começando a desatar o avental. *"Vou embora."*

– Eu nunca suspeitei que a jovem Rosemary sobrevivesse ao primeiro dia de competição – prosseguiu Jean-Pierre. – E, de fato, seu *cookie* enegrecido foi por um triz. Mas, então, imagine minha surpresa ao provar a bola laranja, o bolo sopro de anjo e seu pão de banana e descobrir que nunca fiquei tão satisfeito em minha vida, tão encantado, tão tocado... por um simples item de confeitaria.

Rose parou de remexer as tiras do avental quando seu estômago saltou na garganta. *"Jean-Pierre Jeanpierre, o juiz mais famoso do mundo em produtos de confeitaria, nunca ficou tão satisfeito como quando comeu o meu pão de banana?"*

– Observei Rosemary trabalhando ao longo da semana. Não só seu foco, equilíbrio e aptidão técnica rivalizam com os de profissionais experientes, mas ela também cozinha com certo nível de... nós poderíamos chamar de graça. Graça humilde.

"Graça humilde?", pensou Rose, emudecida de surpresa.

O *chef* mestre continuou.

– Eu reconheço uma qualidade nela que apenas uma pessoa possui, e essa pessoa sou eu mesmo: é a qualidade de ter nascido para cozinhar.

Rose engoliu em seco. *"Talvez eu possa ganhar"*, pensou ela. *"Talvez não tenha a ver com quem tem os melhores ingredientes, ou mais ajuda mágica e tudo o mais. Talvez tenha a ver com quem é mais apaixonado pela culinária e ajude as pessoas a se sentir melhor."*

Então, novamente, talvez a paixão só não seja suficiente.

– E agora vamos ao tema surpresa do dia – anunciou Jean-Pierre.

"Lá vem."

Fosse qual fosse o tema – EM FLOCOS, ou MASSUDO, ou CRU, ou QUEIMADO, ou RANÇOSO, ou qualquer coisa bizarra que Jean-Pierre tivesse sonhado em seu sono assistido-pelo-bolo-sopro-de-anjo –, Rose seria totalmente incapaz de fazer um prato que pudesse se comparar ao de Lily. Ela não tinha nada mágico à sua disposição, nem mesmo uma risada de menina ou o primeiro vento de outono. O Anão do Sono Perpétuo dormia em outro lugar, e o rubor de uma rainha verdadeira desaparecera na noite.

– O tema é GRÃOS INCOMUNS.

A sala irrompeu em sussurros e suspiros enquanto o público nos balcões expressava sua surpresa.

– Vocês terão uma hora para se reunir e planejar, como sempre, e então a hora culinária mais importante de sua vida vai começar. Agora vão. Aventurem-se em sua imaginação.

O *chef* careca deixou o palco, e os balcões começaram a se esvaziar. Rose recostou-se no balcão. O que ela iria fazer?

– Ai, cara, *mi hermana* – disse Ty. – Você não parece tão bem. Você precisa lavar o rosto. Seus olhos estão úmidos.

Rose ia limpar o rosto com a manga do blusão, mas bem naquele momento Balthazar apareceu e lhe puxou o braço.

– Deixe como está! – exclamou ele, depositando a bolsa de tapeçaria de brocado que carregava e abrindo-a.

– Vovô Balthazar – implorou Rose –, o que eu devo fazer? Jeremius tomou todos os nossos Ingredientes Mágicos!

Balthazar tirou um tubo de ensaio da bolsa de tapeçaria e segurou-o sob as pálpebras de Rose, que transbordavam como o topo de uma fonte. Algumas das lágrimas foram coletadas no fundo do tubo de ensaio. Balthazar enfiou uma rolha nele e o entregou a Ty.

– Para que isso? – indagou Ty, apertando cautelosamente o frasco de lágrimas entre as pontas de seu polegar e indicador, como se estivesse cheio de plutônio.

– Vou explicar – grunhiu Balthazar, que então se virou para Rose.

– Você vai fazer polenta – disse ele com naturalidade. – Lembra-se da polenta que eu mostrei no México? Basta fazer aquilo. Você bate o fubá em uma panela com água fervente. Adicione mel, depois um raminho de alecrim, então você acrescenta...

– O arroto do sapo-boi inchado, eu sei – completou Rose. Mas não temos sapo-boi inchado.

Lily deve ter ouvido, pois ela sussurrou do outro lado do corredor:

– *Psiu*. Rose. Você quer dizer *este* sapo-boi inchado?

A tia se escondeu atrás de sua tábua de cortar por um momento. Ao se levantar, segurava um pote azul de vidro com o mesmo anfíbio desconfortável que Rose tinha visto no México, inclinado tristemente contra a lateral do frasco, segurando a barriga.

Rose só pôde olhar boquiaberta, enquanto Lily ria e tirava o pote de sua vista.

– Você seria tão legal se não fosse tão malvada, *El Tiablo*! – vociferou Ty.

Rose virou-se para Balthazar, os olhos novamente cheios de lágrimas.

– Venha cá – disse ele em voz baixa, colocando o braço ao redor dela e desviando-a para longe das câmeras sempre vigilantes.

– Você sabe que eu não sou um sentimentaloide – disse ele em seu ouvido. – Mas você... é muito boa, Rose. Estudei todas as receitas que a família Bliss escreveu, a vida de cada confeiteiro mágico que a família Bliss já gerou, e você é uma das mais especiais. Você poderia inventar grandes coisas. Hoje você vai fazer a melhor polenta que já fez. Coloque amor nela. Esse é o Ingrediente Mágico de verdade que você tem de sobra.

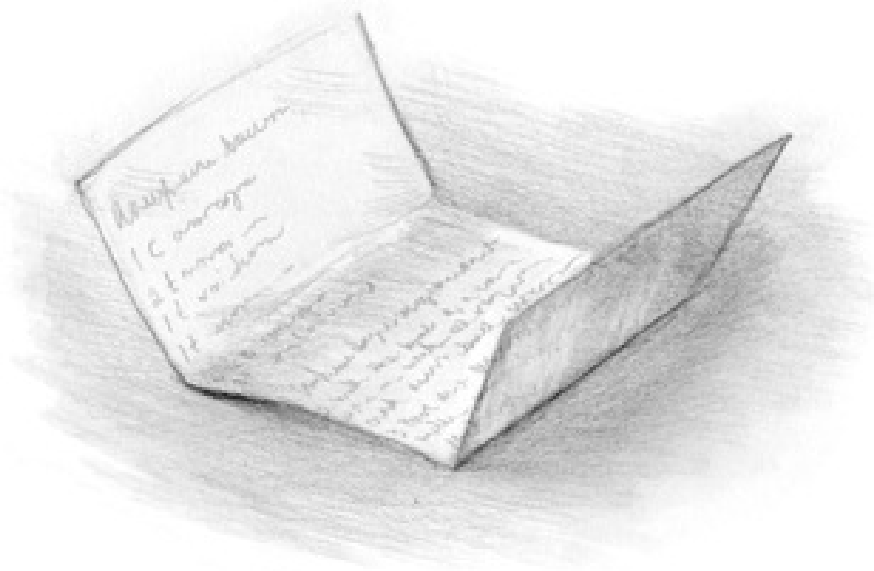
– Mas Lily... – Rose falou, lutando contra as lágrimas. – Ela...

Balthazar meneou a cabeça.

– Não importa o que acontecer hoje, eu lamento dizer que Lily vai acabar por destruir a si mesma. Esse

tipo de ambição destruiu civilizações. Fique na boa.

– Então, eu só faço a polenta, sem nada de especial nela? – repetiu Rose, limpando o nariz com a manga. Balthazar concordou com a cabeça.

– Isso mesmo – disse ele. – E sabe o que mais? As coisas têm uma maneira de se transformar em especial bem quando você precisa que seja assim.

Capítulo 16
Lágrimas de uma Rose

Enquanto Balthazar e Rose reviam a receita da polenta mais uma vez, Jean-Pierre Jeanpierre voltou ao salão.

Balthazar deu um beijo na bochecha de Rose e começou a voltar para o balcão, quando Jean-Pierre se aproximou do microfone no palco do *cupcake*.

– Vocês terão uma hora para assar – avisou Jean-Pierre animado. – Sejam ousadas. Este é o seu momento final. Como dizemos em Paris, *bonne chance*.

O enorme temporizador de parede para os preparos começou seu sinistro tique-taque; Rose foi até a prateleira da despensa e começou a recolher o que precisava. Balthazar havia tirado Ty de perto e lhe sussurrava algumas coisas, provavelmente sobre como limpar Rose do chão depois que a perda a transformasse em uma poça de lágrimas de desespero.

Rose estava sozinha – sem o Tomo, sem Ingredientes Mágicos. Parecia que ela flutuava de costas no meio de um vasto lago índigo, os ouvidos submersos na água, de modo que tudo que conseguia ouvir era o som do próprio coração. Era terrível flutuar sozinha no meio de um lago, mas ainda havia o sol, as nuvens, a copa das árvores. Sempre havia algo em que se agarrar.

Então, Rose pegou a caixa de fubá e um pote de mel; depois, pé ante pé, acabou por se postar diante do fogão. Ela mediu uma xícara de água em uma panela pequena, deixou a água ferver e acrescentou meia xícara de fubá, um raminho de alecrim e duas colheres de chá de mel. Enquanto mexia suavemente com

um batedor, os minúsculos fragmentos de grãos de milho seco começaram a inchar e a engrossar, em um mingau amarelo-dourado.

Rose sentiu uma grossa lágrima escorrer pelo nariz e depois a viu cair no fubá. Ao atingir a superfície do mingau, a lágrima produziu uma curiosa mancha cor de cobre brilhante.

Será que ela estava usando algum tipo de rímel bronze do qual tinha se esquecido? Por que uma lágrima transformaria o fubá em cobre? Mas a mancha logo desapareceu. Ela continuou sobre a panela, mexendo sempre, enquanto as lágrimas pingavam no mingau, criando minúsculas explosões cor de cobre a cada vez.

– Uau, *mi hermana*! Cara, que lágrimas enormes!

Rose ergueu o olhar da panela e viu Ty em pé ao seu lado, o avental amarrado certinho ao redor da cintura.

Ele olhou para o fubá no fogão.

– Como é que isso vai indo? Parece bom para mim.

– Estou quase terminando, na verdade. Mas você pode pegar uma tigela.

Ty apanhou três tigelas pequenas de cerâmica vermelha, e, usando a concha, Rose despejou a polenta nas tigelas, enfeitando cada uma com outro ramo de alecrim. Juntos, eles arrumaram as tigelas sobre a tábua de madeira, depois deram um passo atrás e observaram a cena. As tigelas pareciam simples, rústicas e absolutamente nada surpreendentes.

Do palco, Jean-Pierre bradou entusiasmado:

– Rosemary Bliss terminou faltando vinte minutos no relógio, senhoras e senhores! Que ousadia!

– Bem, Ty? – Rose riu, aliviada por ter concluído, mesmo que o que tivesse terminado fosse um fracasso. – O que vamos fazer por vinte minutos?

– Acho que podemos tentar enlouquecer *El Tiablo*.

Eles olharam para a cozinha de Lily. Ela mexia uma tigela de massa cujo brilho variava entre vermelho, azul e verde, dependendo de como se olhasse para ela.

– Sinto que já vi essa massa antes – observou Ty. – Mas onde...?

– Vermelho, azul, verde... – De repente, Rose se lembrou de ter visto aquelas cores alternadas ao lado dos painéis multicoloridos de uma colcha durante um piquenique no quintal meses atrás.

– A Torta Segure sua Língua! – sibilou Rose. – Lembra quando Lily fez aquele piquenique no quintal para nós, e então ela nos fez comer aquela torta...?

– Ela não teve que *me fazer* comê-la – disse Ty. – Ela era *gostosa*.

– Sim, mas então não conseguimos falar sobre o que ela estava fazendo. – Rose balançou a cabeça. – Não gosto disso...

Eles assistiram quando Lily pegou a caixa de seu Ingrediente Mágico da prateleira e acrescentou um punhado de pó parecido com giz à massa. Um odor acre e químico bafejou de sua cozinha, o mesmo aroma que Rose aspirara quando ela e Purdy testaram pela primeira vez as propriedades do Ingrediente

Mágico.

– É isso – murmurou Rose. – A Torta Segure sua Língua combinada com o Ingrediente Mágico de Lily. Uma fará Jean-Pierre achar que Lily é ótima, e o outro vai impedi-lo de falar sobre qualquer outra coisa que ele possa provar, inclusive a nossa polenta. Estamos perdidos!

– Não, ainda tenho esperança – afirmou Ty. – Ela nem está cozinhando com um grão incomum. Ela está ignorando as regras completamente.

– Você está certo – confirmou Rose. – Podemos ter uma chance, afinal, se Jean-Pierre experimentar nosso prato primeiro.

Lily puxou a torta do forno. Ela terminou arrumando folhinhas de hortelã sobre sua fatia de torta bem quando o temporizador tocou.

Jean-Pierre veio manquitolando pelo corredor preto e branco na direção das duas cozinhas, enquanto a orquestra tocava uma marcha da coroação. Em honra da ocasião, o *chef* mestre vestia uma capa de veludo vermelho com beirada de visom com uma cauda de dez metros que Flaurabelle segurava atrás dele.

Ele parou entre Rose e Lily, entre a torta mágica e a polenta bem comum, e olhou de lado a lado.

– Qual vou provar primeiro? – murmurou para si mesmo.

Rose cravou suas unhas esfarrapadas e roídas no braço de Ty. Ele bateu na mão dela, para tirá-las.

– Cuidado com a minha pele, *mujer*! Eu só tenho uma!

– Vou jogar uma moeda! – concluiu Jean-Pierre. – Flaurabelle? A moeda oficial, por favor!

Flaurabelle franziu os lábios vermelhos enquanto a fisgava na bolsa, puxando enfim uma moeda de cobre fino e entregando-a a Jean-Pierre.

Jean-Pierre virou-se para Lily.

– Vou deixar a mais velha das duas finalistas escolher.

– Você está me chamando de *velha*, Jean-Pierre? – perguntou Lily timidamente.

– Ha! Ha! – O *chef* mestre riu. – Por favor, escolha um dos lados, Srta. Le Fay.

– Ora, cara, é claro! – Ela piscou.

Jean-Pierre jogou a moeda para o alto.

– Quem ganhar vai ter a primeira degustação!

A moeda caiu com coroa para cima.

– A degustação terá início em cinco minutos – proclamou Jean-Pierre, consultando o temporizador.

– Ei – disse Sage. A família se reunira na cozinha de Rose para aguardar o veredicto. – Alguém de vocês viu Gus? Ele não estava à vista esta manhã, e ainda não apareceu.

Rose balançou a cabeça.

– Estou muito preocupado com ele – prosseguiu Sage. – Ele é meu mentor.

– Ei! – reclamou Ty. – Pensei que *eu* fosse o seu mentor!

Sage sorriu para o irmão mais velho.

– *Sério*?

– Bem, quero dizer, não – disse Ty. – Suponho que não fomos *oficialmente* registrados como mentor e protegido, mas você sempre pode observar meu comportamento e roubar meus truques.

Ignorando Ty e Sage, Purdy agarrou o braço de Rose, enquanto Albert lhe acariciava a cabeça.

– Você foi ótima, querida – elogiou Purdy.

– Não fui ótima – retrucou Rose. – Não fiz muita coisa. Preparei polenta.

– Mas aposto que está muito boa. Parecia bem lisinha. Nem precisei despejar estas – Ty disse, segurando o frasco de lágrimas de Rose que Balthazar tinha lhe entregado mais cedo.

– Ela chorou bastante dentro dela. Tipo, seis lágrimas grandonas, pelo menos.

– E a polenta teve pequenas explosões cor de cobre quando as lágrimas a atingiram? – perguntou Balthazar. Rose acenou com a cabeça, confusa. O que era isso tudo, o choro na massa?

– Admirável! – exclamou Balthazar. – Lágrimas dos puros de coração. – Balthazar sorriu. – Eu disse a Ty para adicionar as lágrimas, mas não podia dizer o que eram, Rose, porque isso teria estragado tudo. Lágrimas dos puros de coração são coisas poderosas. Olhe para isso!

Balthazar tirou uma folha de papel amassado do bolso de trás e entregou-a a Rose.

– Traduzi isto quando você estava cozinhando.

Lágrimas dos Puros de Coração,
um Aditivo Mágico para qualquer Item Assado.
Tendem a produzir uma
Reviravolta Milagrosa nos Eventos.

Foi em 1516, na cidade britânica de Bristol, que a jovem Heather Bliss envolveu-se em uma batalha feroz contra seu inimigo, o temível alemão Maximilian Fronk, um chefe militar. Ele fez uma trégua com os líderes da cidade, mas a jovem Heather, desconfiada de suas intenções, convenceu seus doze irmãos a lançar um ataque surpresa contra Maximilian, no qual seu irmão mais velho, Everett, foi mortalmente ferido.

Ela se pôs a preparar seu mingau favorito, para confortá-lo enquanto ele sangrava, e chorou dentro da panela. As lágrimas mancharam o mingau de cobre brilhante, e, quando Everett comeu da tigela, suas feridas se fecharam.

Rose começou a chorar novamente ao ler a história da ancestral Heather Bliss, que tentara desesperadamente proteger sua cidade e só acabou piorando as coisas. Como a história se repete...

Mas será que as lágrimas de Rose seriam tão milagrosas a ponto de superar a poderosa combinação de uma Torta Segure sua Língua com o Ingrediente Mágico de Lily?

Então houve um estrondo e um grito do outro lado do corredor.

– Meu camundongo! – Lily gritou. – Esse gato roubou meu rato!

Rose virou-se e viu a gaiola sobre a estante da despensa de Lily vazia, com a minúscula porta aberta. Gus estava diante da gaiola, segurando Jacques na boca.

– Gus! – exclamou Sage. – Não o coma!

Gus olhou para Sage e piscou, e Jacques sinalizou-lhe um alegre polegar para cima. Enquanto Lily pegava uma vassoura, Gus saltou para o chão e galopou pelo corredor central do cômodo, desaparecendo pelas portas justamente quando Jean-Pierre caminhava de volta para dentro. Rose não teria pensado que o gato gordo conseguisse se movimentar tão rápido.

– Jean-Pierre! – gritou Lily. – O gato sem orelhas roubou meu camundongo!

– Ai, meu Deus! – falou Jean-Pierre. – Suponho que o gato esteja fazendo um favor a todos nós, pois camundongos não têm lugar em uma cozinha. Nem gatos. Boa viagem para os dois!

– Mas... – protestou Lily.

– Sem mas – concluiu Jean-Pierre, prosseguindo seu caminho até o corredor. – Vamos iniciar o julgamento.

Capítulo 17
Gravado em fita

Marco colocou delicadamente as tigelas de polenta pronta de Rose em uma bandeja de prata, como se fossem cristal. As fatias da torta de Lily, ele pôs em outra bandeja, depois ergueu vagarosamente as bandejas acima dos ombros, uma de cada lado. Equilibrando as duas com cuidado, virou-se e caminhou pelo corredor em preto e branco até o palco.

Marco ajeitou as bandejas de prata sobre uma mesa de banquete gigante ao lado do microfone. Jean-Pierre sentou-se e colocou um guardanapo sobre o peito, então pegou uma faca e um garfo nos punhos suados e ansiosos. Os olhos do *chef* mestre se arregalaram de alegria à visão da Torta Segure sua Língua de Lily; se arregalaram também em confusão com a visão do simples mingau de milho de Rose.

– Vou começar com a sobremesa da Srta. Bliss, conforme determinado por nossa moeda – começou Jean-Pierre. – A Srta. Bliss parece ter feito... uma tigela de mingau amarelo. – Ele mergulhou uma colher na tigela de polenta de Rose. – As maravilhas nunca acabarão? Eu digo "Faça a sobremesa mais requintada que o mundo já viu", e a criança faz mingau! Mas, conhecendo-a bem, provavelmente ela vai conseguir abalar a terra, ou algo dessa natureza.

Com grande pompa, o *chef* mestre ergueu a colherada de polenta e a colocou na boca. Ele a revolveu na boca, pensativo, engoliu, depois lambeu a colher até limpá-la; fechando os olhos, apertou a mão no peito.

– Eu... Eu não sei o que está acontecendo comigo. Meu coração está inchando. – Ele olhou para a

colher vazia que brilhava sob a luz implacável das câmeras. – O que acabei de comer?

Ele deu outra mordida apressada na polenta, depois outra, mais outra, até que finalmente ergueu a tigela inteira à boca e sorveu tudo o que restava.

Abaixou a tigela, de olhos fechados, e suspirou de contentamento.

– Ah, Srta. Bliss – disse ele. – Outra receita requintada.

Rose soltou um suspiro de alívio total. As lágrimas dos puros de coração podem não ser milagrosas o bastante para vencer a Torta Segure sua Língua afiada da Lily, mas conseguiram transformar uma tigela comum de fubá em algo que Jean-Pierre achou especial. Ele olhou para Rose e sorriu.

– Você vai me contar qual é o seu segredo?

Rose deu de ombros com timidez, em busca de uma resposta verdadeira para a questão. É claro que ela não podia dizer "Minhas lágrimas foram mágicas", porque havia pelo menos dez câmeras apontadas para seu rosto. A verdade é que o segredo dela era sua família, não apenas o amor e apoio dos irmãos, da irmã e dos pais, mas de seus antepassados e de toda a matriz de antigas tradições e das lições que tinham sido escritas no Tomo. Seu segredo era a história poderosa de sua família. Aquela história significava tudo para Rose, e ela a queria de volta.

– Minha família cozinha há muito tempo – disse ela, arfando. – Há séculos. Só estou seguindo seus passos.

Jean-Pierre piscou para ela.

– Claro que sim – respondeu ele. – Eu entendo.

Ele voltou sua atenção para a torta de Lily, virando o prato de um lado a outro, hipnotizado pelo arco-íris cintilante dentro.

– E agora vou provar a criação da Srta. Le Fay.

Jean-Pierre virou-se para a Torta Segure sua Língua. A torta não poderia impedi-lo de dizer coisas agradáveis sobre a polenta de Rose, pois ele já as dissera, mas a magia da torta era tão poderosa que poderia fazê-lo esquecer totalmente que ele dissera aquelas coisas boas. Jean-Pierre engoliu uma garfada da torta.

– Ai, ai... – exclamou Jean-Pierre, seus olhos de repente ficaram vidrados e escuros, sua voz, robótica. – Ai, como isto é bom. Nham, hum, nham. Hum, nham, HUM, nham, hummm, isto é bom. A princesa das tortas conseguiu novamente. Inacreditável.

– Verdade? – perguntou Lily, apertando as mãos juntas e pressionando-as no peito. – Fico muito feliz!

Rose olhou para a mãe e revirou os olhos. O Ingrediente Mágico de Lily funcionara novamente.

Lily estava com Jeremius diante de Rose e de sua família. No palco acima deles pairava o troféu da Gala, um batedor de prata com não menos que dois metros e dez de altura. Havia uma placa na base que dizia: 78ª GALA DES GÂTEAUX GRANDS. GRANDE VENCEDOR DO PRÊMIO. MESTRE DO FORNO.

Jean-Pierre largou o garfo e se recostou, acariciando a barriga rotunda. Lily bateu os cílios para Jean-

Pierre.

– Bem, não pare de comer *agora*! Há muito mais torta a ser apreciada!

– Experimentei o suficiente para saber que a sua torta é a melhor que eu já provei – respondeu Jean-Pierre.

O *chef* mestre juntou os dedos e olhou para longe enquanto contemplava sua decisão. As centenas de espectadores nos balcões acima prenderam a respiração coletiva em antecipação. Rose olhou para o chão em desespero. Parecia que apenas uma mordida na torta fora poderosa o suficiente para conquistar Jean-Pierre. Não era justo. Lily era mentirosa e trapaceira. Rose, entretanto, também tinha feito sua parte justa de mentiras e trapaças naquela semana.

Será que as trapaças de Lily eram muito piores que as de Rose por ela ter começado tudo? Ou será que realmente não importava quem começou? De qualquer forma, o Tomo de Culinária Bliss se fora. Com um enrolar em seu bigode, Jean-Pierre levantou-se e caminhou até o microfone.

– Mas a torta não é tão excelente quanto a polenta da Srta. Rosemary Bliss! A Srta. Bliss é a vencedora da septuagésima oitava Gala des Gâteaux Grands!

A multidão irrompeu em gritos e aplausos, mas Rose estava tão estupefata pelo anúncio do *chef* mestre que não conseguia ouvir. Ela sentiu como se estivesse caindo através de um longo túnel, ou melhor, elevando-se por ele. Ela ganhara o Tomo de volta e o fizera sem trapaças – conquistou–o com sinceridade, a sinceridade de suas lágrimas.

– Parabéns, *mi hermana*! – começou Ty. Ele abraçou Rose, enquanto sua família se aglomerava ao redor deles. Albert içou Rose sobre os ombros.

– Você conseguiu! – gritou ele, desfilando Rose em torno do centro de exposições, ao mesmo tempo que os espectadores lotavam o piso.

Corando de vergonha, incapaz de parar de sorrir, Rose olhou de volta para a cozinha e viu Ty e Sage bater palmas no alto, enquanto Purdy dava um beijo na bochecha murcha de Balthazar. Miriam e Muriel desceram correndo do balcão e lascaram um beijo em cada uma das bochechas de Ty.

Quando Albert carregava Rose acima da multidão que celebrava, câmeras seguiam cada movimento dela, centenas de *flashes* piscavam, mas ela ignorou a todos. Rose não conseguia parar de olhar para a alegria no rosto de sua mãe, a maneira como seus irmãos se abraçavam, a forma como seu pai foi pulando sem esforço em volta da sala, como se pudesse carregá-la para sempre.

Rose ergueu o olhar para Lily. Sua tia parecia atordoada, como se não conseguisse acreditar no que estava acontecendo mais do que Rose podia. E Rose teve pena da tia por um momento. Rose tinha mãe, pai, irmãos e uma irmã e um tata-tata-tataravô que a amavam, sem se esquecer do gato e de um camundongo dedicado. Mesmo que Rose tivesse perdido, eles estariam lá para apoiá-la. Lily não tinha ninguém, exceto o encarquilhado Jeremius, que naquele momento zangava-se com Lily, balançando a cabeça. Lily pagava as pessoas para amá-la, envenenava-as para amá-la, mas agora que ela tinha perdido e teria que parar de vender o Ingrediente Mágico de Lily – pelo menos de acordo com as regras do

Rugelach Não-Renegue-Nada.

Enquanto Rose observava, Lily voltou ao “modo de atuação”. Ela colou seu sorriso habitual no rosto e correu para Rose. Ergueu a mão, e Rose estendeu a dela e a apertou.

– Parabéns! – disse Lily. – Ah, você foi *maravilhosa*!

Rose desceu dos ombros do pai, enquanto Ty se apressava.

– Tudo bem, *El Tiablo* – disse ele. – Passe para cá!

– Passar o quê? – indagou Lily inocentemente. Ela se virou para as câmeras com um sorriso e deu de ombros.

– O Tomo de Culinária! – gritou Sage. – Foi esse o acordo! Nós vencemos, você nos devolve o Tomo!

– É isso mesmo, sua bruxa! – berrou Miriam. – Dê a eles o que é deles!

Lily virou-se para dizer algo para Jeremius, e Sage tirou o gravador do bolso e o colocou dentro do capuz do blusão de Rose.

– O que você está fazendo? – perguntou Rose.

– Confie em mim – disse ele, piscando para a irmã mais velha.

Lily se voltou para os Bliss.

– Ahhhh, *aquele* Tomo de Culinária! – Dirigindo-se às câmeras, ela disse: – Eu prometi a essas crianças que, se ganhassem, eu daria a elas uma cópia autografada do antigo livro de receitas da minha família.

Lily ergueu a mão. Jeremius pegou uma sacola de brocado dependurada no ombro e tirou um volume grosso com capa de couro marrom: o Tomo de Culinária Bliss.

Rose pensou que era a coisa mais linda que já tinha visto. Ela pegou o Tomo de Jeremius e o segurou perto do peito. Lily colocou o braço em torno de Rose e se virou para as câmeras, seu imenso sorriso branco brilhando à luz. Sorrindo e acenando com a cabeça o tempo todo, Lily inclinou-se e sussurrou no ouvido de Rose.

– Aproveite enquanto pode, porque eu vou conseguir o Tomo de volta.

– *Roubá-lo* novamente, você quer dizer – disse Rose.

– Não é *roubar*. Só estou fazendo o que tenho que fazer para chegar onde eu quero chegar. Você não parece querer chegar a lugar algum. E isso faz de você uma perdedora, Rose. Você pode ter ganhado a competição de hoje, mas sempre será uma perdedora.

– Você não pode simplesmente ficar satisfeita com o seu programa? – sussurrou Rose. – Você já conseguiu o que queria. Agora, o mundo inteiro sabe quem você é.

– Não é o suficiente – sibilou Lily através de seu sorriso. – Jamais será o suficiente.

Sage aproximou-se do capuz do blusão de Lily e tirou o gravador, depois se meteu entre Rose e Lily.

– O que que você estava dizendo, tia Lily? – perguntou ele, sorrindo para as câmeras.

– Eu estava dizendo como fiquei impressionada com a sua habilidade! – respondeu Lily, também sorrindo para as câmeras.

– Verdade? – ironizou Sage, rebobinando a fita do gravador. – Porque eu pensei que tinha ouvido você dizer *isto*!

Sage levou o gravador até o microfone peludo cinza balançando acima e pressionou PLAY.

– E isso faz de você uma perdedora, Rose. – A voz de Lily fluiu através do alto-falante do minúsculo aparelho. – Você pode ter ganhado a competição de hoje, mas sempre será uma perdedora.

A multidão, perto o suficiente para ouvir, silenciou, surpresa; os operadores de câmera levantaram os olhos de suas lentes em estado de choque.

– Eu estava brincando! – gritou Lily para o silêncio repentino. – Ninguém entende sarcasmo? – Lily se virou para as câmeras. – Telespectadores, esta jovem é incrivelmente talentosa, e obviamente uma vencedora! Vou até convidá-la para o meu programa se ela quiser! Ela poderia ser minha assistente! – Lily se virou para Rose. – Você gostaria disso?

– Não, obrigada – respondeu Rose.

Um jovem repórter com um paletó que pendia frouxo sobre os ombros magros cutucou Lily para ela sair do caminho e falou para a câmera, uma mão segurando um microfone e a outra pressionando seu fone de ouvido.

– Brent Highland, KRF News. Isto acaba de acontecer, telespectadores! A vice-campeã da Gala, Lily Le Fay, foi oficialmente malvada com a adorável Rosemary Bliss, de doze anos, dizendo que ela “será sempre uma perdedora”.

Lily olhou, horrorizada, para o jovem repórter, então entrou em ação, jogando-o ao chão como um leão atacando uma gazela. Dois seguranças empurraram a multidão e prenderam Lily pelos cotovelos. Enquanto Lily gritava e se debatia, eles a arrastaram pela multidão e pelas portas do centro de exposições, com Jeremius em seu encalço.

Rose estendeu a mão e ajudou o jovem repórter a se erguer. Ele ajeitou a frente do paletó e pegou o microfone.

– Estou aqui com a vencedora da septuagésima oitava Gala des Gâteaux Grands anual e a mais jovem vencedora da história da Gala: Rosemary Bliss, de doze anos de idade.

Ela respirou fundo e sorriu para a câmera.

– Oi – disse ela.

– Agora, Rosemary – começou o repórter –, como você é tão jovem, a sua vitória pode ter sido um choque para alguns. Você esperava vencer?

– De jeito nenhum – disse Rose. – Muitas vezes pensei que estava frita.

– Parte da surpresa de Jean-Pierre Jeanpierre foi a simplicidade de suas receitas – prosseguiu Brent. – Foi uma estratégia proposital de sua parte?

– Bem, não – disse Rose, pensando a respeito. – Nós só... temos algumas antigas receitas familiares que são simples, mas muito deliciosas.

– E onde os telespectadores podem encontrar essas receitas simplesmente deliciosas? – quis saber

Brent.

Rose riu.

– Receio que elas vão ter que permanecer em segredo. Mas você pode encontrá-las na Confeitaria Siga Seu Deleite, em Calamity Falls, Indiana, ou na La Panadería Bliss, em Llano Grande, no México.

Mas o repórter olhava atrás dela. Rose virou-se e viu Ty olhando para a câmera, alternando entre "Queima Lenta" e "O Sensível Mecânico de Autos".

O repórter parecia confuso.

– Ele está bem?

– Ah, ele está bem. – Rose riu, colocando o braço em torno de Ty e arrastando-o para a frente. – Este é meu irmão mais velho, Thyme. Ele não é apenas a pessoa mais linda que eu conheço, mas também a mais útil.

Ty sorriu timidamente.

– Obrigado, *mi hermana*. – Você também não é de todo ruim.

Sage os observava de lado, olhando para a câmera com ciúmes, então Rose se aproximou e o puxou à vista. – E este é o nosso irmão mais novo, Sage, que é indispensável em uma situação enrolada.

– Que tal Paris, Sage? – perguntou Brent, segurando o microfone.

– Achei que foi *Sena*-sacional – disse Sage com uma piscadela. Ele pegou o microfone. – Mas, falando sério, que cidade. *Eiffelnomenal* no Louvre com ela. Não há lugar no uni-*Versailles* onde eu mais gostaria de estar.

Brent arrancou o microfone de volta.

– Trocadilhos! Engraçadinho! Rose, você tem algumas palavras para os jovens aspirantes a confeiteiros por aí?

Rose pensou um minuto.

– Bem, você deve ficar firme, mesmo após fracassar, mas ficar firme é muito mais fácil se você tiver uma família que acredite em você.

Rose se virou e sorriu para a mãe e o pai.

– E agora, se você não se importa – disse ela –, estamos todos com muita fome, e vamos sair para almoçar.

Os cinegrafistas largaram as câmeras e começaram a arrumar seu equipamento. Brent apertou a mão de Rose.

– Ótimo trabalho, Srta. Bliss. É o seu dom.

– Dom, isso mesmo! – O cheiro de colônia e óleo de bronzear flutuou de trás das câmeras, enquanto Joel e Kyle, os produtores de *A Magia de Lily em 30 minutos*, se inclinaram para beijar o ar em cada lado do rosto de Rose.

– Uau! – disse Joel. – Tudo que posso dizer é: *U-A-U*. Você arrasou lá!

Sem tirar os olhos de seu celular, Kyle disse: – Os Estados Unidos amam você.

– O que você acha de *Confeitando com Bliss*? – perguntou Joel.

– O que é *Confeitando com Bliss*? – repetiu Rose, sua cabeça rodopiando com o cheiro de perfume.

– O seu programa de TV, é claro! – explicou Joel. – O futuro de *A Magia de Lily em 30 minutos* é incerto; já estava ficando cansativo, de qualquer maneira. Estamos tentando preencher o espaço com algo fantástico, algo fresco, algo completamente inesperado, que é você!

“Meu próprio programa de TV?”, pensou Rose, atordoada. O que ela teria para falar em um programa de TV? Ela só sabia como preparar receitas mágicas em uma pequena confeitaria.

– Não sei o que dizer – respondeu ela com sinceridade. – É claro que estar na televisão seria emocionante, mas não significaria gastar todo o tempo longe de sua família e da confeitaria? – Acho que preciso pensar a respeito – ponderou ela.

Brent apertou a mão de Rose.

– Ligue para a gente quando estiver pronta para ser uma estrela.

Rose voltou para sua família. Albert abraçou-a junto com todos e lhe deu um tapinha nas costas.

– Vamos deixar o Tomo de Culinária no hotel – disse ele. – Depois, vamos nos esbaldar.

Duas horas depois, Rose estava estufada até a tampa com um jantar de *quiche lorraine*, *sole meunière* e *cassoulet*. Ela, os irmãos e seu tata-tata-tataravô pegaram o elevador para a suíte familiar com as gêmeas Desjardins. Purdy e Albert ficaram no térreo para fechar as contas do Hôtel de Notre Dame e enviaram Balthazar e as crianças à frente para arrumar as malas.

– Acho que eu vou morrer – disse Sage, tropeçando ao longo do corredor acarpetado em direção à suíte familiar dos Bliss. – Nunca comi tanto na vida. E sempre comi muito minha vida inteira.

Ty não disse nada – apenas arrotou e deu um tapinha no peito com o punho. – Desculpe–me, *muchachas* – disse ele. Miriam e Muriel pararam diante de seu quarto.

– Bem – disse Muriel, suspirando –, acho que agora é tchau mesmo.

Ty alisou o cabelo.

– Vão indo na frente, pessoal. Eu tenho que me despedir de minhas novas amigas.

Todos deram abraços e beijos nas bochechas de Miriam e Muriel, depois se apressaram pelo corredor em direção ao quarto, deixando Ty absorver um último momento glorioso de romance. Rose olhou para trás para ver o que Ty fazia. Será que uma das incrivelmente glamorosas gêmeas Desjardins daria um beijo em seu desajeitado irmão mais velho? Será que as duas?

– Você é maravilhoso, Ty – disse Miriam.

– Concordo – disse Muriel. – Você é um irmão maravilhoso.

Ty apressadamente colocou um pedaço de chiclete de hortelã na boca, e então olhou, sonhador, para as gêmeas.

– Na verdade, você nos lembra muito nosso irmão mais novo, Henri – disse Miriam. – É assustador. Você parece tanto com ele! É por isso que gostamos tanto de você.

– Você é uma graça... assim como ele! – disse Muriel. – Sabemos muito bem disso. Costumávamos trocar as fraldas dele.

– Olhar para você é como olhar para nosso pequeno Henri, de quem sentimos muitas saudades – prosseguiu Miriam. – Então, obrigada. Obrigada por nos fazer lembrar nosso irmão. E obrigada por nos deixar ser suas irmãs mais velhas esta semana.

O rosto de Ty passou de feliz a confuso e a muito deprimido, tudo em questão de segundos. Rose teria rido dele se ela não amasse tanto o irmão.

– Obrigado, acho eu – murmurou ele, enquanto as gêmeas lhe plantavam beijos exageradamente fraternais nas bochechas. Ty acenou desconsolado, depois se virou e correu em direção ao resto da família.

– Sinto muito, irmão – disse Rose, batendo-lhe nas costas. – Você vai conseguir da próxima vez.

Rose alcançou Sage, Balthazar e Leigh diante da porta da suíte da família Bliss. Ela abriu a porta da suíte e entrou na sala escura. Ouviu um farfalhar.

– Jacques, é você?

– Não! – guinchou ele, do bolso de seu blusão. – Eu estou bem aqui, lembra-se?

Rose se lançou ao interruptor de luz. Jeremius pulava para cima e para baixo sobre a poltrona, o Tomo pressionado contra o peito. Ele gargalhou e mais uma vez saltou para a janela aberta.

Capítulo 18

O gato que mexeu no vespeiro

É brincadeira! – gritou Ty. – Levamos uma semana para consegui-lo de volta!

Gus lançou-se do canguru no peito de Balthazar, saltou no ar como um herói de ação com capa e pousou na cabeça de Jeremius.

Jeremius cambaleou, confuso, então finalmente golpeou Gus para o outro lado da sala e pulou para fora da janela. Eles observaram Jeremius saltar para o telhado do lado, carregando o Tomo tarde afora.

– Não! – gritou Sage. Ele se virou para Rose com lágrimas nos olhos. – Me desculpe, Rose! Você trabalhou tanto!

– Não se preocupe, Sage – disse Rose, buscando dentro de sua mochila e puxando um livro grosso e empoeirado, encadernado em couro marrom. – O Tomo está perfeitamente seguro.

– Espere, isso é... *isso* é o Tomo? – engasgou Sage. – Então o que Jeremius acabou de roubar agora?

– O livro de Shakespeare que encontrei no meu quarto, aquele com o qual tentamos enganá-lo antes.

Sage e Ty trocaram um olhar, então Ty bateu nas costas de Rose.

– Estou impressionado! – elogiou Ty.

– Que grande tata-tata-taraneta eu tenho – disse Balthazar com orgulho. – Enganando um trapaceiro profissional.

Enquanto isso, o monte de pelo cinzento no chão gemia.

– Ninguém vai ajudar um gato Scottish Fold a ficar de joelhos? – choramingou Gus.

Jacques arrastou-se para fora do bolso do blusão de Rose, caiu no chão e correu para onde Gus estava, deitado de costas, com as patas no ar. Jacques pegou a pata dianteira de Gus e puxou-a com toda a sua força, mas o gato gorducho não se mexeu. Finalmente, Sage o recolheu e o embalou como um bebê: um bebê pesado, peludo, com olhos amarelos.

Leigh desabou no sofá.

– Eu preferia que Lily tivesse fugido com o livro de receitas – disse, imitando a voz de Rose com exatidão. – Ela certamente o teria aproveitado melhor.

Rose olhou com raiva para o demônio que amava Lily e se apossara da irmã mais nova por tempo demais.

– Tudo bem, Leigh. Já basta. Vou fazê-la voltar ao normal, de uma vez por todas.

– Gostaria de ver você tentar – zombou Leigh, usando a voz de Rose. – Vou tirar um cochilo, no qual vou sonhar com a torta maravilhosa de Lily, que deveria ter vencido o prêmio durante as festividades de hoje. – Leigh se virou com o rosto para o encosto do sofá e começou prontamente a roncar.

– Ela precisa parar com isso! – gritou Gus.

Rose jogou o Tomo no balcão de granito da cozinha e folheou as páginas. Ela adorava a sensação delas em seus dedos: macias e gastas, mas fortes e inquebráveis.

Lembrou-se do que a mãe lhe dissera meses atrás, depois de Leigh ter comido o bolo inglês contaminado:

– O que ela precisa é…

– Um Pavê Reviravê – completou Balthazar com a voz aguda, terminando a frase. Rose virou as páginas, procurando a receita.

– Por que, quando eles montaram o Tomo, ninguém se preocupou em colocá-lo em ordem alfabética? – bufou Rose.

Finalmente, mais para o meio do Tomo, Rose chegou à receita:

Pavê Reviravê,
para a Restauração do Tempo Perdido.

Foi em 1586, na malfadada colônia de Roanoke, que Sir Lionel Bliss montou este pavê para sua amada filha Hatilda, que ele desejava que parasse de crescer. O pavê reverteu a idade de Hatilda em um ano, a cada camada do doce que ela comeu. Sir Bliss montou a bagatela de dez camadas, e, após dar uma mordida, a pobre Hatilda voltou a ter dois anos de idade.

– Como é que isso vai ajudar Leigh? – questionou Sage. – Se fizermos com duas camadas de altura, ela vai desaparecer. Ou ela estará no útero da mamãe de novo, ou algo assim. Não acho que ela ia gostar disso.

– Uma camada de pavê – explicou Rose – consiste em pão de ló, frutas, creme de gema e chantili.

Então, se apenas dermos o pão de ló, ela vai voltar um quarto de ano; três meses, bem antes de comer o bolo inglês envenenado.

Sir Lionel Bliss começou seu pão de ló, colocando dois punhados de ***farinha pura como a neve*** *no centro da tigela de madeira. Ele quebrou seis* ***ovos de galinha*** *sobre a farinha, então suspendeu sobre ela seu pote de vidro, liberando* ***o ferrão de vespa antiga****.*

– Que diabos é uma vespa antiga, *Abuelo*? – indagou Ty.

– É uma vespa da floresta tropical Queztmectal, destruída por um incêndio no século XIV. Seus ferrões tinham propriedades mágicas. Restam apenas umas poucas no mundo, e eu tenho uma. Ou pelo menos eu tinha, até que aquele serzinho odioso fugiu com meus potes de vidro. Não temos como conseguir uma vespa antiga.

Gus pigarreou e, por acidente, tossiu uma bola de pelos.

– Isso não é necessariamente verdade.

– Como assim, Gus? – perguntou Balthazar, desconfiado. – Você não estava, digamos, vasculhando minhas malas, não é?

– Eu odeio essa vespa – Gus continuou. – Ela costumava dizer coisas terríveis sobre mim. Sempre que chegava perto dela, eu podia ouvi-la resmungando em voz baixa: "Gus cheira a atum. Gus lambe os próprios pés. O rabo de Gus o faz parecer um carrinho bate-bate". Um dia, não aguentei mais. Peguei o pote da prateleira e o rolei pelo chão, para a frente e para trás, como um disco de hóquei.

– Eu lhe disse um milhão de vezes para não fazer isso! – protestou Balthazar. – A vespa tem centenas de anos de idade! Ela é delicada.

– Às vezes não consigo me controlar – explicou Gus. – Como no primeiro dia em que chegamos, por exemplo. Eu estava passando pela mala de Balthazar e ouvi sua vozinha terrível me chamando, então tirei-a de seu pote e apenas... joguei hóquei com ela. Eu a golpeei para debaixo da pia, mas minha pata não conseguia alcançá-la. Ela ainda pode estar lá, mas não sei como recuperá-la. O espaço é muito estreito.

– Deixe comigo! – gritou Jacques, correndo até a pia e disparando sob o espaço apertado.

Um momento depois, ele reapareceu, carregando a frágil vespa nas patas. – Você não vai acreditar como esta vespa é malvada! As coisas que ela disse sobre mim... Não consigo repetir! Ela pica com o abdômen *e* com as palavras! – Jacques jogou a vespa em um pequeno copo de suco e limpou as mãos.

– Viu só? – suspirou Gus.

Enquanto Rose misturava a massa para o pão de ló, Balthazar folheava as páginas do Tomo de Culinária.

– O que você está procurando? – interessou-se Rose.

– Sinais de mau uso – respondeu ele. – Páginas faltando, difamação, coisas assim.

Assim que Rose terminou a massa, ela inclinou sobre a tigela o copo de suco em que estava a vespa antiga; esta suspirou ao deslizar pela borda do copo. Com um monte de lamentos e reclamações, conseguiu enfiar o ferrão na massa amarela, que se tornou em violento vermelho pulsante. Rose inclinou o copo, tirando-o da massa, e a vespa deslizou de volta para o fundo.

– As vespas não morrem após picar alguma coisa? – questionou Sage.

– As vespas não morrem após a picada – Leigh soltou a voz do sofá, usando a voz profunda e grave de Balthazar –, pois seus ferrões não são farpados. Além disso, elas não são *besouros*, fazem parte da ordem *Hymenoptera*; já os besouros são membros da ordem *Coleoptera*. Tenho certeza de que Lily conhece todas as ordens de insetos.

Ty se virou para Rose.

– Prepare o bolo e faça com que o engula *já!*

O resto da receita do pão de ló era simples, e Rose deixou o tabuleiro de bolo no forno e definiu o cronômetro para seis músicas.

Após três músicas, Purdy e Albert ligaram do saguão para dizer que estavam tendo alguns problemas na saída do hotel – algo sobre a conta do quarto –, mas que logo retornariam. Rose tirou o bolo quente do forno após o tempo de seis músicas e levou uma fatia para Leigh.

– Então o que é? – perguntou ela com altivez. – Eu não quero comer, a não ser que Lily o tenha feito.

Sage agarrou os ombros de Leigh e a prendeu contra o sofá, enquanto Ty a forçava a abrir a boca.

– Tirem as mãos de mim, seus idiotas! – gritou ela.

Rose enfiou alguns bocados do pão de ló na boca da irmã, e Ty prendeu o queixo de Leigh até que ela não teve escolha além de mastigar e engolir.

Eles assistiram com espanto como os ramos selvagens de cabelos negros de Leigh pareceram ser puxados de volta para a cabeça cerca de três centímetros e o equivalente a três meses de manchas desapareceram de sua camiseta de *101 Dálmatas*, deixando-a apenas levemente amarronzada e repugnante, ao contrário de abjetamente marrom e repugnante. O misterioso brilho negro das íris desapareceu, e seus olhos se fecharam lentamente.

Quando Leigh os abriu de novo, ela riu.

– Leigh? – chamou Rose, beliscando o nariz dela. – Você sabe quem é Lily Le Fay?

Leigh colocou um dedinho sobre os lábios.

– A malvada?

– Certo! – disse Rose, erguendo sua irmãzinha nos braços. – Você sabe quem eu sou?

– Rosie! – gritou ela.

Rose escondeu o rosto na camisa suja de Leigh.

– Senti sua falta, Leigh.

– Por quê? Aonde é que eu fui? – gorgolejou ela.

– Bem, tecnicamente você não foi a lugar nenhum. Mesmo assim eu senti sua falta.

Jacques se arrastou até o lado de Rose e olhou Leigh no olho.

– Espere... esta criança não é um… demônio? Ela apenas estava sob o feitiço de uma bruxa?

– Ratinho! – riu Leigh, agarrando Jacques, que saltou do braço de Rose e caiu entre as orelhas amassadas de Gus.

– Vovô Balthazar – disse Rose –, esta é Leigh. A verdadeira Leigh.

– Prazer em conhecê-la – resmungou Balthazar, mal tirando os olhos do Tomo de Culinária.

Bem nessa hora, Purdy e Albert entraram pela porta. Albert apontou para Rose e seus irmãos.

– Já fizeram as malas?

– Não – respondeu Rose. – Mas fizemos Leigh voltar ao normal!

– Você fez o Pavê Reviravê? – perguntou Purdy. – Quantas camadas ela comeu?

– Só a parte do pão de ló, mamãe – respondeu Rose.

– Aí, garota! – elogiou Purdy. Ela olhou nos olhos de Rose enquanto puxava Leigh para seus braços. – Rosie, você é realmente maravilhosa. Eu te amo muito. E você também, Leigh!

– Mamãe! – balbuciou ela.

Balthazar olhou para cima, muito sério.

– Ah, não – disse ele. – Eu temia isso.

– O quê? – perguntou Rose, juntando-se ao avô no balcão.

– Olhe. – Ele apontou para o compartimento oco na capa de trás do livro, onde os apócrifos do Albatroz estavam armazenados. A coleção de receitas perigosas estava faltando.

Em vez disso, havia uma pequena inscrição, feita com a caligrafia floreada de Lily.

Propriedade de Lily LeFay,
Novata
Sociedade Internacional do Rolo de Massa

– Sociedade do Rolo de Massa? – questionou Rose. – O que é isso?

Balthazar suspirou.

– Há cerca de cem anos, os descendentes de Albatroz de todo o mundo criaram uma sociedade secreta. Eles vêm trabalhando escondidos por anos, criando todo tipo de maldade. Encolher os homens com *milk-shakes* podres não é nem a metade disso.

– O que isso quer dizer? – esganiçou Rose.

– Suponho que isso signifique que eles voltarão para buscar o Tomo – esclareceu ele. – Não agora, mas algum dia, quando você menos esperar. Vocês todos precisam se aplicar. – Ele fez uma pausa. – Vocês podem até precisar de um pouco de... proteção de avô. Deixei meu assistente Jorge no comando de minha *panadería*. Não acho que ele vá se importar em gerenciar o lugar um pouco mais. Além disso, o

gato ficou muito ligado a todos vocês.

– Então, só eu que fiquei ligado, hein, velho? – Gus saiu sorrateiramente do sofá onde estivera ajeitando o pelo da cauda. – E você, como de costume, não sente nada?

– É claro – rosnou Balthazar.

– Nós também ficamos ligados a você, *Abuelo* – disse Ty, despenteando o que restava de cabelo em seu *tata-tata-tataravô*.

Jacques saltou da cabeça de Gus e caiu na direção do buraco onde eles o haviam visto pela primeira vez.

– E eu acho que isso significa adeus ao Jacques.

Leigh desceu do peito de Purdy e foi rebolando atrás de Jacques.

– Volte, Ratinho!

Gus pulou do sofá.

– Jacques, a quem eu tenho orgulho de chamar de meu amigo. Você vai se juntar a nós também. Isto é, se a ilustre Sra. Bliss não se importar com um rato na cozinha.

– Claro que não – assegurou Purdy.

Jacques parou e tirou sua flauta.

– Eu nunca fui aos Estados Unidos! – exclamou ele. – Tenho que comemorar. Permita-me tocar o hino nacional dos Estados Unidos na minha flauta.

Todos se levantaram solenemente quando Jacques soprou as notas de “A Bandeira Estrelada”[13].

Rose sabia que tinha conseguido recuperar o Tomo e que ela acertaria Calamity Falls de novo, tudo sem nenhuma magia fria e calculista de Lily. Ela tinha tudo o que precisava ali: paixão por culinária, uma cidade pela qual faria qualquer coisa para proteger e uma família que amava. Isso era o bastante.

Rose ficou em pé com a família, enquanto todos colocaram a mão sobre o coração e ouviram a melodia cheia de esperanças de Jacques.

Para meu amado vovozinho,
um artesão de primeira.

Sobre a autora

KATHRYN LITTLEWOOD é escritora, atriz, comediante e gosta de tudo de bom que pode saborear na vida. Mora em Nova York, mas viaja muito para Los Angeles... e tem uma quedinha especial por *pain de chocolat* e por criar histórias deliciosas para seus leitores. Este é o segundo volume da trilogia Bliss, que está sendo publicada no Brasil pela Salamandra.

Notas

[1] Nota da tradutora: FDA – agência responsável pelo controle de alimentos e medicamentos no mercado norte-americano.
[2] Nota da tradutora: maneira afetuosa de chamar a Filadélfia.
[3] Nota da tradutora: Gala de Bolos Incríveis.
[4] Nota da editora: Leigh é uma forma abreviada de Parsley, nome que pode ser tanto feminino quanto masculino e também pode significar *salsa* ou *salsinha* em inglês; Rosemary não é apenas um nome próprio, mas também a palavra inglesa para *alecrim*. Como se verá, acontece o mesmo com todos os três irmãos de Rosemary, cujos nomes se aplicam tanto a pessoas quanto a plantas aromáticas de uso culinário. Já o sobrenome Bliss se traduziria por *deleite*, *extrema delícia*, *bem-aventurança*.
[5] Nota da tradutora: *Marjoram* não é apenas um nome próprio, mas significa ainda *manjerona*, um arbusto de origem europeia.
[6] Nota da tradutora: Termo criado para antiga região dos rios Tigre e Eufrates, que abrangeria Israel, Cisjordânia, Líbano e partes da Jordânia, Síria, Iraque, Egito, sudeste da Turquia e sudoeste do Irã.
[7] Nota da tradutora: Droga, não!
[8] Nota da tradutora: Meu amiguinho.
[9] Nota da tradutora: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, lema da Revolução Francesa.
[10] Nota da editora: Feriado nacional em que os norte-americanos homenageiam militares mortos em combate.
[11] Nota da tradutora: Jogo de palavras com o significado de rock, em inglês, que é rocha.
[12] Nota da tradutora: Diz-se, em jogos e competições, de cartas que podem assumir qualquer valor, como curinga.
[13] Nota da editora: Hino nacional dos EUA.

Katherine Tegen Books é um selo da Harper Collins Publishers.
A Dash of Magic – Uma pitada de magia

Tradução: Marina Garcia
1ª edição digital 2013
ISBN 978-85-16-09078-4

Editora Moderna Ltda.
Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.salamandra.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Littlewood, Kathryn
Bliss [livro eletrônico] : uma pitada de magia / Kathryn Littlewood ; tradução de Marina Garcia. -- São Paulo : Moderna, 2013.
5 Mb ; ePUB

Título original: A dash of magic.

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

13-10998 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5